

SELEÇÃO DE OBRAS ASCÉTICAS

- O Ideal da Alma fervorosa, por Augusto Saudreau,
3ª edição. 352 pp. (Avu) Broch.
- Migalhas Evangélicas, pelo P. Teodoro Ratisbonne.
Temas de meditação para todos os dias do ano.
448 pp. (Atmo) Broch.
- A Boa Vontade, pelo P. José Schrijvers C. SS. R. 2ª
edição. 128 pp. (Apu) Broch.
- Aos Pés do Senhor. Meditações para pessoas secula-
res, moldadas no espírito da Ação Católica, para to-
dos os dias do ano, por Frei Atanásio Bierbaum
O. F. M. Versão de Justino Mendes. 2ª edição.
388 pp. (Arma) Broch.
- Arte de Aproveitar-se das Próprias Faltas, segundo
S. Francisco de Sales, pelo P. José Tissot. Adapta-
ção sobre a 28ª edição francesa. 2ª edição. 184 pp.
(Arte) Broch.
- O Caminho Reto da Perfeição Cristã — o exercício
da vontade de Deus, por Fr. Paulo de Lagny
O. F. M. Cap. — Trad. vernácula por um Fran-
ciscano. (Algi) Broch.
- Glórias de Maria Santíssima, por Santo Afonso Ma-
ria de Ligório. Versão pelo Pe. Geraldo Pires de
Sousa C. SS. R. 400 pp. (Adi) Broch.
- Exercícios de S. Inácio de Loyola, pelo P. Alexandrino
Monteiro S. J. 472 pp. (Ane) Broch.
- A Fé no Amor de Deus, por uma Irmã da Providência.
352 pp. (Alje) Broch.

Pedidos à EDITORA VOZES LIMITADA
Caixa Postal 23 — Petrópolis, R. J.
Filiais: Rio e São Paulo

Palavra telegráfica deste volume — Broch. Amba

P. JOSÉ SCHRIJVERS, C. SS. R.

ALMAS CONFIANTES



VOZES

P. JOSE' SCHRIJVERS C. SS. R.

ALMAS CONFIANTES

SCIO CUI CREDIDI (2 TIM 1, 12).
CONHEÇO AQUELE A QUEM DEI MI-
NHA CONFIANÇA.

Traduzido do Francês

por

HERIS DE OLIVEIRA LIMA

III EDIÇÃO



1955

EDITORA VOZES LIMITADA — PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

I M P R I M A - S E
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI LAURO OSTERMANN,
O. F. M. PETRÓPOLIS, 1-X-1955.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

INTRODUÇÃO

Jesus sentia-se feliz entre as criancinhas. Colocava-as sobre os joelhos, estreitava-as contra o coração e abençoava-as.

Quando os apóstolos queriam despedi-las, Jesus tomava sua defesa: "Deixai vir a mim, diz, porque delas é o reino de Deus. *Sinite parvulos ad me venire, talium est enim regnum Dei!*" (Mc 10, 14).

Acariciando assim as criancinhas, Jesus pensava naqueles que se lhes assemelham, em todos os corações humildes e confiantes, que viveriam um dia sobre a terra.

Quereria reunir, hoje, em torno do doce e bom Mestre, todas as almas dispersas no universo e entre-tê-las sobre a humilde confiança, sobre o amor filial para com Jesus e Maria!

Jesus disse: "*Si potes credere, omnia possibilia sunt credenti*" (Mc 9, 22). Se podes crer, tudo é possível àquele que crê!"

Se, pois, uma alma tem confiança, poderá alcançar a coisa mais bela e necessária, a única digna de ser desejada: o amor perfeito, o desprendimento total da criatura, a imitação integral de Jesus, o divino Salvador.

Quem não quereria tomar Jesus pela palavra e arrebatá-lo a santidade por uma confiança absoluta!

As páginas que se seguem não têm outro fim senão ajudar as almas de boa vontade neste nobre intento.

Seu primeiro fim é *esclarecer* as almas.

A santidade consiste em fazer vir Jesus Cristo em nós: *Vivo ego, jam non ego, vivit vero in me Christus* (Gál 2, 20). Quando Jesus Cristo viver em nossa inteligência por seu amor e em nossa atividade por uma perfeita conformidade ao seu divino querer, o fim que tinha, chamando-nos à existência, está alcançado.

Ora, esta vida de Jesus em nós, o Espírito Santo depositou o germe dela em nossa alma pela *graça santificante*.

Ao começo, a espiga não é senão um minúsculo grão de trigo lançado à terra; a planta no princípio não é senão um embrião imperceptível; o carvalho majestoso no começo é apenas uma bolota insignificante.

Assim, a magnífica florescência da vida sobrenatural que apresenta uma alma chegada à maturidade espiritual, está contida inteiramente num simples germe: a *graça santificante*.

Este germe encerra em si, em proporções ainda minúsculas — em estado de simples hábitos infusos — numerosos ramos: as quatro virtudes cardeais, as três virtudes teologais, os sete dons do Espírito Santo.

A sucessão dos capítulos¹ deste livro mostrará como este germe da *graça santificante* se desenvolve e se torna uma grande árvore cujos galhos se cobrem de folhas, flores e frutos.

1) A distribuição das matérias foi feita de tal modo que se possa, em caso de necessidade, utilizar o livro para fazer um retiro de 10 dias.

E' a *confiança* a primeira causa deste crescimento; sem ela não há graças e sem a graça não há progresso na virtude. *Deus autem incrementum dedit* (1 Cor 3, 6). E' Deus quem dá o crescimento.

A confiança, porém, sem a oração é estéril: *Petite et dabitur vobis* (Mt 7, 7). Pedi e dar-se-vos-á.

Munida desta confiante oração, a alma começa o primeiro trabalho. Extermina as más ervas, desenraíza seus defeitos, sobretudo os mais capazes de sufocar a boa semente: o orgulho, os apegos do espírito e do coração, os defeitos do caráter, e substitui estes vícios por hábitos contrários, isto é, as virtudes infusas.

Assim purificada, pode aplicar toda sua atenção ao exercício da vida iluminativa, pela prática mais intensa das virtudes teologais. Começa assim a revestir-se de Jesus Cristo, esforçando-se em o conhecer, amar e imitar.

Enfim, o Espírito Santo virá coroar sua obra concedendo-lhe a graça de viver habitualmente durante a *oração* e durante a *ação* sob a influência dos *dons do Espírito Santo*.

Então, está atingida a perfeição e a alma que muitas vezes semeou nas lágrimas, colhe agora na alegria os *frutos do Espírito Santo*: *Euntes ibant et flebant, mittentes semina sua, venientes autem venient cum exultatione portantes manipulos suos* (Sl 125, 6). Iam chorando, lançando a semente, mas vieram com gritos de alegria, trazendo os feixes de sua messe.

Ao lado deste fim principal que é esclarecer, visei um segundo: *Prevenir as almas*.

Nada, sem dúvida, é mais belo nem mais seguro do que a trilha da filial confiança, a trilha da infância espiritual; e Jesus Cristo afirma: "Em verdade, vos digo, aquele que não aceitar o reino dos céus como

uma criancinha, nele não entrará: *Amen dico vobis, quisquis non acceperit regnum Dei velut parvulus, non intrabit in illud* (Mc 10, 15).

Contudo, há certos perigos a afastar e certas ilusões a evitar. Aquele que só se apegasse ao exterior da vida da infância espiritual e negligenciasse o que constitui sua essência, iludir-se-ia consideravelmente.

O amor pregado por esta doutrina tem exigências, o abandono que supõe pede o sacrifício total da liberdade humana, a intimidade com o Mestre a qual conduz não é somente a do Tabor, é também e sobretudo, enquanto vivemos, a do Calvário.

Logo, há necessidade de chamar frequentemente a atenção sobre este escolho e pôr em evidência o sacrifício contínuo que Jesus exige daqueles que convida a segui-lo.

Enfim, o terceiro fim visado nestas páginas é *encorajar* as almas sinceras, desejosas de tudo fazer e de tudo sofrer para chegar à perfeita união com o divino Mestre, porém detidas por toda sorte de dificuldades, de penas interiores e de penosas dúvidas. Tais almas são legião no claustro e no mundo.

Não puderam, em consequência de seu estado, dedicar-se a um estudo metódico da vida espiritual e, aliás, os livros que tiveram nas mãos eram demasiado elevados para elas ou demasiado áridos ou demasiado impregnados, na sua opinião, de ciência humana e de erudição. Tinham necessidade de outra coisa.

Estas almas, a experiência o faz crer, sentem, na sua maioria, no mais íntimo do coração, atrativos superiores do Espírito Santo, convites a maior confiança, a maior fidelidade, a maior abandono à ação divina. Receberam de Nosso Senhor, pelo menos por intervalos, incontestáveis provas de bondade pouco comum,

de misericórdia e de condescendência e não sabem o que devem pensar destes toques divinos.

Por um lado, desejam seguir o apelo para confiança que lhes parece vir do céu, e, por outro lado, temem ser joguete da imaginação.

Os livros que lhes colocamos nas mãos são mudos sobre a matéria de sua dúvida. Os próprios padres aos quais pedem conselho parecem, às vezes, ignorar o mundo sobrenatural. Em vez de encontrar neles luz e estímulo só encontram desconfiança e não auferem senão inquietação e dúvida.

Oh! como inspiram compaixão estas almas humildes, estes filhos que pedem pão, e não há ninguém para lhes dar. *Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangeret eis* (Lam 4, 4).

Mas também que confiança e que alegria, quando podem encontrar um livro em harmonia com seu estado de alma! Que segurança e que paz quando vêm expressos por outrem os sentimentos, as aspirações, os pensamentos que acreditavam serem só seus.

Digne-se o Espírito Santo, que se apraz em empregar meios insignificantes do ponto de vista humano, servir-se destas humildes páginas para tocar algumas destas almas bem dispostas, para lhes trazer a luz e o conforto necessários, para acalmar seus fúteis temores.

Digne-se a Virgem Imaculada, a Mãe do Perpétuo Socorro, abençoar este livro e conduzir a Jesus, por seu intermédio, numerosas almas humildemente confiantes na sua bondade infinita e prontas a fazer todos os sacrifícios para lhe provar seu amor.

CAPITULO I

A CONFIANÇA

ARTIGO I

A ALMA CONFIANTE DEVE ESPERAR A GRAÇA DE ATINGIR A PERFEIÇÃO

1. Ao limiar da vida espiritual a alma, com razão, pergunta-se a si própria: posso chegar à perfeição?

O coração confiante deve responder com toda confiança: Sim! chegarei à perfeição, não apoiado em mim mesmo, porém apoiado em Jesus.

Infelizmente, esta confiança custa a se aclimatar no coração frio e egoísta do homem. O defeito mais comum das almas religiosas, diz o venerável Padre Passerat, é a falta de confiança.

Se assim dizemos das pessoas consagradas a Deus, o que não devemos dizer daquelas que passam a vida absorvidas pelos cuidados do século!

E o que não faremos para mudar uma disposição tão deplorável do coração humano, sobretudo quando conhecemos a dor íntima que esta desconfiança dos homens causou a Nosso Senhor.

2. Mas o que importa mudar não é tanto o coração, é o espírito, a convicção. Muitas almas não têm uma idéia precisa da perfeição a adquirir. A santidade não é um ideal abstrato, invariável e único para todos.

E' uma coisa concreta, peculiar a cada um. E' o acordo entre duas vontades, a de Deus e a nossa, acordo extensivo a todos os detalhes da vida. A santidade é a reprodução de Nosso Senhor Jesus Cristo em nós, com os traços concretos, os matizes individuais exigidos de nós em particular.

3. Duas sementes destinadas a produzir a mesma espécie de flor, não a produzem de maneira idêntica.

Nunca dois carvalhos foram absolutamente iguais entre si, sob todos os aspectos. Contudo um e outro são produzidos por uma lande de igual natureza.

Todos os homens diferem entre si, de algum modo, ainda que todos pertençam à mesma raça humana.

Cada cristão é chamado a imitar Nosso Senhor Jesus Cristo, porque cada um recebeu no batismo o germe da vida sobrenatural: a graça santificante. Entretanto, cada um é chamado a imitá-lo da maneira que lhe é pessoal, cada um deve reproduzir, de sua maneira, tal e tal traço especial da infância, da vida pública ou da paixão do Salvador.

Está aí a variedade do mundo natural, está aí também a beleza do mundo das almas.

4. Quando uma alma, ao deixar a terra, realizou seu gênero de conformidade ao adorável Modelo, Jesus Cristo, é perfeita e é santa.

Os designios de Deus não são os mesmos para todas as almas. Deus não exige as mesmas obras de todo mundo. Dá a cada um sua medida. Quando a medida está cheia, grande ou pequena, a alma está perfeita.

Entre os anjos há diferença de perfeição. Os Tronos não são Serafins, os Arcanjos não são Dominações. Contudo todos têm o grau de beleza e glória previstas por Deus.

Se um anjo da última hierarquia quisesse ser, no céu, semelhante aos Querubins, não seria santo, não realizaria os planos de Deus.

5. Na perfeição dos eleitos, no céu, há uma parte comum a todos e que todos tiveram que adquirir aqui na terra. E' a fidelidade à ordem de Deus.

Há também uma parte particular a cada um. E' plano que Deus havia concebido para cada um em particular. Esta última marca a diferença entre os santos do céu.

A uns Deus prescreve coisas extraordinárias: jejuns, macerações, trabalhos a empreender, sofrimentos a suportar, perseguições a sofrer. A santidade destas almas consiste em seguir esta vontade de Deus.

A outros, à maioria, prescreve um conjunto de coisas comuns: o cumprimento da sua tarefa cotidiana, a alegre aceitação das cruzes de cada dia. Sua santidade consiste em cumprir isto. Se tal conseguem, a vontade de Deus, a seu respeito, está completamente cumprida.

6. Estamos, pois, em erro, se só acreditamos verdadeira a santidade dos grandes penitentes, ou dos anacoretas ou dos mártires, ou dos homens célebres por suas ações heróicas ou número dos seus milagres.

Estas almas seguiam, cada uma, um gênero especial de santidade, precisamente aquele que Deus lhes havia destinado.

Sua perfeição consistiu não na grandeza, na nobreza ou no esplendor das obras, mas na fidelidade cheia de amor em desempenhar esta tarefa.

Se encontrássemos uma alma que, na vida ordinária, tivesse sido mais fiel do que elas à ordem de Deus, as excederia em perfeição.

7. E' precisamente esta verdade que a Providência parece querer pôr em realce nestes últimos tempos. Suscitou uma plêiade de almas santas sem nenhuma obra extraordinária, que não tiveram nem ocasião, nem inspiração, de se abater por penitências, que foram ignoradas e escondidas aos olhos dos seus contemporâneos.

8. A santidade concreta, a única real, é a completa docilidade ao apelo da graça, a amorosa aceitação de todas as disposições da Providência a nosso respeito e a respeito de toda criatura, no tempo e na eternidade.

Qual a alma cristã que não poderia chegar, com o tempo, ajudada pela graça, a fazer este ato de perfeita doação? Qual a alma de boa vontade que não poderia, com esta mesma graça, nunca recusada a quem a pede, prolongar esta vida de adesão a Deus, até à morte?

9. O' Jesus! criai em mim esta boa vontade, esta simples e filial confiança em vós e em vossa divina Mãe.

Vós sois meu bem-amado Salvador. Não posso, por um instante sequer, supor que minha miséria e meu nada — a miséria e o nada de um verme da terra — sejam capazes de esgotar vossa misericórdia e vosso poder.

Quero, pois, entregar-me inteiramente a vós. Quero causar-vos a alegria de adivinhar todas as minhas necessidades e de provê-las antes que tenha tido tempo de vo-las expor.

Quero dar-vos a consolação de ter encontrado um coração que nunca duvida de vossa bondade inesgotável.

ARTIGO II

PRIMEIRO MOTIVO DE CONFIANÇA: DEUS E' BOM

1. A alma confiante tem certeza de chegar à santidade. Todavia, para não se iludir, deve procurar inteirar-se do motivo exato de sua confiança.

Há as que se apóiam muito nos dons da natureza e da graça: uma inteligência viva e firme, uma vontade resoluta e tenaz, as luzes e os passados atractivos interiores, a fidelidade por muito tempo conservada no serviço de Deus, uma atividade incansável para progredir, um método preciso, exercícios espirituais cuidadosamente escolhidos e gradualmente distribuídos.

Todo este conjunto dá a estas almas uma impressão de segurança e estimula-as a avançar no trabalho da perfeição.

2. Outras, mais esclarecidas, mais experimentadas nos caminhos de Deus, não se fiam de todo nestas coisas.

Estes fundamentos estão demasiado unidos a elementos humanos; devem, pois, ser frágeis por algum lado. Além disto, não resistiriam à prova da experiência. Os imprudentes, apoiados em si mesmos, mui frequentemente conheceram por própria experiência sua inconstância.

Aliás, se estes dons naturais e sobrenaturais fossem o verdadeiro motivo da virtude da esperança, deveriam estar ao alcance de toda alma cristã, porque cada uma tem obrigação de praticar a confiança. Ora, são apenas o apanágio de alguns privilegiados.

3. Começando o trabalho da perfeição, a alma solícita de chegar ao fim deve purificar o motivo de sua virtude de esperança de todo elemento humano. Uma virtude teológica não pode ter por motivo senão Deus só. O fundamento da esperança cristã é Deus, bom, todo poderoso e fiel às suas promessas.²

Detenhamos, pois, nossa atenção, antes de tudo, sobre o primeiro elemento: a bondade de Deus, seu amor benfazejo.

Este amor de seu divino Coração é imenso, e no seu princípio e nas suas manifestações e nas suas conseqüências. Começo, meio e fim, tudo na benfazeja caridade de Deus deve causar-nos admiração e prender-nos a Jesus por uma confiança absoluta.

4. Jesus é homem-Deus. Como Deus, é o amor incriado: *Deus caritas est* (1 Jo 4, 8). Não é somente amante, é o próprio Amor. E se Deus é essencialmente Caridade, é também por essência a Bondade. *Deus, cujus natura bonitas.*

Esta bondade, sendo de Deus, é por si mesma inesgotável. Deus ama todas as criaturas como obra de suas mãos (Sl 137, 8). Ama em particular as criaturas humanas, imagens de sua própria perfeição (Gn 1, 26). Ama, porém, muito mais ainda e com amor de Pai, as almas justas, seus filhos, outros Jesus.

5. Façamos um profundo ato de fé: Deus ama-nos com amor infinito, distinto, imutável, se não me afastar dele por um ato consciente de minha livre vontade; Deus consagra-me um amor atual, eficaz, querendo prodigalizar-me todo bem que sou capaz de aceitar. Tem um desejo constante de fazer-me participar de seus benefícios, de sua própria vida, de sua divina amiza-

²) S. Afonso Mor., I. II, n. 21. Grande meio de oração, p. II, cap. 4, § 4.

de, de seu céu: *In caritate perpetua dilexi te, ideo attraxi te miserans* (Jer 31, 3). Amei-te com amor eterno, eis aí por que, na minha misericórdia, atraí-te a mim.

Deixemos penetrar em nossa alma e em nossa vida este ato de fé no amor infalível, imutável, gratuito e eficaz. Persuadamo-nos de que nada pode interceptar este suave calor, nem impedi-lo de penetrar em nossa alma, a não ser nossa vontade obstinada a não querer aceitar este amor.

6. Jesus, como homem, é bom sem limites. Possui o mais perfeito coração humano, o mais terno, o mais amante, o mais desejoso de praticar o bem, o mais sensível ao esquecimento e à ingratidão.

Ora, tu, desprezível criatura, tão amada por Ele, tu que sabes que Ele está sequioso de amor, tens medo de aproximar-te dele, hesitas em dar-lhe entrada no teu próprio coração.

Se ao menos tivesses ignorado o mistério do Amor abaixando a ti o Deus da eternidade, serias desculpável.

7. E não falemos de nossa indignidade para sermos amados por Ele com ternura, nem de nossa muito grande malícia para poder esperar dele a graça da santidade.

Jesus começou a amar-nos: quando éramos seus inimigos, ele nos amou (Rom 5, 10). Assim como não é porque somos dignos que continua a amar-nos.

Nunca mudemos a ordem que Deus estabeleceu entre a causa e o efeito.

A causa primária de nossa perfeição é Deus, sua caridade, sua bondade, desejosa de se comunicar. O efeito desta condescendência divina é — se nós o aceitamos — nossa perfeição.

8. Deus amou-nos primeiro: *Quoniam Deus prior dilexit nos* (Jo 4, 19). Amou-nos primeiro, não só uma vez, mas cada vez e em cada um de nossos atos virtuosos. Amou-nos primeiro, infundindo-nos a graça santificante. Amou-nos primeiro, dando-nos o aumento desta graça, e a graça atual para a fazer frutificar e o pensamento e o gosto da oração para obter esta graça atual.

Ninguém vem a mim, disse Jesus, se meu Pai não o atrai: *Nemo venit ad me, nisi Pater traxerit eum* (Jo 6, 24).

9. Infinito no seu princípio, infinito nas suas manifestações, o amor admirável de Jesus é igualmente infinito nos seus efeitos.

Quando pode encontrar uma alma completamente confiante e convencida de sua própria miséria, não há maravilhas que não opere nela.

A graça santificante já é, por si só, um dom de riqueza incompreensível, uma participação criada segundo a própria natureza de Deus. Torna o cristão filho adotivo de Deus Padre, irmão de Jesus, templo vivo do Espírito Santo. Atrai a um coração criado as três Pessoas divinas e faz deste coração humano um céu sobre a terra. Prepara, desde cá na terra, uma eternidade de felicidade e de glória para a alma que dela está enriquecida.

10. Mas, o misterioso desenvolvimento desta vida divina na alma justa é ainda muito mais admirável. Jesus insinua-se na inteligência, na vontade e nas outras faculdades do homem em estado de graça. Transforma insensivelmente seus sentimentos, suas afeições, seus desejos e seu julgamento. Corrige suas faltas, repara seus agravos, desenraíza seus defeitos e purifica-o de suas manchas. Instrui-o por inspirações

súbitas, atrai-o para o bem por suaves atrativos, misteriosas delícias de sua presença.

Às vezes, Jesus fala à alma intimamente, como um amigo fala a seu amigo, comunica-lhe seus divinos segredos, faz-lhe sentir no íntimo do coração que tem cuidado com ela, convida-a a esquecer-se de si própria e a ocupar-se dos interesses dele. Estimula-a constantemente a ser fiel à sua graça, a aproveitar do tempo da vida aqui na terra, fala-lhe de sacrifício, de amor recíproco, de devotamento à sua causa.

Oh! sim! quando Jesus resolveu amar, ama como Deus, admiravelmente.

11. Este amor tem qualquer coisa de penetrante, de veemente e de irresistível.

Um Deus que ama quer alcançar a todo preço o objeto de seus desejos. Quer entrar no coração do homem, ganhar toda a sua confiança, expulsar dele todo temor servil, provocar seu amor recíproco e levá-lo ao dom total de si.

Que sofrimento para este coração de um Deus eterno e infinito, quando não consegue fazer compreender seu amor por estas pequenas criaturas cujo coração e espírito Ele próprio formou, quando vê que este ser insignificante, que tanto amou e por quem tanto se humilhou, duvida de sua bondade, fecha seu coração e afasta-se dele.

Então, este amor veemente, enganado e suplantado, muda-se em divino ciúme, em infinita cólera.

O inferno, com suas penas eternas, é ainda o amor sem limites de Deus perseguindo sua ingrata criatura até na eternidade e vingando-se nela por não se ter podido fazer aceitar.

Oh! é necessário que vós me ameis, exclamava santo Agostinho, para ter criado o inferno a fim de que eu seja obrigado a apegar-me a vós.

SEGUNDO MOTIVO DE CONFIANÇA:
DEUS É TODO PODEROSO

1. A santidade por adquirir interessa simultaneamente a Deus e ao homem, mas interessa antes de tudo e principalmente a Deus, e só interessa ao homem depois, e de maneira secundária.

O cristão deve tornar-se santo, porque esta perfeição deve manifestar a glória de Deus, seu poder, sua munificência, sua bondade, sua misericórdia, seu amor. Deve igualmente tornar-se santo para ser eternamente feliz no céu.

Mas este segundo fim está subordinado ao primeiro: não tem outra importância.

Certas almas invertem esta ordem estabelecida por Deus. Têm tendência a considerar a santidade como um trabalho pessoal, que as interessa mais do que a Jesus, como uma empresa que, frustrada, prejudicará a elas e não, primeiro que tudo, a Deus.

2. S. Paulo destruiu por uma só palavra esta espiritualidade estreita e egoísta: *Vos autem Christi, Christus autem Dei* (1 Cor 3, 23). Vós sois para Cristo e Cristo é para Deus.

Pela criação do mundo visível Deus mostrou seu poder na ordem natural. Pela santificação das almas deseja manifestar seu poder na ordem sobrenatural.

Quanto mais uma alma destinada à perfeição se reconhece mergulhada profundamente no seu nada e no seu pecado, mais Deus, santificando-a, faz sobressair nela a força de seu braço todo poderoso. Deus quer na nossa santificação a glória de seu santo nome.

3. Deus é, pois, mais desejoso de nossa santificação do que nós próprios o saberíamos ser. Previne-nos com sua graça antes que tenhamos tido tempo de ex-

primir nossos pedidos: *Praeparationem cordis audivit Dominus* (Sl 10, 17). Ouve a preparação de nosso coração. Rodeia-nos de cuidados paternos, a fim de que não nos firamos na pedra do caminho: *Ne forte ofendas ad lapidem pedem tuum* (Sl 90, 12).

Segura-nos pela mão e guia-nos em todas as nossas vias, a fim de que não nos desviemos nem para a direita nem para a esquerda: *Tenuiste manum dexteram meam et in voluntate tua deduxisti me* (Sl 72, 24).

Ainda mais, carrega-nos em seus braços, sobre seu seio: *Ad ubera portabimini* (Is 66,12), embala-nos sobre seus joelhos, *super genua blandientur* (Is 66, 12), para que o amemos e nunca o abandonemos.

Ele próprio no-lo disse no antigo testamento, quando ainda não imaginávamos as invenções de seu amor.

Quando não podíamos ainda conhecê-lo nem invocar seu socorro, Deus tirou-nos da lama do pecado e da poeira do nada para nos fazer sentar com os príncipes de seu povo: *Suscitans a terra inopem et de stercore erigens pauperem, ut collocet eum cum principibus, cum principibus populi sui* (Sl 112, 7-8).

Se nos quer santificar é, pois, primeiro que tudo, para glória de sua majestade divina. Como podemos temer que seu braço todo-poderoso seja curto, que não possa alcançar o fim a que se propôs, criando-nos?

4. Jesus fez-se homem para glorificar seu divino Pai. Se somos cristãos, é para ajudá-lo nesta tarefa.

O Verbo de Deus ama infinitamente este Pai, como é por Ele amado infinitamente. Este amor recíproco é o Espírito Santo, o amor substancial.

Mas o Verbo de Deus quer arrastar nesta corrente de amor a criatura racional, e, para este fim, encarnou-se.

Quer fazer de cada cristão outro Cristo, quer converter cada alma em instrumento de amor para com seu Pai, quer transformar cada coração em um largo e profundo canal pelo qual fará passar novamente torrentes de amor.

Cada ato sobrenatural desta alma amante estará incumbido de exprimir ao Pai celeste o amor infinito de seu Filho.

5. A santidade a adquirir não é, pois, antes de tudo interesse seu, é o interesse de Jesus que, por ela, quer amar o Pai.

Jesus deseja, pois, mais do que ela própria, santificá-la.

Alma pusilânime, por que hesitas? Jesus quer ter necessidade de ti para amar seu divino Pai... e tu tens medo e dúvidas de que ele te queira socorrer!

Oh! como o coração humano é amesquinhado pelo egoísmo!

6. A maior parte das almas não se ocupa, nos seus colóquios com Jesus, dos seus divinos interesses, nem dos homens condenados aos milhares, nem das empresas do inferno contra Cristo, nem do progresso da impiedade, nem do número assustador de almas que ainda ignoram a Redenção.

O que lhes absorve a atenção são as consolações, as securas, os pequenos desejos, as decepções, as cruzes e as penas de cada dia.

E quando Jesus, por sua vez, quer falar e manifestar-lhes suas penas, suas decepções com as almas e seu imenso desejo de atrair o mundo inteiro para seu

divino Pai, só o escutam distraídas, através de suas preocupações pessoais.

7. Nesta concepção egoísta da santidade, a alma está sempre em face de si mesma e de sua impotência. Devemos admirar-nos de vê-la medrosa, desconfiada e pusilânime, sempre ocupada em contar suas faltas e em analisar seus atos de virtude? Devemos admirar-nos da falta de ardor e de abandono filial?

Ela é uma mercenária e não uma filha.

8. Deus Padre quer, por nosso intermédio, glorificar seu nome divino. Deus Filho quer por nosso coração amar novamente seu Pai. Deus Espírito Santo, a Caridade incriada, quer espalhar nas almas seus infinitos tesouros de amor.

Caritas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum qui datus est nobis (Rom 5, 5). A Caridade de Deus foi difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.

No começo dos tempos o Espírito de Deus pairava sobre as águas para aquecê-las com seu sopro, para aí produzir os germes de vida: *Spiritus Dei ferebatur super aquas* (Gn 1, 2).

Assim o Espírito Santo, desde a criação dos homens, tem pairado sobre este oceano de iniquidade que é o mundo. Quer aquecê-lo por seu sopro divino, quer extinguir as lareiras das paixões ateadas pelo pecado, quer lançar nele os germes da vida sobrenatural e aí os fazer germinar.

Por que nossa alma não olharia o alto pela confiança para atrair sobre si este Espírito de Amor e de Bondade!

9. O profeta Ezequiel via o deserto coberto de ossos dessecados. "Pensas tu, pergunta-lhe o Espírito de

Deus, que estes ossos possam reviver? *Putasne, vivent ista?* (Ez 37, 3).

Ai! o mundo sobrenatural é um deserto onde jazem dispersas, semelhantes a esqueletos descarnados, as almas dessecadas pelo pecado.

Pensais que Deus possa volvê-las à vida, restituir-lhes sua primitiva beleza e atraí-las à mais alta perfeição?

E por que não o poderá? Se temos confiança no seu poder ele o fará.

10. O' Espírito divino, que pairastes acima de nossa pobre terra para aí buscar uma presa para vosso amor! O' Águia divina, que fixastes vossa escolha sobre a humilde Virgem de Nazaré e a levastes no vosso voo poderoso, acima do contágio do pecado! permiti ainda a esta Virgem Imaculada, a quem fizestes Mãe de Jesus segundo a carne, engendrar espiritualmente este mesmo Jesus em nossas almas.

ARTIGO IV

TERCEIRO MOTIVO DE CONFIANÇA: DEUS É FIEL AS SUAS PROMESSAS

1. Deus é bom: quer ajudar-nos, é poderoso, pode ajudar-nos. É fiel: obriga-se a ajudar-nos.

A segurança de sermos guiados por Deus à perfeição, se não largamos sua mão, é baseada na fidelidade de Deus à sua promessa.

E esta promessa Deus quis fazê-la de diferentes maneiras, explícita e implicitamente, por palavras e por obras.

2. Deus impõe a cada cristão um mandamento: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito: *Diliges Domi-*

num Deum tuum, ex toto corde tuo, et in tota anima tua, et in tota mente tua (Mt 22, 37).

Se impõe o preceito do amor, do amor perfeito, do amor abrangendo todas as faculdades do homem e estendendo-se a seus pensamentos, a suas afeições, a seus sentimentos e a suas ações, não dará os meios para isto à alma sincera?

3. Deus manda praticar a virtude teologal de esperança; faz seu mandamento sob pena de pecado mortal. Ameaça, pois, o cristão de rejeitá-lo eternamente de sua presença se recusou a ter confiança nele.

Como depois de um tal mandamento e de uma semelhante sanção o cristão pode admitir uma dúvida sobre a fidelidade de Deus em conceder o que ele manda esperar?

4. Jesus disse: *Estote ergo vos perfecti sicut Pater caelestis perfectus est* (Mt 5, 48); sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito.

Como um Deus poderia propor aos homens a imitação de um tal ideal, fazer consignar sua ordem no Evangelho, transmiti-la a todos os cristãos do mundo, se não tivesse ao mesmo tempo a firme vontade de tornar possível sua execução?

5. No santo batismo, o Espírito Santo infunde na alma da criança não só a graça santificante como também as virtudes cristãs teologais, morais e os sete dons do Espírito Santo. Estas virtudes e estes dons são, na alma regenerada, como uma semente que a graça atual, de acordo com o livre arbítrio do homem, fará frutificar.

Quem poderia duvidar que Deus, o Deus de sabedoria e de bondade, confiando à alma esta preciosa semente de santidade, não queira ao mesmo tempo fazê-la chegar ao seu perfeito desenvolvimento! Ora,

este crescimento, este desenvolvimento integral das virtudes e dos dons do Espírito Santo, é a santidade.

6. A estas promessas implícitas, Deus ajunta uma declaração formal, vinte vezes repetida no Antigo e Novo Testamento, declaração explicada por exemplos e comentada por palavras.

Esta promessa está encerrada nestas palavras de Nosso Senhor: *"Pedi e recebereis. Tudo que pedirdes a meu Pai em meu nome, ele vo-lo dará"*.

Quando Deus dá sua palavra de honra, quando, conhecendo nossa inata desconfiança, a dá de caso pensado várias vezes e em termos diferentes, quando a confirma por uma espécie de juramento: *Amen, amen dico vobis*, em verdade, em verdade, vo-lo digo, pode encontrar-se um só cristão, fosse pecador, para duvidar da fidelidade de Jesus Cristo em cumprir sua promessa!

7. E não digamos que temos confiança na palavra de Deus, mas que desconfiamos de nós mesmos: "Deus sem dúvida fará sua parte, mas sou incapaz de fazer a minha".

E' a desculpa habitual da covardia.

Deus quer nossa santificação, quer este fim com sinceridade. Quer atingi-lo não em um ser ideal, que não experimentou os danos do pecado original, mas em nossa degradada natureza humana.

Deus, pois, devia querer arranjar-nos um meio universal, acessível a todas as almas mesmo ignorantes e pecadoras, um meio sempre eficaz por si mesmo, um meio que põe ao nosso alcance todos outros socorros na proporção em que os solicitamos.

Este meio é a prece. Pela prece podemos obter uma graça de oração cada vez mais intensa e chegar

gradualmente a obter de Deus os mais admiráveis auxílios, aqueles que fazem os santos.

8. O compromisso implícito e a promessa explícita feitos por Deus de conceder-nos — se as pedimos — todas as graças necessárias para chegarmos à perfeição, ele as consignou numa instituição pública, sua santa Igreja, destinada a durar até o fim do mundo.

A esta Igreja dá um chefe visível que participa de sua divina infalibilidade, a fim de repetir a todos os fiéis a verdade das promessas divinas. A este chefe comunica todos os seus poderes, mesmo o de abrir ou fechar o céu.

A esta Igreja confia seus sacramentos para comunicar a vida divina às almas pelo batismo, restituí-la pela penitência se elas a perderam pelo pecado, fortificá-la pela confirmação, mantê-la pela santa Eucaristia, purificá-la e, em caso de necessidade, restituí-la pela extrema-unção, garantir e perpetuar a distribuição desta vida divina pelos sacramentos da ordem e do matrimônio.

A esta Igreja Jesus faz sobretudo a dádiva inapreciável de sua presença permanente sob as espécies do pão, a fim de ser, no seu tabernáculo, o confidente habitual e sem intermediário de todas as nossas misérias, o alimento cotidiano de nossa vida sobrenatural e a vítima sempre imolada para nos obter o perdão de nossas faltas.

Assim Jesus não só prescreve a perfeição, não só a promete à oração humilde e confiante, mas ainda, por sua Igreja, oferece-a todos os dias a cada alma que a quer aceitar: *Expandi manus meas tota die* (Is 65, 2).

9. Se Jesus coloca a santidade ao alcance de todos os cristãos, que admirável facilidade não dá às

almas piedosas, banhadas por assim dizer em graças sem número! Que penhor de santidade não reserva às almas religiosas cuja vida está tecida de exercícios espirituais, comunhões, santas missas, officios no coro e obras de caridade!

Que predileção não testemunha às almas sacerdotais que se encontram constantemente a sós com Ele, no santo altar, que o acolhem cada manhã nas mãos consagradas, como outrora a Virgem das virgens no seu nascimento, que são os distribuidores de seus dons, os ministros de suas misericórdias, os confidentes de seus segredos e, ai, também de suas decepções nas almas!

10. Se corações favorecidos e amados a tal ponto duvidassem ainda de Jesus, fosse em minúcias, a medida da ingratidão não estaria cheia para transbordar?

E Jesus, que conhece a fundo o coração humano, tão pronto a estreitar-se e a fechar-se, quis, sem dúvida, poupar-se deste último sofrimento, colocando entre si e nós, como um traço de união, um coração humano, o coração de sua própria Mãe que seria ao mesmo tempo a nossa.

Confiou-lhe a missão de atrair os homens, tão desconfiados, para lhes fazer aceitar os impulsos de sua graça, e apegá-los a ele pela confiança perfeita e o amor filial.

Oh! como Jesus devia usar de divina habilidade e de paciência infinita antes de possuir completamente nosso coração.

Que seja bendito por ter criado sua Mãe!

CAPITULO II

A ORAÇÃO¹

ARTIGO I

NECESSIDADE DA ORAÇÃO

1. Deus é bom, todo-poderoso e fiel nas suas promessas. Mas formulou esta promessa de maneira condicional: *Petite et dabitur vobis* (Mt 7, 7). Pedi e dar-se-vos-á. Em verdade, em verdade vo-lo digo, tudo que pedirdes a meu Pai em meu nome, ele vo-lo dará (Mt 21, 22).

Até aqui nada haveis recebido, porque nada pedistes (Jo 16, 24).

A condição para obter é a petição. Deus é o Senhor, não pode abdicar seu domínio soberano. Quer comunicar seus bens naturais e sobrenaturais, mas o homem deve confessar sua absoluta dependência com relação a Ele. A confissão desta dependência é a oração humilde.

2. A primeira infusão da graça já é puramente gratuita. Torna-nos completamente dependentes de Deus na ordem sobrenatural. *Sine me nihil potestis fa-*

¹) Santo Afonso. O grande meio da oração.

cere (Jo 15, 5). Sem mim nada podeis fazer. *Deus prior dilexit nos* (Jo 4, 19). Deus amou-nos primeiro.

Como a planta não se pode elevar à categoria de um animal, assim o homem não é capaz de dar a si mesmo a qualidade de cristão.

A natureza humana não pode pretender subir ao nível da natureza divina.

Entre a ordem natural e a sobrenatural há, para a criatura desprovida da graça, um abismo intransponível.

3. Se a infusão da graça santificante é gratuita, a conservação deste estado de graça o é igualmente.

Ninguém pode garantir a continuação de um benefício gratuito, senão pela oração.

Ninguém pode, só por suas forças, resistir às contínuas seduções do mal.

Ninguém possui por si mesmo o pensamento, a boa vontade e a energia necessárias para praticar a vida cristã, nem a paciência para carregar em paz sua cruz de cada dia.

4. A infusão da graça e sua conservação são dons de Deus, mas seu aproveitamento não o é menos.

A graça santificante por si mesma não é a perfeição cristã. É um germe que deseja crescer, lançar raízes, estender numerosos galhos, produzir folhas, flores e frutos.

As virtudes e os dons infusos com a graça santificante são energias que ficarão latentes, a menos que sejam postas em atividade. Ora, nenhuma força natural humana ou angélica pode dar-lhes este impulso, porque ela pertence a uma ordem sobrenatural. Para este efeito é necessário uma intervenção divina, uma nova graça de que só a oração assegura a aquisição e a duração.

5. Oh! como compreendemos a solicitude do divino Mestre em mostrar-nos nossa absoluta dependência de sua graça e decidir-nos a fundar nossa vida espiritual sobre a oração contínua.

Ninguém vem a mim se meu Pai não o atrai: *Nemo venit ad me, nisi Pater traxerit eum* (Jo 6, 24). Não sois vós que me escolhestes, sou eu que vos escolhi: *Non vos me elegistis, sed ego elegi vos* (Jo 15, 16).

Como o sarmento não pode por si mesmo produzir fruto, se não ficar unido à videira, assim vós não o podeis também, se não ficardes em mim: *Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis* (Jo 15, 4).

Se a alma ouve estas afirmações do Mestre, pode algum dia cessar de orar?

6. Se a infusão da graça, se sua conservação e seu progresso são gratuitos, a perseverança final nesta mesma graça o é também.

Ela o é mesmo mais porque o aumento da graça pode, de certa maneira, ser merecimento.

A graça da perseverança final é, ao contrário, um dom essencialmente gratuito, e só a oração pode obtê-la da liberalidade divina.

Não é a virtude heróica praticada durante 50 anos que determina Deus a dar a graça da perseverança. É a oração humilde, confiante e perseverante.

Se tivéssemos chegado a cumprir perfeitamente a divina vontade, sem violarmos um ponto, não teríamos ainda feito senão nosso estrito dever e deveríamos considerar-nos servos inúteis: *Cum feceritis omnia quae praecepta sunt vobis, dicite: servi inutiles sumus, quod debuimus facere, fecimus* (Lc 17, 10).

Somos átomos insignificantes. Deus é nosso Mestre soberano e deve permanecê-lo em todos os nossos

atos, em todos os nossos instantes e particularmente quando se trata de decidir se estaremos com ele durante a eternidade.

Mas, por outro lado, é também Pai infinitamente bom e infinitamente desejoso de nos ver perto dele e deu-nos para isto o meio seguríssimo e facilimo, isto é, a oração.

7. Extirpemos, pois, de nossa alma certos restos de erro a respeito da oração na vida espiritual.

Não pensemos que nossos hábitos virtuosos, a sinceridade de nossa vontade, a energia de nosso caráter, a solidez de nossas resoluções, o meio favorável em que vivemos, nos assegurem o progresso na vida espiritual. Seria confundir o efeito com a causa.

E' a graça que tornou sincera nossa vontade, que dispôs nossa inteligência à reflexão, que inspirou as boas resoluções.

E' a querida divina Providência que preparou, por uma graça de eleição, as circunstâncias e os acontecimentos favoráveis para nos facilitar o trabalho da perfeição.

E estas graças, nas quais nossa alma vive como banhada, têm sua origem na pura liberalidade de Deus solicitada por nossa oração habitual e pela de outrem.

8. Como são para lastimar aqueles que, depois de alguns anos de fervor, acreditando-se já seguros, relaxam-se na oração.

Deus dera-lhes ao começo uma provisão de graças e prescrevera-lhes por seu Evangelho renová-la cuidadosamente por uma contínua oração. Esta última necessidade escapara à sua vigilância.

Cegas por certa facilidade na vida espiritual, consideraram este fervor do começo como um bem defini-

tivamente adquirido, como um capital em segurança e enterraram-no na terra sem o fazer produzir juros pela oração.

Mas, depois de algum tempo, o Mestre voltou e reclamou seu bem, lembrando-lhes que a graça recebida não era senão um simples empréstimo.

Então, estas almas encontraram-se sem energia e sem gosto, desanimaram e vegetaram na mediocridade e, se não recomeçam a oração, ficarão assim até à morte.

9. Quem de nós ousaria dizer que suas convicções sobre a necessidade da oração estão enraizadas mui profundamente? Esta própria convicção é uma graça de eleição.

Sem dúvida a leitura e a reflexão podem preparar-lhe o terreno da inteligência, mas é o Espírito Santo que deve infundi-la na alma.

E' ele, diz S. Paulo, que forma no mais íntimo do coração estes gemidos indizíveis, estes atos de petição humildemente confiante que atravessam os céus e vão tocar o coração de Deus: *Ipse Spiritus postulat pro nobis gemitibus inenarrabilibus* (Rom 8, 26).

O' santa Virgem, que por vossa oração abristes os céus e atraístes ao vosso seio virginal o Salvador do mundo, rogai conosco e por nós.

ARTIGO II

QUALIDADES DA ORAÇÃO¹

1. Quando a inteligência percebe, de um lado, o absoluto nada do homem e, de outro lado, a riqueza e a bondade de Deus, ela engendra, sob a ação de uma

¹) S. Afonso, Obras ascéticas, t. III. Grande meio da oração, p. I, cap. III.

graça atual, um vivo desejo de sair desta miséria e um angustiado apelo a este Deus de bondade. Este apelo é a oração.

Para conduzir eficazmente à perfeição, a oração deve ser *humilde*, isto é, mergulhar suas raízes no conhecimento de nosso nada; deve ser *confiante*, isto é, estender seus ramos até Deus, o ser infinitamente bom e compassivo; enfim deve ser *perseverante*, isto é, estender-se a todas as nossas necessidades até ao fim de nossa vida.

2. O' Jesus, ensina-me a orar: *Domine, doce nos orare* (Lc 11, 1).

Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, dom substancial da bondade de Deus, ensina-nos primeiro a desejar-vos com *humildade*.

Vós sois o bem, sois todo o Bem. Tenho, pois, necessidade de dirigir-me a vós para tudo. Não posso ter nenhum apoio em mim mesmo, na clarividência de meu espírito, na sinceridade de minha vontade, na solidez de minhas resoluções, no fervor de meus exercícios de piedade, na pontualidade de meus exames de consciência, na frequência de minhas leituras espirituais, na profundidade de meus passados hábitos de virtude.

Tudo isto, se eu o tivesse em mim, aí estaria por vossa bondade e só permaneceria meu bem se eu vo-lo pedisse humildemente.

3. Que profundo erro seria crer a necessidade do socorro divino limitada a certas coisas, enquanto que o resto o poderíamos obter por nós mesmos.

A alma humilde recorre a Deus para tudo e sempre. Não se contenta de chamá-lo em socorro quando está em apuros, porque sabe que não tem força alguma e que nunca a poderia ter por si mesma.

4. A alma, que ignora o abismo de seu nada, considera a oração como uma simples mola na vida espiritual.

Para a alma humilde, ao contrário, a oração é a própria força motriz. Um instante de interrupção na corrente e a máquina inteira para.

A alma humilde Deus deu a intuição desta palavra do Evangelho: *Sine me nihil potestis facere* (Jo 15, 5), sem mim nada podeis fazer!

Esta intuição foi consolidada ainda por uma série de experiências pessoais.

Parece que Nosso Senhor teve prazer em lhe fazer experimentar como, sem sua graça, ela nada pode fazer, nem mesmo suportar uma ligeira humilhação, nem se impor um pequeno sacrifício, nem evitar um movimento de impaciência, nem impedir uma distração, nem afastar por um instante uma tentação, nem prestar o menor serviço ao próximo.

5. Também, rica desta experiência de sua miséria, ela se lançou com uma espécie de avidez sobre os textos da santa Escritura: *Omnis qui petit accipit, et qui quaerit invenit, et pulsanti aperietur* (Mt 7, 8). Quem pede recebe, quem procura acha, e a quem bate abrir-se-á. *Si quis est parvulus, veniat ad me* (Prov 9, 4). Se alguém é pequenino, venha a mim.

Estas passagens e vinte outras lhe aparecem agora luminosas. Compreende que é necessário interpretá-las pela letra como o Espírito Santo as ditou.

6. A oração da alma humilde é facilmente *confiante*. Quanto mais a alma se reconhece miserável, mais crê ter razão de obter. Quanto mais está consciente de sua absoluta dependência de Deus, mais se julga autorizada a tratar com Ele simples e cordialmente.

Também, sua oração não é um estudo, nem uma série de idéias sublimes ou de fórmulas hábilmente compostas. A oração é o grito do filho chamando em socorro seu Pai e sua Mãe do céu.

Com Jesus é necessário agir com simplicidade: *Cum simplicibus sermocinatio ejus* (Prov 3, 32). O Verbo de Deus, a Sabedoria divina gosta de se entreter com os corações simples. Ninguém é tão íntimo conosco como Jesus. Nutre nossa alma com seu Corpo e seu Sangue, penetra nossas faculdades e atraia-as por seus divinos atrativos.

7. A alma vai, pois, diretamente ao mais prático: "Jesus, ajudai-me! Eu não tenho senão meu pecado, fazei que vos ame. Dai-me a graça de resistir às tentações, de ser dócil, caridosa e pura. Boa Mãe, quero tanto amar a Jesus, mas como poderei fazê-lo se não me ajudardes?"

Assim ora a alma humilde e confiante, na meditação, na santa missa, na santa comunhão, durante seus lazeres, no curso de seu trabalho, em toda parte e sempre.

Assim orava Madalena aos pés de Jesus, não por fórmulas ou por discursos. Não! Suas lágrimas oram, sua atitude ora, sua cabeleira em desalinho ora e pede misericórdia.

E' a oração que Jesus deseja porque é simples e cordial. A alma confiante o sabe por experiência e não supõe mesmo a possibilidade de uma recusa.

O Espírito Santo, apesar disto, ensinou-lhe a verdadeira petição sempre ouvida: o amor, a perfeita conformidade à vontade de Deus, a paciência nas provações, a renúncia a todas as coisas terrestres.

8. Quando a alma é humilde e confiante, sua oração tende a ser cada vez mais *contínua*.

E' Jesus quem o disse: *Oportet semper orare et nunquam deficere* (Lc 18, 1). E' necessário orar sempre e nunca se cansar de fazê-lo.

A razão deste preceito é que todo homem, tanto na ordem natural como na ordem sobrenatural, está, a cada momento, e em todos os seus atos e sob todos os aspectos, infinitamente dependente de Deus e radicalmente impotente por si mesmo.

A alma humilde não sente dificuldade em interpretar o preceito do Mestre no sentido literal e em aspirar cumpri-lo inteiramente.

9. O Espírito Santo comunica-lhe, com o tempo, uma luz interior a respeito do nada da criatura. Esta experiência reconhecida de sua própria fragilidade e de sua miséria é um dos maiores favores que Deus possa fazer a uma alma. E' efeito do dom da ciência.

Graças a esta luz infusa, a alma entra em admirações profundas sobre a extrema miséria de todo coração humano e entrega-se à ação do Espírito Santo para que ele supra sua impotência e ore nela e por ela.

10. E não é somente o sentimento de sua miséria que a excita a rezar sempre, é também a vista da bondade de Deus sempre pronta a estender-se sobre toda criatura de boa vontade.

Também, a alma sente constantemente uma sede inextinguível de pedir sempre mais para si e para os outros, sobretudo o amor.

O que quer é amar Jesus e Maria, é povoar o céu de almas santas, é obter de Deus que seu santo nome seja conhecido e adorado em toda parte, que seu reino se estenda, que sua vontade se cumpra perfeitamente sobre a terra como no céu. *Sanctificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum, fiat voluntas tua sicut in caelo et in terra* (Mt 5, 9).

11. Também, quantas orações ardentes elevam-se sem cessar do coração humildemente confiante!

“Jesus! não deixeis que se vos arrebatem as almas pelas quais morrestes. Não presteis atenção a suas faltas: conheceis a extrema fraqueza do homem (Sl 102, 14), as pérfidas astúcias de Satanás, a violência das paixões, as trevas da inteligência, o poder tirânico dos prejudgados”.

“Jesus! predeí a besta infernal, limitai seu poder, impedi-a de causar dano aos filhos, arrancai-lhe as infelizes vítimas já caídas nas suas garras, dai graça de conversão aos agonizantes, a luz da fé aos hereges, aos cismáticos, aos judeus, aos pagãos, santificai as pessoas consagradas ao vosso serviço, suscitai muitos missionários zelosos e padres santos”.

“Jesus! tende piedade dos pecadores em consideração à vossa Mãe Imaculada. Lembrai-vos de suas carícias em vossa infância quando vos embalava nos seus braços; lembrai-vos dos soluços de seu coração materno dilacerado pela angústia, ao pé de vossa cruz”.

“Jesus! permiti-nos amar-vos e salvar muitas almas para vós, para vos causar prazer, para alegrar o coração de nossa Mãe comum”.

Como resistiria Jesus a uma alma que habitualmente o invocasse com esta humilde e confiante insistência?

Domine, doce nos orare (Lc 11, 1). Senhor, ensinai-nos, pois, a orar.

ARTIGO III

DEFEITOS A EVITAR NA ORAÇÃO

1. E' a oração que nos deve santificar. Não saberíamos, pois, afastar demais as imperfeições na oração.

Muitas almas oram e queixam-se de não obter. E' sinal que sua oração não preenche as condições prescritas por nosso Senhor. A palavra de Deus, com efeito, não pode falhar: *Petite et accipietis* (Jo 16, 24), pedi e recebereis.

2. Algumas se iludem primeiro quanto ao que pedem. Deus não quer e não pode conceder senão as coisas que se relacionam com o nosso último fim. Tudo o que está fora disto está fora de Deus e é, pois, nada ou pecado.

O fim da criação é a santificação das almas: *Pro eis ego sanctifico meipsum ut sint et ipsi sanctificati in veritate* (Jo 17, 19). Eu me santifico a mim mesmo por eles, diz Jesus Cristo, que eles também sejam santificados na verdade.

Os bens temporais estão compreendidos na promessa de Deus, mas sob a condição de serem necessários ou úteis à salvação. Não é necessário, pois, pedir de uma maneira absoluta, mas sob a restrição expressa que eles nos ajudem a salvar e a santificar nossa alma.

Quem pode saber se sua saúde é mais favorável à salvação do que a doença, se o sucesso de uma empresa mesmo espiritual é mais vantajoso para o progresso da virtude, se uma vida longa é melhor para nossos interesses espirituais do que uma morte prematura?

Buscai, pois, primeiro o reino dos céus e uma vida santa, e o resto, isto é, os meios temporais necessários, ser-vos-ão dados por acréscimo: *Quaerite ergo primum regnum Dei et justitiam ejus et haec omnia adjicientur vobis* (Mt 6, 33).

3. Quando a alma aprendeu a limitar seus pedidos aos bens de ordem sobrenatural, um novo escolho a espera.

Todos os meios sobrenaturais de santidade não são destinados indistintamente para todos. Deus não quer realizar em cada uma, no mesmo grau e da mesma maneira, todas as virtudes dos outros santos. Todos não devem ser anacoretas ou mártires ou apóstolos.

Não é necessário, pois, na oração, obstinar-se a querer tal graça particular, boa em si mesma, mas talvez inoportuna.

Quanto mais sábio é simplificar sua oração, aplicar-se em obter a única coisa digna de ser desejada: o amor perfeito, o desapego completo de todas as coisas criadas, a perfeita reprodução de nosso Senhor em nossa alma.

Contudo, Deus às vezes pode querer que peçamos tal graça especial. Então nos indicará sua vontade de uma maneira qualquer ou por uma inspiração ou por uma advertência exterior, ou pela obediência.

4. Certas almas pedem unicamente as coisas sobrenaturais úteis à perfeição. Além disso, na sua oração, não prescrevem a Deus tal graça antes que tal outra, mas somente o amor perfeito. E entretanto sua oração não está ainda sem defeito.

Esta santidade a adquirir elas a compreendem de tal maneira determinada, em conformidade com seus gostos, com seu temperamento, com suas luzes ou idéias correntes.

Se não percebem progresso no seu ponto de vista, nesta via, o único caminho para Deus, admiram-se, inquietam-se e duvidam.

E' o sinal de uma grande estreiteza de vista querer impor a Deus a maneira de santificar-nos, marcar-lhe métodos e examinar ansiosamente se ele se conforma com nossos planos de santidade.

E quantas decepções uma semelhante alma se prepara na sua vida de oração!

Deus não deve nem nos pedir conselho, nem adaptar-se às nossas curtas vistas humanas. Devemos deixá-lo livre e entregar-lhe a escolha dos meios que nos devem conduzir a ele.

Peçamos simplesmente que nos santifique tratando de cumprir, com seu auxílio, nosso dever, de levar nossa cruz de cada dia e entregarmos o resto à sua solicitude: *Jacta super Dominum curam tuam et ipse te enutriet* (Sl 54, 23). Lançai em Deus vossos cuidados e ele vos nutrirá.

Quando a alma se entrega assim a Deus sem nunca cessar de pedir humildemente a santidade, tem certeza de alcançá-la.

5. Deus não prometeu ouvir-nos à nossa maneira, mas à sua. Do mesmo modo, não acrescentou que nos ouviria no momento por nós fixado, mas naquele que sua sabedoria e bondade julgassem mais conforme à sua glória e ao nosso bem.

Nova ilusão e nova fonte de decepções para certas almas de vistas curtas! São semelhantes a crianças caprichosas. Quando Deus não ouve no momento seus pequenos desejos, lamentam-se e inquietam-se.

Quanto lhe agradaria mais, se confiassem em sua bondade, se lhe dessem completa liberdade de escolher o tempo em que as ouviria.

Aliás, quem ousaria forçar o divino Mestre a dar-nos a perfeição do amor desde o começo da vida espiritual? A santidade é uma obra de grande duração. E' necessário muito tempo antes de ficar bastante desapegado de si mesmo e das criaturas, para aceitar completamente a direção de Jesus Cristo.

6. Vários, sem prescreverem o tempo nem a maneira de serem ouvidos, querem ao menos verificar, por seu juízo, se foram ouvidos por Deus. Aí está uma desconfiança escondida, uma dúvida ao menos esboçada sobre a fidelidade de Deus às suas promessas.

Durante esta vida, não devemos ver, porém crer que Jesus nos ouve, visto que ele o disse. Sem isto, onde está nossa fé?

7. Acreditamos, pois, em Jesus Cristo. Não é ele digno de ser crido pela palavra? Não investiguemos se certas orações nossas talvez não tenham sido ouvidas.

Creiamos com fé inabalável que toda oração, na medida em que é oração, humilde e confiante, é atendida infalivelmente, mesmo se nossa razão humana não o compreendia.

Deus reserva para si fazer-nos claramente compreender, no céu, o que nos propõe aqui na terra pela fé. No céu veremos a admirável maneira com que nos conduziu durante nossa peregrinação terrestre.

Quando, pois, tivermos feito um pedido, não nos preocupemos mais senão em renová-lo. Deus encarrega-se de atendê-lo da maneira e no momento que escolheu. E se temos confiança nele, o atenderá sempre mais magnificamente do que o teríamos podido esperar.

8. Oh! o egoísmo e o cálculo! Como desagradam a Deus.

Tantas almas querem tomar cautelas contra o próprio Deus, contra este Deus que as criou e resgatou, que lhes deu tudo até esta minúscula razão que lhes permite duvidar de sua bondade.

Consideram sempre a perfeição como tarefa sua e não de Jesus Cristo. Crêem-se obrigadas a examinar constantemente sua ação com medo de serem um dia enganadas. Não compreendem que, por seu cálculo e

sua prudência humana, impedem o bom Mestre de ser generoso a seu respeito e de acabar nelas sua obra de amor.

ARTIGO IV

O ESPIRITO DE ORAÇÃO

1. O espírito de oração é uma disposição habitual da alma que a leva a aproveitar de seus menores instantes para rezar, a transformar suas ocupações e mesmo seus lazeres em oração.

Este espírito de oração é como um contínuo apelo para o recolhimento ouvido pela alma no íntimo de si mesma. É como uma advertência incessante: *Dum tempus habemus, operemur bonum* (Gál 6, 10), o tempo é curto, é necessário acumular tesouros de amor, é necessário salvar o maior número de almas possível.

Então, o cristão decidido a alcançar Deus a todo preço, por um amor perfeito, exclui de sua vida todo outro pensamento, toda outra aspiração, toda outra atividade.

2. O homem sem espírito de oração nada compreende sobre esta aplicação contínua e classifica-a de escrúpulo ou estreiteza de espírito.

Não é permitido, objeta ele, ter desejos, ocupações que não se relacionem diretamente com a perfeição? Deus não criou a natureza humana com suas faculdades e não lhe deixou a liberdade de se mover à vontade, contanto que não se desvie para um objeto mau?

3. A alma interior, que compreendeu a necessidade da oração contínua, não condena ninguém. Reivindica somente, por sua vez, a liberdade de procurar aqui na terra unicamente a vontade de Deus e de consumir toda a sua vida em oração para obter a graça de executá-la.

Entre as coisas lícitas há as que são boas e outras que são melhores. Qual o homem solícito em causar a Deus o maior prazer possível que não escolheria estas últimas?

4. A inteligência e a vontade humanas têm limites. A vida do homem tem um termo. Se alguém pretende dar a seu coração a liberdade de desejar e de amar tudo o que lhe parece belo e bom, desperdiçará a parte mais nobre de sua energia.

Durante os poucos anos a passar sobre a terra, é necessário tratar do que é mais urgente.

5. Entre os desejos, desde que é impossível satisfazê-los todos, devemos escolher os melhores, e entre os melhores devemos concentrar nosso esforço num só, aquele que resume todos.

Ora este desejo é o de possuir, pelo amor, o objeto mais belo, mais digno de ser amado, o único que possa contentar pela eternidade o coração humano.

6. Quando nos decidimos dar a Deus o lugar que lhe pertence em nossa vida, por um amor exclusivo e abrasador, todas as outras aspirações conciliáveis com este amor vêm por si colocar-se em redor dele e receber dele o impulso e direção.

Então a vida torna-se verdadeiramente fecunda, porque é regulada para um único fim.

A alma inteiramente possuída pelo amor de Deus nada mais pode querer senão por Deus, nem pedir nada a não ser o cumprimento de sua vontade.

E' como estrangeira aqui na terra, como exilada longe de Deus e aspira sem cessar à pátria celeste.

7. Quando compreendemos nossa própria miséria, os múltiplos perigos e o número de almas imortais que neles sucumbem cada dia e condenam-se, o coração oprime-se de tristeza e redobra de oração. Quereria aju-

dar os pobres pecadores, abrir-lhes os olhos, mostrar-lhes os laços armados à sua virtude.

Quereria proteger com sua oração as almas ainda inocentes ou subtraí-las à astúcia e à malícia dos demônios.

Quereria, enfim, sacrificar-se mil vezes fosse mesmo por uma só alma, percorrer a terra e os mares para pregar o Evangelho e lançar em toda parte a semente de sua oração e de seus sacrifícios.

8. Como a alma consagrada a Jesus e admitida na sua intimidade pode prender-se a coisas profanas, quando o demônio só está ocupado em perder as almas?

Como pode repousar quando o inferno nunca repousa? Como pode pensar em prazeres e passatempos que a obediência ou a necessidade não exigem, enquanto que Satanás não cessa de combater Jesus e de destruir seu reino nos corações?

9. Também a idéia da oração a obceca. Este espírito de oração é a alma de todos os seus exercícios espirituais. Vai para a meditação, para a missa, para a comunhão, como uma esfaimada que deseja obter, para si e para os outros, amor, mais generosidade, fidelidade a seus deveres, paciência nas penas.

Vai para o ofício não somente para prestar ao Deus soberano suas adorações e seus agradecimentos, mas também para lhe pedir perdão e implorar-lhe que lhe dê mais amor.

10. Ora, tanto quanto possível, durante seu trabalho e suas recreações, encontra engenhosos meios para se lembrar de Deus e repetir-lhe sua oração: Jesus, fazei que eu vos ame, que eu me santifique.

Tem frequentemente a *Ave Maria* nos lábios. Habitou-se a repetir esta oração, tão agradável à Mãe de Deus, mesmo durante as ocupações e até no sono.

Parece-lhe, então, velar por sua Mãe celeste. Suplicae que a substitua perto de Jesus, no momento de suas distrações ou de suas ocupações e conserva no fundo do coração a doce persuasão de que esta boa Mãe atenda seu desejo.

Assim a alma tende com todas as suas forças a observar exatamente o mandamento do divino Mestre: *Oportet semper orare et nunquam deficere* (Lc 18, 1). E' necessário sempre orar e nunca cessar de fazê-lo.

CAPITULO III

A HUMILDADE ¹

ARTIGO I

VISTA DE CONJUNTO

1. Munida da oração, a alma confiante pode começar sem temor o trabalho da transfiguração total em Nosso Senhor Jesus Cristo.

O progresso consiste, com efeito, em desenvolver o germe da vida divina recebida no batismo.

S. Paulo disse: *Praedestinavit nos conformes fieri imaginis Filii ejus* (Rom 8, 29). Ele nos destinou para sermos conforme à imagem de seu Filho.

2. Se fosse permitido, em uma coisa tão elevada e tão misteriosa, tirar da natureza uma comparação remota, diríamos que este trabalho é uma espécie de fotografia de ordem divina.

Nossa alma é uma substância imaterial infinitamente sensível e susceptível de receber em si, de maneira verdadeira e viva, os traços do homem-Deus.

Por isso deve ficar exposta voluntariamente à ação dos raios da graça, dardejados sobre ela pelo Espírito Santo.

¹) Suma, II-II, q. 16, 1.

Esta ação divina penetra gradualmente e com precisão cada vez maior na essência de nossa alma, nas faculdades espirituais e sensíveis.

3. Na essência da alma, deposita uma semelhança com a vida da SS. Trindade e fá-la participar da natureza divina, pela infusão da graça santificante.

Na inteligência, faz brilhar a luz da fé que é um reflexo da luz incriada.

Na vontade, lança uma centelha de amor tirada do divino braseiro da caridade incriada.

Nas faculdades inferiores, faz germinar sentimentos de doçura, de bondade, de condescendência, de misericórdia, de humildade, de pureza, semelhantes aos da Humanidade santa de Jesus Cristo.

4. Neste trabalho sobrenatural de transformação da alma em Jesus há, como na formação de uma imagem sensível, uma tríptica fase.

No começo, é necessário preparar com cuidado esta alma para receber de maneira real a imagem adorada de Jesus homem-Deus. É necessário, pois, subtrai-la a toda influência nociva e dar-lhe o máximo de sensibilidade sobrenatural para que o divino retrato seja fiel e claro.

Esta primeira fase da vida espiritual chama-se a *purificação interior*.

5. A alma, desejosa de tornar-se uma imagem viva de Jesus deve purificar seu espírito, só o ocupando em coisas de Deus ou nas que se relacionem com o cumprimento do dever.

Deve retificar seu julgamento, não concebendo de si, de suas qualidades, de suas obras, estima exagerada.

Deve estimular a vontade sempre inimiga do trabalho e do esforço, sempre inclinada para o repouso como uma pedra atraída para o centro da terra.

Deve disciplinar sua liberdade, submetê-la até no mínimo à humilde obediência, à dependência da autoridade legítima.

Deve desapegar o coração, arrancá-lo pedaço por pedaço de toda criatura, às quais se agarra, e recomeçar esta luta todos os dias da vida.

Deve dominar sua imaginação, não a deixar vagar sobre as coisas criadas sem utilidade para seu fim sobrenatural.

Deve moderar as paixões: a alegria, o temor, o desejo, a tristeza e tantas outras emoções sempre renascentes, conservá-las nos justos limites da razão, impedi-las de perturbar nela a ação do divino Artista.

Deve vigiar os sentidos, mortificar a curiosidade dos olhos e dos ouvidos, fugir das conversações inúteis, dizer adeus às relações supérfluas, cultivar a solidão interior e viver em si como num jardim fechado onde só Jesus tem entrada.

Esta purificação dura muito tempo. Não acaba nunca por completo. Quem a negligencia é semelhante ao fotógrafo que expõe a chapa à luz plena do dia e em seguida se admira de que a imagem não tenha sido reproduzida.

Esta alma fez muitas experiências, dispendeu muito tempo e atividade para avançar na espiritualidade, mas seus esforços ficam estéreis.

6. Quando a alma está suficientemente pura, despreendida da criatura e sensível à ação divina, um segundo trabalho se impõe, diferenciando-se notavelmente do primeiro e constituindo a fase *iluminativa* da vida espiritual.

Jesus ilumina a inteligência, dá-se a conhecer à alma, fá-la apreciar seu Evangelho e as máximas que contém, mostra-lhe a beleza da virtude, a sublimidade de uma vida consagrada a amá-lo e a promover seus interesses.

Ao mesmo tempo toca a vontade, atrai-a por sua bondade, cativa-a por seus divinos atrativos e torna-a amoldável às suas divinas exigências.

7. Todavia, esta divina ação seria ineficaz se a alma não se dispusesse a acolhê-la.

Na via iluminativa se esforça, pois, em reunir suas faculdades, em unir-se a Jesus Cristo pela inteligência e pelo coração. Medita demoradamente as verdades eternas, conserva os olhos fixos no divino Mestre, em suas virtudes, seus exemplos, suas humilhações.

Recorda-se frequentemente de suas máximas, de suas palavras, de seus atos e pede-lhe sem cessar que se reproduza nela.

Assim, por um lado, pelo esforço sustentado por sua inteligência, fica exposta aos raios da graça e, por outro lado, pela ávida docilidade de sua vontade, acolhe o dom de Deus, consente na transformação que Deus opera nela, aceita e deixa imprimir no íntimo de si mesmo, traço por traço, a semelhança com Jesus.

8. Notemo-lo com cuidado, esta semelhança não pode obtê-la por si. E' um dom sobrenatural vindo de Deus, como a impressão produzida sobre a chapa fotográfica vem de uma causa exterior.

A atitude da alma foi a preparação cuidadosa, depois a espera confiante, o desejo intenso expresso sob a forma de uma oração contínua e a aceitação integral de todas as vontades de Deus a seu respeito e a respeito de toda criatura.

Esta atitude da alma é, pois, uma atividade contínua tão intensa como tranquila e quase exclusivamente procedente da inteligência e da vontade.

9. Mas como esta atividade está distante de toda agitação febril, desta perturbação, desta inquietação tão nociva à impressão fiel e clara da imagem de Jesus!

10. Contudo esta agitação é um defeito comum à maior parte das almas falsamente fervorosas.

Uma alma é agitada quando, em vez de se entregar inteiramente à ação benfazeja de Deus, procura compreender esta ação e analisá-la.

E' agitada quando conserva em si inquietação a respeito de seu caminho, a respeito de seus esforços, sobre a aparente inutilidade de sua vida, quando procura ansiosamente nos livros a explicação de seu estado interior, suas provações e suas graças.

E' agitada quando sua vontade se entrega à multidão de seus desejos, mesmo aos que não são maus, porém inúteis ao progresso, quando multiplica, por uma espécie de avidez espiritual, seus exercícios espirituais, seus exames de consciência, suas conversações e leituras piedosas, sob pretexto de progredir mais rapidamente na santidade.

E' agitada quando se abandona voluntariamente a rodeios sobre si mesmo, quando procura por confissões ansiosamente repetidas recobrar a paz da alma que somente a obediência cega pode dar-lhe, quando perscruta os futuros desígnios de Deus a seu respeito, as cruces que lhe enviará, as graças com as quais a favorecerá, sua provável fidelidade ou infidelidades às tentativas de Deus.

Tudo isto, sob a capa de fervor ou de progresso espiritual, é atividade humana, amor próprio dis-

placidez dos filhos de Deus. Tudo isto impede Jesus de se comunicar familiarmente à alma, de dizer-lhe seus segredos, de tocar as fibras secretas do coração e de imprimir no mais íntimo da alma sua divina semelhança.

11. Enfim, quando Jesus produziu na alma dócil sua imagem, procura aperfeiçoá-la, desenvolvê-la e fixá-la. É a terceira fase do trabalho espiritual.

Deus apodera-se da alma ornada de sua semelhança, mergulha-a no banho isolante da provação, envia-lhe cruces santificadoras, para a desapegar da criatura e imunizá-la contra suas perniciosas influências.

Em seguida expõe-na muito tempo aos raios do sol divino, favorece-a com suas consolações, esclarece-a pela luz de suas aspirações, prodigaliza-lhe os toques íntimos da graça. Estes apagam os últimos defeitos e enriquecem a imagem com tintas maravilhosamente diversas, preparadas pela Providência para cada um de seus filhos.

12. Nesta terceira fase, a via *unitiva*, o trabalho da alma não é suprimido, porém tornado mais simples, mais profundo, mais espiritual.

A alma toma como principal cuidado aceitar as disposições da Providência: a alegria ou o sofrimento, os sucessos ou os reveses, a saúde ou a doença. Deve estar unida e como identificada ao divino querer.

Não se deve preocupar com a forma especial, com a beleza particular com as quais Jesus quer revesti-la. É a tarefa de Jesus. A sua é de ser dócil.

13. Não imaginamos quanto Jesus Cristo pode fazer em nós quando lhe entregamos, por um ato voluntário sempre renovado, nossa inteligência, nossa von-

tade, nossa imaginação, nossos sentidos, nosso corpo e nossa alma.

Não é assustador ver que poder os espíritos do mal adquirem sobre o homem desde que este lhe permite, por livre consentimento, servir-se de seu corpo ou de suas faculdades para entrar em contacto com o mundo visível?

Chega a falar por sua boca, a ver por seus olhos, a compreender por sua inteligência e, se a vontade se entrega definitivamente, este domínio pode, com a permissão de Deus, ir até à possessão.

Qual foi a causa desta empresa? A disposição da vontade livre para aceitar esta influência de um espírito mau.

Mas tudo isto se passa na ordem natural.

Então, o que não poderá e não quererá fazer, na ordem sobrenatural, Jesus Cristo, quando lhe cedemos sinceramente nossa vontade, nossas faculdades, toda a nossa atividade, toda a nossa vida, quando lhe fazemos irrevogavelmente esta renúncia milhares de vezes com transportes de amor e incessantes e humildes preces!

Que perfeição e beleza não atingirá a semelhança com este divino modelo em uma alma, assim voluntariamente, conscientemente exposta a toda a sua poderosa influência!?

ARTIGO II

A HUMILDADE DE ESPÍRITO

1. Continuemos agora em pormenores o triplice trabalho que a transformação da alma em Jesus exige e antes de tudo o trabalho da *purificação*.

O primeiro cuidado daquele que se deseja revestir da vida divina de Jesus, é reconhecer sua pobreza

e impotência. Deve, pois, exercitar-se na humildade e experimentar subir o primeiro degrau, isto é, a humildade de espírito. Este primeiro degrau consiste em não se apropriar em nada dos dons de Deus, nem na ordem natural, nem na ordem sobrenatural.

2. *Ipsa fecit nos, et non ipsi nos* (Sl 99, 3). Foi ele quem nos fez, não fomos nós que nos criamos. Estes dons naturais de Deus são nossa alma e nosso corpo, com todas as faculdades, com o grau de perfeição e de beleza querido por Deus; é o espírito, a vontade, a imaginação, a memória, os sentidos interiores e exteriores com sua força, sua diferença e sua perfeição; são os membros com seu vigor, sua agilidade, seus atrativos, são também os bens exteriores, a riqueza, a saúde, a reputação, a nobreza.

Que mérito poderíamos ter em tudo isto? Se recebemos tudo, não seríamos injustos, glorificando-nos como se estes bens nos pertencessem: *Si autem accepisti, quid gloriaris quasi non acceperis* (1 Cor 4, 7)?

E se alguém desenvolveu estas aptidões naturais é ainda de Deus que recebeu o pensamento, o gosto, o tempo e os meios para tal.

3. Nada temos também na ordem sobrenatural. Os bens sobrenaturais são a graça santificante, as virtudes infusas, os dons do Espírito Santo, as graças atuais, as inspirações, os atrativos e os mil estimulantes exteriores e interiores que incitam as almas fervorosas.

Neste mundo sobrenatural, somos talvez mais favorecidos do que outros, e esta preferência de Deus pode tornar-se, para a alma imprudente, ocasião de um subtil orgulho.

Não temos, contudo, direito algum de glorificar-nos da bondade de Jesus em nos admitir mais do que

a outros na sua amizade, ou em nos receber em seu serviço por um voto ou mesmo pela unção sacerdotal: *Non vos me elegistis, sed ego elegeri vos* (Jo 15, 16). Não sois vós que me escolhestes, sou eu que vos escolhi.

4. Se Jesus nos cumulou de riquezas sobrenaturais e ornou nossa alma de graças e de luzes, não é por consideração a nós, mas para que levemos dignamente seu nome diante do mundo.

A cavalgada dos fidalgos é coberta de ouro e de pedrarias, não por si próprio, mas pelo senhor que ela leva.

O jumento do Evangelho, diz santo Agostinho (In Ps. 53), escolhido por Nosso Senhor para o levar na sua entrada triunfal em Jerusalém, teria sido muito insensato se tivesse acreditado que juncavam o caminho com ramos de árvore e vestimentas para lhe prestar honra! Era o Mestre que queriam honrar e não sua cavalgada.

5. Nenhuma parte temos nos dons sobrenaturais e naturais dos quais somos cumulados; temos pelo menos o direito de comprazer-nos em nossas boas obras?

O homem recebeu em depósito a liberdade: *Deus reliquit illum in manu consilii sui. Ante hominem vita et mors, bonum et malum, quod placuerit ei, dabitur illi* (Ecli 15, 14). Tem a escolha entre o bem e o mal, a vida ou a morte. O que lhe agradar ser-lhe-á dado.

O homem tem, pois, o mérito de suas obras, como também sua responsabilidade, mas é necessário precisar, nestas boas obras, sua parte e a de Deus.

6. Em primeiro lugar, Deus devia dispor tudo para que sejamos capazes de agir. Deu o corpo, a alma, as faculdades espirituais e os sentidos. Concedeu a

graça, sugeriu a idéia, inspirou o gosto de praticar uma boa ação. Dispôs os acontecimentos, dirigiu as circunstâncias, afastou os obstáculos. Encorajou por atrativos, estimulou por promessas e assustou pela ameaça dos castigos eternos.

Quando tudo está pronto, diz à alma: eis aqui o bem e o mal. Tens liberdade para dizer sim! Eu quero o bem, ou não! Eu não o quero.

Para dizer "sim", para dar este simples consentimento, a alma teve necessidade de um novo socorro de Deus. Devia ajudá-la por sua onipotência e conservar-lhe o apoio até ao fim do ato.

Para dizer "não", a alma pode dispensar Deus; para dizer "sim", tem necessidade de sua onipotência.

Pode ofendê-lo, trai-lo, blasfemá-lo por suas próprias forças; não pode, porém, agradar-lhe sem seu auxílio. *Nemo venit ad me, nisi Pater traxerit eum* (Jo 6, 24). Ninguém vem a mim, se meu Pai não o atrai.

Nas coisas sobrenaturais somos semelhantes à criança, cuja mão a mãe segura para ajudá-la a formar as primeiras letras. Verdadeiramente, não temos motivo para nos glorificar.

7. Direis talvez: se nada posso fazer sem Deus, tenho pelo menos o mérito da docilidade à graça.

Oh! quão grande é este erro! Para nos levar a deixar sua mão dirigir a nossa, Deus devia por muito tempo usar de paciência.

Como o pequeno escolar, a alma, mesmo a melhor, é muitas vezes caprichosa, amuada, teimosa, esquiva à ação da graça.

Deus devia empregar, alternativamente, as carícias de sua unção, os atrativos de sua graça, os estímulos de suas promessas e às vezes a vara de seus castigos, quando a alma fazia gazeta.

Não nos justifiquemos perante nossa consciência, acrescentando que, se não temos méritos positivos, temos ao menos o de haver pecado menos, não nos obstinando no mal.

Isto seria vangloriar-se de ter traído, insultado, esbofeteado Jesus menos frequentemente do que os outros!

Se não possuímos nenhuma boa obra exclusivamente nossa, não possuímos ao menos a boa vontade, o desejo de praticá-la?

Mas esta própria boa vontade é um dom de Deus. Aliás, quanto é frágil, mesmo nos maiores santos!

Esta boa vontade, edificada com tanto custo, tão sólidamente firmada em hábitos virtuosos, tão ciosamente guardada por Jesus e Maria, tão fortemente sustentada pela graça, pode, se seus alicerces não estão profundamente cavados na humildade, desabar num instante pelo sopro de uma única tentação um pouco sedutora.

9. E nossa própria experiência deve bastar-nos. Logo após ao sairmos da oração, munidos de fortes resoluções, vacilamos, quando a tentação se aproxima.

E se não sucumbimos, aproximamo-nos, entretanto, mais de uma vez do precipício e um único passo em falso, um olhar imprudente, uma curiosidade malsã poderiam causar-nos uma horrível queda.

10. Enfim, se a alma se lembra de ter praticado algum bem, não se esqueça quanto bem omitiu por própria culpa.

Tantas graças recebidas e tão poucos frutos, tantas resoluções e tão poucos resultados, tantas ocasiões para a virtude e tão pouca diligência em aproveitá-las, tantas boas obras solicitando nosso zelo e negli-

genciadas por preguiça, respeito humano e amor-próprio.

Mas não investiguemos esta matéria. Nenhum coração humano, apoiado em suas boas obras, poderia fazê-lo sem tremer.

11. Também não confiamos em nós mesmos. Sabemos que nada temos, que nada podemos e que todos nós pecamos em muitas coisas: *In multis enim offendimus omnes* (Tgo 3, 2).

E se verdadeiramente tivéssemos alguma coisa como propriedade particular, deveríamos desejar nada possuir senão por Deus, para depender absolutamente e em tudo de nosso Pai celeste.

Somos e queremos ser criancinhas. Queremos permanecer humildes e tranquilos em nosso nada, cheios de confiança na misericordiosa bondade de Jesus e na ternura materna de Maria.

12. A vós, boa Mãe, estendemos nossa mãozinha incapaz de escrever. Queríamos tornar a traçar em nossa alma os traços adoráveis de nosso querido Jesus, mas, por nós mesmos, apenas podemos rabiscar algumas linhas informes. Ajudai-nos e faremos reviver em nós Jesus, que disse: Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: *Discite a me quia mitis sum et humilis corde* (Mt 11, 29).

ARTIGO III

A HUMILDADE DE CORAÇÃO

1. A humildade de espírito é um começo, a verdadeira humildade, a do coração.

A humildade de coração consiste em aceitar pela vontade o conhecimento que a razão nos dá de nossa miséria absoluta.

Parece fácil ao homem, que conhece seu nada, aceitá-lo pela vontade.

Os anjos rebeldes, contudo, não puderam acostumar-se com a idéia de prestar obediência a Deus: queriam ser iguais a ele. E Eva, a primeira mulher, desejava também ser semelhante a Deus e conhecer, como Ele, o bem e o mal.

E, desde este tempo, quem não aspira, à sua maneira, ser independente de Deus, ao menos em alguma coisa?

2. A humildade de coração é oposta ao orgulho da vontade.

O orgulhoso não aceita a idéia de seu nada, revolta-se contra Deus. Às vezes esta revolta é declarada, tem por fim destronar Deus, o Rei soberano, e colocar-se em seu lugar. É o pecado mortal negando a Deus o direito de ser o último fim de toda criatura.

Outras vezes, a revolta só é esboçada, é um ato de insubordinação em presença de Deus em coisas secundárias, murmuração contra o Todo-Poderoso, uma crítica ou, pelo menos, um dar de ombros. É o pecado venial.

3. O coração humilde não se revolta contra Deus. Aceita o nada de seu estado. Longe de se afligir, experimenta um prazer íntimo em se ver desprovido de todo bem, contanto que Deus seja rico.

Como o avaro conta seus tesouros, assim ele conta suas múltiplas necessidades; como o orgulhoso ostenta suas qualidades, assim apresenta a Deus suas incapacidades; como o mundano saboreia os louvores, assim a alma escondida saboreia a má opinião que fazem dela, o esquecimento em que a deixam, o desprezo com o qual a perseguem.

4. O orgulhoso está descontente com Deus. Inverte tanto quanto pode a ordem eterna estabelecida pelo soberano Senhor. Queria restabelecê-la a seu modo, para ocupar um lugar mais honroso.

E não somente queria, mas para isto trabalha sem parar, e, para alcançá-lo, calca aos pés seus semelhantes ou superiores, como outros tantos obstáculos à sua ambição. Calunia-os, menospreza-os, persegue-os até que os tenha repellido.

Emprega toda a sua vida em lutar contra uma vontade superior infinitamente poderosa, e parece ignorar que esta vontade, sendo a de um Deus, deve finalmente triunfar, esmagá-lo e dissipar seus insensatos sonhos de grandeza.

Assim lutava Lúcifer contra o Todo-Poderoso; assim, preferia ser para sempre condenado do que confessar sua dependência em face de Deus.

Oh! como o orgulhoso é um monstro horrível.

5. O coração humilde, ao contrário, não somente aceita seu absoluto nada, mas se alegra de nada ser, contanto que Deus seja tudo.

Se eu fosse Deus, dizia santo Agostinho dirigindo-se a Nosso Senhor, e se vós fôsseis Agostinho, eu queria ser Agostinho para que vós fôsseis Deus.

Tal é o desejo habitual de toda alma humilde: eu não tenho nada, diz ela, e por isso estou tão contente que se eu possuísse algum bem, eu vo-lo queria ceder, para que possuísses tudo.

Esta disposição habitual produz nela uma grande paz. Nada sendo, pode, sem segunda intenção, mergulhar na infinidade de Deus, aí se perder como um pequenino átomo, sentir-se repousar entre os braços de seu Pai do céu, com toda a segurança.

6. Em compensação, como é feliz o orgulhoso em guerra com Deus: *Quis restilit Deo et pacem habuit?* (Job 9, 4).

Não é necessário que o Todo-Poderoso, na sua eternidade, entre em luta com este grão de areia que se revolta contra Ele. *Pugnabit cum illo orbis terrarum contra insensatos* (Sab 5, 21). O universo inteiro ergue-se contra o soberbo como um exército em ordem de batalha para aniquilar-lhe os planos insensatos e vingar a honra de Deus.

Vede este orgulhoso que na sua vida, sua conversação, suas relações, alardeia pretensões, que desconhece ou despreza os outros. Imediatamente, desconhecem-no por sua vez, suscitam-lhe dificuldades, criam-lhe mil embaraços. Ridicularizam-no, arruinam sua reputação, excluem-no de toda companhia.

Estas pequenas picadas de mil vespas atormentadas por sua pretensão vão envenenar a vida do soberbo e vingar, sem o saber, a honra lesada do Onipotente.

Não está dito que Deus enviou contra os orgulhosos inimigos de Israel um enxame de vespas, que desbarataram e puseram em fuga todo o exército (Sab 12, 8)!

7. Oh! como é bom amar a verdade e reconhecer seu nada.

Que segurança não poder dar um único passo sem Deus, não poder produzir nenhum ato proveitoso sem seu auxílio!

Que doce prazer haveria para o filho carregado por sua mãe, se pudesse compreender sua total dependência dela.

Parece-me que este filho, se compreendesse sua felicidade, não queria crescer nunca para ser sempre carregado por sua mãe.

E quantos seriam os seus alarmes, se previsse que um dia a mãe não quererá mais conservá-lo nos braços, que o obrigaria a andar sozinho, que lhe diria para cuidar de si próprio e para passar a vida sem ela!

Felizmente estes alarmes nunca serão os nossos. Na vida espiritual, perto de Jesus e Maria, somos sempre — graças à humildade de coração — completamente criancinhas.

Deus criou-nos fracos e desprovidos de tudo, a fim de ser o nosso Pai, carregar-nos nos seus braços, nutrir-nos e defender-nos.

Que alegria mais íntima pode experimentar este grande Deus do que ver seus filhinhos aconchegarem-se-lhe ao redor e encarregarem-lhe o cuidado de tudo.

E' por isso que ele disse: *Si quis est parvulus, veniat ad me* (Prov 9, 4). Se alguém é pequenino venha a mim. Não diz: Se alguém é sábio, rico, ou poderoso, não diz mesmo: Se alguém é virtuoso mortificado, elevado em contemplação. Diz simplesmente: Se alguém é pequenino, completamente humilde, inteiramente persuadido de seu nada.

Se não vos tornardes semelhantes a criancinhas, diz, noutra parte, Jesus aos seus apóstolos, não só não ocupareis o primeiro lugar como também não entrareis no reino dos céus: *Nisi conversi fueritis et efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum caelorum* (Mt 18, 3).

Oh! como a lição é clara e absoluta.

O reino de Deus no céu é uma família, e na família, entre o Pai e a Mãe, só há lugar para os filhos.

1. Seria uma singular desordem ver claramente, pela razão, nossa absoluta nulidade e não querer reconhecer-la perante os homens; saber, por raciocínio e por experiência pessoal, que nada somos e nada podemos e ficarmos contristados por nos vermos tratados em conformidade.

Ora, a vida da maioria dos homens se passa nesta contradição perpétua, nesta mentira confessada, neste antagonismo aceito entre a verdade e o erro, a realidade e a aparência, a sinceridade e a hipocrisia.

2. Quão bela, em outra parte, aparece a existência de um homem humilde, no qual há harmonia perfeita entre o pensamento e a conduta, entre a convicção interior e a vida exterior.

Esta alma sabe que nada é, e a vontade deduz: desde que nada sou, aceito meu estado de nada; ainda mais, amo-o e não quererá parecer outra coisa.

Isto chama-se, na santa Escritura, andar na verdade: *Oportet in veritate ambulare* (3 Jo 4).

Eis aí a humildade perfeita, a humildade de ação que supõe e coroa a humildade de espírito e a humildade de coração.

3. Mas como é difícil praticar esta virtude com todas as suas conquistas! O homem caído parece ter perdido o juízo, quando se trata de sua própria excelência.

O Espírito Santo ao orgulhoso chama insensato: *Pugnabit cum illo orbis terrarum contra insensatos* (Sab 5, 21). O universo combaterá com Ele contra os insensatos, isto é, os orgulhosos que se opõem a Deus.

E verdadeiramente a respeito de seu próprio mérito, o homem perdeu a justa apreciação das coisas.

Geralmente, é razoável, sociável, inclinado a prestar serviço, judicioso. Mas tocai o ponto de sua excelência, de seu mérito, de sua superioridade, imediatamente uma espécie de loucura se manifesta. Não é mais senhor de seu bom-senso, eleva-se a si próprio e rebaixa os outros, impacienta-se e exalta-se.

Em alguns esta loucura é benigna. Percebemo-la apenas. Mas em outros toma vastas proporções e às vezes manifestações assustadoras.

4. Quem ousaria crer-se inteiramente ao abrigo desta universal doença? Examinai-vos. Quando alguém vos deprecia, dirige-vos uma palavra descortês, fere vossa honra, que sentimentos experimentais?

Sentis uma impressão desagradável, os traços de vossa fisionomia alteram-se num momento, uma pequena chama de indignação brilha em vossos olhos, projetos de represália desenham-se na vossa mente, palavras de desforra queimam-vos os lábios.

O que é tudo isto? E' uma leve manifestação de tolo orgulho, uma loucura em estado benigno. Credes que vos diminuíram, que feriram vossa dignidade, atentaram contra vossa reputação. Estáveis habituado a vos considerar superior aos outros, a vos crer "rei" e disseram que não o sois... e a loucura aparece.

5. Tendo, pois, reconhecido nosso ponto fraco, devemos esforçar-nos em remediá-lo. Não aumentemos a idéia que fazemos de nós mesmos pela reflexão e pelo rodeio sobre nossa própria excelência.

Quando um pensamento de orgulho se apresenta, digamos: Eis aí uma onda de loucura que passa. Apeguemo-nos ao conhecimento do nosso nada, para não sermos levados e arremessados à praia. Depois,

esperemos tranquilamente que a calma e o bom-senso voltem.

6. O louco pensa que é rei, o orgulhoso também o pensa. E' um julgamento espontâneo. Mas o primeiro não possui meios para julgar suas idéias e seus atos. Falta-lhe o que denominamos a consciência psicológica, isto é, esta propriedade de inteligência que lhe permite refletir sobre suas próprias idéias, sobre as afeições do coração, sobre os atos da vida para ver se estão conformes à reta razão.

O orgulhoso possui esta faculdade. Utiliza-se dela com facilidade, exceto para a questão de sua excelência.

Se refletisse em sua loucura, poderia curá-la. Porém, não reflete nela, ou o faz rara e superficialmente e isto por causa do hábito adquirido, pela leviandade e quase sempre por uma convivência secreta da vontade. Esta sufoca a razão porque lhe apraz ser grande, digna de respeito, virtuosa, não obstante a reclamação da inteligência.

7. Como é necessário, pois, temer a loucura do orgulho, sobretudo quando já fomos dominados por ela!

Como é necessário esforçarmo-nos em tomar os remédios preventivos, administrar-nos os calmantes da humilhação, absorver-nos na consideração de nosso nada e repetir a nós mesmos que não somos reis, que não temos nenhum mérito, que não somos superiores, que somos uma vil poeira.

8. Mas notemos que, para ser humilde, não basta pronunciar palavras de humildade. Muitos enganam-se nisto e crêem ter feito o suficiente ao proclamarem-se os mais miseráveis de todos.

Não! a humildade não é isto. Não é necessário humilhar-nos excessivamente em palavras, depreciar-nos e vilipendiar-nos.

Muitas vezes sob estas humildes frases esconde-se uma preocupação de orgulho. Esperamos, por tanta humildade, excitar admiração ou protestos contra o mal de nós dito.

Como é preferível, conforme ensina São Francisco de Sales, não dizer de si nem bem nem mal.

9. Se bastam poucas palavras humildes, são necessários, ao contrário, muitos atos de humildade. Somente estes atos não devem possuir nada de rígido, de afetado ou de descortês para os outros. A alma humilde tem uma maneira muito simples de ser boa, condescendente, caridosa.

Reconhece seu nada. Não tem, pois, pretensão. Não devemos pensar nela, não devemos poupá-la. Não vê mesmo as faltas de atenções, porque não merece atenção alguma.

Não vivendo para si, está sempre à disposição de outrem. Presta serviço a todo mundo, toma sobre si os deveres enfadonhos e não exige em paga reconhecimento.

Os officios mais baixos, rejeitados por outros, tomamos para si e não imagina que disto lhe possa vir a desonra.

Assim se torna agradável aos homens e a Deus. Quanto mais se esquece de si, mais somos inclinados a elevá-la.

10. O melhor tempo, sem dúvida, para progredir rapidamente neste esquecimento próprio, é o das humilhações, das contrariedades, das perseguições.

Diante de uma afronta, o primeiro movimento será certamente um gesto de recuo ou revolta.

Este movimento é involuntário. E' a manifestação deste estado latente de loucura, em nós dissimulado a respeito de nossa própria excelência.

Mas a reflexão intervém no mesmo instante e faz recuperar o bom-senso.

Não precisamos, pois, assustar-nos quando, ante uma humilhação, experimentamos, no primeiro momento, uma impressão desagradável. E' necessário resistir, recomendar-nos a Nosso Senhor humilhado e refletir um instante em nossa miséria.

11. Graças a esta prática, a alma, sempre apoiada na oração, pode chegar, com o tempo, a acolher seja qual for a contradição ou injúria, sem perder a paz interior.

Esta tranquila aceitação do desprezo ou da contradição é a prova mais certa de que a alma é verdadeiramente humilde.

Não nos fiemos nos belos pensamentos criados em nós mesmos a respeito de nossa pequenez. O demônio conhece melhor do que ninguém sua própria degradação, contudo é um monstro de orgulho.

Nem nos tranquilizemos mais quando sentimentos de humildade ocuparem nosso coração. A imaginação e o demônio podem produzir em nós admiráveis impressões de humildade.

A única coisa impossível ao demônio e ao homem é a habitual aceitação serena e alegre das contradições, das afrontas ou simplesmente do esquecimento.

O' Jesus, ó Maria! tende piedade de nós!

Quem de nós ousaria dizer que se compraz nas afrontas?

CAPÍTULO IV

A RENÚNCIA

ARTIGO I

MODERAR A PRETENSÃO DO ESPÍRITO

1. Como os perigos dos sentidos esperam o jovem coração à entrada da vida, assim os do espírito ameaçam perverter a jovem inteligência pronta a dedicar-se ao estudo.

Apenas o espírito começa a ter consciência de sua força, a formar raciocínios, a gozar a doçura das primeiras descobertas no campo da verdade, e já a semente do orgulho deita raízes na alma com risco de romper o equilíbrio entre o espírito e o bom-senso.

Se os talentos dados por Deus excedem um pouco a mediocridade, a ambição intelectual bem depressa não conhece mais limites, o espírito sacia-se de tudo com avidez, enche-se mais de vaidade do que de verdade.

S. Paulo disse: *Scientia inflat* (1 Cor 8, 1). A ciência incha.

2. O escolho desta formação intelectual tem sido a parte excessiva dada às luzes humanas em detrimento da luz divina, o predomínio do estudo sobre a ora-

ção, o culto da razão humana e o esquecimento do seu absoluto nada e de sua universal fraqueza.

O que é o mais sublime gênio diante da sabedoria de Deus? É com sacrifício que a mais poderosa inteligência consegue, depois de uma vida de esforços e de pesquisas, entrever um ou outro problema científico e quando crê resolvê-lo, vê surgir outras questões mais complicadas e abrir-se diante de si novos horizontes, que não conseguirá nunca abranger.

3. O verdadeiro sábio é humilde. Ao contacto da verdade, sua inteligência inclina-se perante Deus, em vez de elevar-se em si própria.

É tolerante para as opiniões de outrem, respeita o que não compreende, não censura nem desdenha o que excede à sua competência.

O verdadeiro sábio não é escravo dos preconceitos de escolas. Sabe que opiniões diferentes das suas, das de seu mestre, ou das de sua Ordem, podem conter uma parte de verdade.

Para ele as discussões científicas não são um fim, mas somente um meio: são úteis quando são conduzidas com moderação, com o devido respeito às convicções alheias.

4. Não exagera a importância de sua missão na Igreja. Está incumbido de manter o movimento no mundo das idéias, como o vento está encarregado de manter as correntes no ar, como o fluxo e o refluxo devem renovar o movimento nas águas do mar

Sem movimento há estagnação e onde há estagnação, há em breve corrupção.

Eis aí por que é necessário movimento no mundo das inteligências, um movimento sempre contínuo, discussões sempre ativas.

Deus colocou em face, no mundo material, as duas forças centrífuga e centrípeta, fatalmente inimigas. Mas de sua oposição surge, sob a mão diretriz de Deus, a magnífica ordem do universo.

Assim Deus colocou em face, no mundo das idéias, uma força centrípeta: o princípio de autoridade, e uma força centrífuga: o princípio de liberdade.

Os dois princípios estão certos, foram estabelecidos por Deus; mas Deus não incumbiu neste mundo à razão humana de harmonizá-los inteiramente.

Dai nasceram e deviam nascer diferentes sistemas sobre questões fundamentais de filosofia e de teologia: o concurso divino, a premoção, a ciência de Deus, a predestinação, a natureza da graça, e, nestes últimos tempos, a essência e o papel da contemplação.

Estas discussões não terminarão nunca. Os sábios devem continuá-las e, por determinação de Deus, produzir o fluxo e o refluxo necessários no mundo das inteligências.

5. O verdadeiro sábio está, pois, muito longe de dar à ciência o primeiro lugar na sua vida.

O principal trabalho, para ele como para o mais ignorante, é progredir na vida espiritual, ser semelhante a Jesus Cristo manso e humilde de coração.

Entrega-se ao estudo como o empregado ao seu trabalho, unicamente para fazer sua farefa cotidiana designada pelo dever.

Enquanto estuda, eleva de vez em quando o coração para Deus, e murmura um ato de amor a Jesus e Maria.

Assim estudavam S. Tomás, S. Boaventura, S. Bernardo, Santo Afonso. Eram verdadeiros e grandes sábios, mas seu principal mérito, diante de Deus e dos cristãos, é o de haverem sido verdadeiramente humildes.

Estes sábios desconfiavam de seu saber e envergonhavam-se de sua reputação de ciência. Lembravam-se da palavra do Mestre: *Nec vocemini magistri, quia magister vester unus est, Christus* (Mt 23, 10). Não vos intituleis mestres, porque vosso Mestre é um só, Cristo.

6. Este único Mestre pode ensinar uma ciência mais elevada, mais profunda e mais vasta que os doutores humanos e se apraz em comunicá-la às almas humildes, por seus dons de sabedoria, inteligência e ciência.

Não disse Jesus: *Confiteor tibi, Pater, quia abscondisti haec a sapientibus et prudentibus, et revelasti ea parvulis?* (Mt 11, 25). Dou-vos graças, ó Pai, porque ocultastes estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelastes aos humildes.

Estes sábios apóiam-se mais na solidez de seu raciocínio do que na palavra de Deus ou na aspiração divina; estes prudentes procuram mais cultivar sua personalidade humana do que a vida de Jesus Cristo, cujo germe jaz encerrado na sua alma pelo batismo.

Estes sábios e estes prudentes bebem seus conhecimentos das coisas espirituais exclusivamente nos livros, que chamam científicos, e negligenciam ir à escola do Espírito Santo pela oração humilde e pela meditação assídua do Evangelho.

7. O' Jesus! afastai de nós a presunção do espírito. Enquanto nossa inteligência se ocupa por dever em adquirir a ciência, esclarecei-a simultaneamente sobre esta ciência mais necessária do amor divino, da perfeita renúncia e da total doação a vós.

Que maravilhosos segredos teríeis podido revelar outrora quando vivíeis entre os homens e, se vos tivésseis dignado fazê-lo, de que reconhecimento vos te-

riam cercado os sábios de todos os tempos, e como celebrariam nos séculos futuros vosso prodigioso saber!

Conheciéis todos os arcanos da natureza. Sabieis, por exemp'lo, todas as maravilhas da eletricidade apenas imaginadas pela ciência moderna. Enquanto conversáveis com os judeus de Jerusalém, podíeis, à vontade, ouvir os discursos do foro de Roma ou da ágora de Atenas. Era-vos lícito dar a vosso ouvido humano a sensibilidade do mais perfeito posto receptor de telefonia sem fio.

8. Por que Jesus nada revelou de todos estes segredos? Verossimilmente, porque um ato de uma alma humilde tinha mais valor aos seus olhos do que toda a ciência do mundo.

Em vez de revelar os segredos perecíveis do tempo, contentou-se em descobrir os da eternidade. Em vez de fazer admirar sua prodigiosa ciência, disse: *Discite a me quia mitis sum et humilis corde, et invenietis requiem animabus vestris* (Mt 11, 29). Aprendei de mim o segredo de ser mansos e humildes de coração, e achareis a paz de vossas almas.

Em vez de fascinar a inteligência dos homens, quis atrair seu coração e aliviar suas misérias: *Si quis sitit, veniat ad me et bibat* (Jo 7, 37). Se alguém tem sede, venha a mim e beba. *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos* (Mt 11, 28). Vinde a mim vós todos que sofreis e sucumbis sob o fardo, e eu vos aliviarei.

9. E' necessário cultivar a ciência, mas é necessário cultivá-la com moderação: *Oportet sapere, sed sapere ad sobrietatem* (Rom 12, 3).

Se não tendes a obrigação ou a vocação, não examineis curiosamente os livros relativos às questões debatidas entre sábios, mesmo as de espiritualidade.

A sede de saber produz rodeios inúteis sobre vós mesmos e sobre vossa maneira de orar.

Possuísseis vós todos os conhecimentos do mundo para distinguir onde começa a mística e onde acaba a ascese, para enumerar os múltiplos matizes e graus da contemplação, este conhecimento não vos faria subir um só degrau na verdadeira oração.

Só Deus deve infundir esta graça, e se apraz em fazê-lo quando uma alma lho pede com humilde confiança.

A graça da oração nunca está melhor guardada do que numa alma pouco instruída.

Os sábios não deveriam tratar destas questões em público, composto, em grande parte, de almas incapazes de discernir os matizes ou de compreender o alcance dos termos filosóficos e teológicos.

10. Aliás, a alma verdadeiramente interior não tem ambição alguma de se ocupar destes estudos quando disto não tem dever, não sente prazer algum em percorrer os livros científicos explicando estas questões.

Neles encontra frequentemente muita ciência humana e muito pouca unção divina, muitas coisas capazes de maravilhar o espírito e muito pouca verdade destinada a nutrir o coração... e, depois de algumas experiências, abandona-os.

Lê simplesmente os livros espirituais postos em suas mãos, pela Providência ou pela obediência, com a intenção única de se edificar e de conhecer a divina vontade.

Seu único fim é aprender a amar Jesus e Maria com um amor terno e forte e cumprir fielmente seu dever de todos os dias.

CULTIVAR A VIRGINDADE DO CORAÇÃO

1. À custa de oração e de vigilância a alma confiante pode chegar ao completo desprendimento do coração.

Devemos consagrar a Deus nossos pensamentos, nossos julgamentos, nossos sentimentos, nossas ocupações e nossos sacrifícios, mas Jesus Cristo é particularmente cioso de possuir nossa afeição. A alma que aspira à intimidade com Jesus deve consagrar-lhe a virgindade de seu coração.

2. O coração virgem é o que não entretém voluntariamente nenhum apego desordenado a uma criatura.

A virgindade do coração não significa, pois, que o coração não possa amar ninguém sobre a terra. Não! pode amar outras criaturas, deve mesmo amar seus pais, seus benfeitores, todos os homens e mesmo seus inimigos.

O próprio Jesus não se contentou em amar seu Pai. Amou sua Mãe terrestre, seu pai nutrício, seus apóstolos, seus contemporâneos, amigos e inimigos e não cessa de amar a todos nós.

Jesus quer, pois, que amemos, com semelhante amor sobrenatural, todos os homens. Tudo é para vós, diz S. Paulo, e vós sois para Cristo e Cristo é para Deus: *Omnia vestra sunt, vos autem Christi, Christus autem Dei* (Gál 2, 20).

3. Mas o coração virgem não ama criatura alguma independentemente de Deus ou em oposição à sua vontade.

Pertencemos a Deus: Quer vivamos quer morramos, somos propriedade sua: *Sive enim vivimus, sive morimur, Domini sumus* (Rom 14, 8).

Se uma criatura cativa nosso amor e impede-o de elevar-se até Deus, não é um meio e sim um obstáculo que obstrui a estrada para o céu. Importa afastá-lo.

O amor de um coração não se detém, pois, nunca, na própria criatura; ao contrário, atravessa-a, como um raio atravessa o cristal, para se lançar em Deus, o princípio e o fim de todo amor verdadeiro.

4. Por que a alma desejosa de alcançar a santidade deve cultivar esta virgindade do coração?

Deus é um Mestre soberano. A ele pertence não só toda honra e toda glória: *Ipsi soli honor et gloria* (1 Tim 1, 17), mas também toda afeição e todo amor.

Jesus resgatou-nos pelo preço de seu sangue. Adquiriu um direito absoluto sobre todo o nosso ser, sobre todas as nossas faculdades, com seus atos e seus menores movimentos, sobre todas as palpitações de nosso coração.

Exige, pois, com razão que a alma seja um jardim fechado a ele reservado. Quer fazer do coração uma fonte selada de onde só jorrem as águas da divina caridade: os atos de amor para com Deus e de benevolência para com o próximo.

5. O coração que profana a virgindade de seu amor é semelhante a uma praça pública franqueada a todos os transeuntes para nela passearem e discutirem seus negócios profanos.

Que desgosto para Jesus ao ver este coração criado e resgatado por Ele entregar-se a estranhos e deixar arrebatado sua virginal beleza.

Entre os homens o ciúme proveniente da fidelidade violada ou de uma simples suspeita produz terríveis consequências. Causa ao abandonado ou ao desprezado torturas morais capazes de conduzir ao desespero.

Que será então quando uma das duas almas amantes é a de um homem-Deus que, para se assegurar a posse formal de um coração humano, consentiu em humilhações infinitas!

Que tormentos este Jesus devia sofrer, durante sua vida mortal, quando previa que um coração humano, o vosso, talvez, retirado do nada e da lama do pecado, havia de subtrair-se um dia aos seus amplexos e iria oferecer-se aos lanços, em uma praça pública, como uma coisa sem valor!

Que dor devia ser a do Coração de Jesus, contemplando no sangue e no abandono universal a série de seus esforços para obter a fidelidade de um coração mortal, quando via este coração pérfido abandoná-lo, por sua vez, e dirigir-lhe, até na morte, o insulto e a zombaria.

Mistério de ingratitude!

6. Sem esta pureza de coração, não há intimidade entre Jesus e a alma, e, por conseguinte, não há santidade.

E que intimidade poderia existir entre Jesus e a alma, sua esposa, se esta é leviana, dissipada, sequiosa de abandonar o teto familiar e de procurar longe satisfações frívolas?

Sem esta integridade do coração não há solidão nem recolhimento, sem ela não há contacto permanente com Deus, nem oração contínua. Sem ela, pois, não existem graças nem santidade.

7. Quem calca aos pés sua pureza, dissipa ao mesmo tempo sua beleza, sua força, sua saúde. Semelhantemente, um coração, desprovido da virgindade de sua afeição, dissipa sua energia moral, arruína seu vigor espiritual e mancha a veste branca que inclinava Deus para si.

E' preocupado, agitado, ciumento. Por um lado custa-lhe abandonar o divino Mestre, por outro lado o encanto das criaturas fascina-o.

Além disto, o coração dividido está sempre em perigo de naufragar. O amor é, por natureza, exclusivo. Sem dúvida, Jesus poderá expulsar de seu templo os vendedores com sua mercadoria degradante.

Mas seu amor desprezado poderá também se cansar e abandonar esta ingrata criatura à sorte escolhida por si mesma.

8. Como deve a alma defender a virgindade de seu amor?

Devemos estimar, sem dúvida, extremamente a virgindade do corpo. Nosso Senhor e, depois dele, S. Paulo e S. João exaltaram-na, mas o que vale esta integridade, sem a virgindade do coração?

Jesus ama aquela, porém é infinitamente mais cioso desta, porque excede a outra em dignidade como a alma excede ao corpo.

E' necessário, pois, evitar toda afeição muito natural, muito expansiva, muito absorvente.

A virgem prudente teme, continuamente, expor sua virtude. Evita com cuidado a menor aparência de perigo, prevê, com uma espécie de intuição, os laços armados à sua virtude.

Assim, a alma cuidadosa de conservar só para Jesus a afeição de seu coração, teme e treme para não exagerar a afeição às criaturas.

Não as ama por elas próprias, nem por suas qualidades, nem por seus atrativos e sim por ver Jesus nelas.

Quando uma afeição excessivamente humana tende a nascer em seu coração, reprime-a com energia e sem perda de tempo.

De outra forma, bem o sabe, esta paixão, ao princípio inocente, cresce, fortifica-se e enraíza-se. Uma vez estabelecida no coração, fará guerra ao amor sobrenatural de Jesus e esta guerra, por sua vez, criará no coração um estado de inquietação, de descontentamento e de tentação.

9. Mas onde estão as almas que compreendem o rigo dos apegos do coração? Onde estão as que apreciam esta divina delicadeza do amor exigido por Jesus? Quem não crê exagerar as precauções aconselhadas para conservar para o divino Mestre a integridade, a virgindade do coração?

Sòmente as almas favorecidas por esta divina familiaridade de Jesus ou admitidas, como S. João, a repousar sobre o coração do divino Mestre, são capazes de compreender o divino ciúme do divino amor.

10. A Virgem das virgens deve obter-nos esta graça, porque carrega nos seus braços, sobre seu coração virginal, a própria pureza, o Cordeiro sem mancha.

Pode fazer-nos compreender e saborear esta deliciosa solidão do coração desprendido de todo outro desejo que não seja Jesus.

Pode fazer-nos entrar na divina família e aí nos fazer encontrar tanta ternura e delicadas atenções que não seremos nunca mais tentados a deixar o teto paterno e procurar algures satisfações terrestres.

ARTIGO III

REFORMAR O CARATER

1. Para predispor a alma à ação do Espírito Santo, não basta refrear as pretensões exageradas da inteligência e desprender o coração de todo apego desordenado, cumpre além disso estabelecer a ordem e a tranquilidade na parte sensível do homem.

Este trabalho de moderação das paixões e de extirpação dos defeitos chama-se a reforma do caráter.

2. O caráter é o conjunto das idéias, das tendências, dos sentimentos e dos gostos de um homem; manifesta-se pela maneira habitual de pensar, de querer, de sentir e de agir.

No caráter, há um elemento estável, que é resultante do temperamento de cada homem e da tèmpera especial dada por Deus à alma e às faculdades.

Há também um elemento variável. O caráter pode ser influenciado ou modificado pelas circunstâncias exteriores de tempo, de meio, de condição, mas sobretudo pelo esforço interior da vontade para aperfeiçoá-lo.

O que tomar a peito este último trabalho, conseguirá, com o auxílio da graça, fazer desaparecer a maioria das asperezas do caráter. Tornar-se-á humilde, paciente, condescendente, misericordioso, serviçal e sociável. Aproximar-se-á assim de seu divino modelo, Jesus Cristo, e merecerá ocupar um lugar entre seus íntimos amigos.

3. Os caracteres são de uma variedade infinita; pode-se, entretanto, reduzi-los a quatro grupos principais.

O caráter *sensível* é dotado de generosidade, de devotamento, de compaixão. E' inclinado ao sacrifício, amoroso, pronto a causar prazer.

Mas a sensibilidade, sendo uma qualidade, pode degenerar em sensibilidade doentia e engendrar notáveis defeitos.

O homem de caráter sensível está exposto a deter-se em demasia nas criaturas, a procurar nela sua consolação e seu apoio.

E' frequentemente a vítima de uma pueril vaidade; procura agradar e atrair a atenção.

E' curioso, inclinado a imiscuir-se em tudo, a tudo ler, escutar e olhar.

Fala imoderadamente, espalha e aumenta as notícias, semeia a discórdia sem quase o perceber; é dissipado e superficial.

O caráter sensível é caprichoso, inconstante, exigente na alimentação e na vestimenta, difícil no tempo da doença e da convalescença.

4. O sensível deve corrigir estes defeitos. Relativamente a si mesmo, deve habituar-se a fazer sacrifícios, a recusar-se diferentes satisfações, a moderar o cuidado de sua saúde. Deve suportar as privações sem falar nelas, afastar as idéias e as imaginações inúteis, entregar-se a uma vida mais retirada, evitar as leituras dissipantes e as fantasias, vigiar as primeiras impressões e refreá-las imediatamente.

Relativamente a outrem, deve vigiar constantemente seu coração, cortar as afeições excessivamente naturais, mostrar-se varonil na conduta e nas relações e procurar sua consolação não junto aos homens e sim aos pés do tabernáculo.

Relativamente a Deus, deve crer no amor de Nosso Senhor, sem exigir sempre carícias, deve ser fiel a seus exercícios de piedade em qualquer tempo e não os suspender, adiar ou abreviar, se não encontra neles nenhum gosto.

Deve durante a oração ocupar-se mais da paixão de Nosso Senhor, compenetrar-se da doutrina da cruz, dar bom acolhimento às contrariedades, ter a fisionomia sempre alegre no meio das vicissitudes da vida interior.

5. No extremo oposto ao caráter sensível, encontra-se o caráter *melancólico*.

O melancólico mostra-se habitualmente grave, inclinado à reflexão, desprendido das coisas passageiras, amigo da perfeição. Mas, sob esta aparência austera, escondem-se vários defeitos.

O homem de caráter melancólico frequentemente se deixa dominar por uma tristeza acabrunhante, desanimada e desanimadora, infinitamente distante dessa tristeza tranquila e sobrenatural chamada compunção.

Vítima de sua tristeza, o melancólico habitua-se a ver tudo preto, e desaprovar o próximo, os superiores, as constituições de sua Ordem, os costumes estabelecidos e isto sob o pretexto da glória de Deus.

O melancólico é um egoísta. Constituindo-se a si mesmo o centro de sua vida e de sua atividade, cria para si um mundo interior de pensamentos, julgamentos e imaginações do qual é o rei. E' egoísta até nos seus gostos de austeridade, oposto à obediência, mas não à vaidade.

O melancólico é desconfiado, explica desfavoravelmente as ações do próximo, interpreta seus pensamentos e suas intenções alterando-as. Imagina-se incompreendido ou perseguido pelos homens.

Suas expressões habituais são: não há justiça no mundo, nem mesmo no convento; não observam a regra; o fervor extingue-se, os superiores não se ocupam de coisa alguma; não se pode confiar em ninguém; não há verdadeira virtude!...

O melancólico é taciturno, exceto em certos momentos de expansão excessiva: é pesado a si mesmo e aos outros, é preocupado e triste. Falta assim aos deveres da vida social ou da vida comum. E' vingativo, ruma projetos de represálias, prepara no seu espírito frases vingadoras de algum mal que lhe causam.

6. Oh! como lhe convém compreender a má influência da tristeza, o perigo de nutri-la pelas fantasias, de provocá-la pelas amargas reflexões sobre a injustiça dos homens, a perversidade do mundo. Deve pôr termo a todos estes tristes pensamentos, alegrar-se de ser filho de Deus e entregar à Providência o cuidado de tudo.

Em seguida, deve admitir o exagero de seu julgamento falso, a frequente injustiça das apreciações pessimistas, a infinita paciência de Deus e sua misericórdia para a fraqueza humana.

Deve habituar-se a ver as coisas de mais alto, do ponto de vista de Deus e, se não é capaz, deve confessar sua ignorância e abster-se de emitir um juízo sobre as coisas superiores à sua competência.

O melancólico deve sobretudo trabalhar para ser caridoso, para viver pelos outros, deve apagar-se, esquecer-se, ocupar-se de Deus e não de si. Deve praticar a virtude de devotamento, esforçar-se para causar prazer, escolher para si o que há de inferior e de mais difícil, perdoar as faltas de atenção e esquecer as ofensas recebidas.

Tudo isto só se pode realizar contemplando habitualmente o divino modelo da caridade: Jesus na cruz.

7. O caráter *irascível* é muito ativo, empreendedor, intrépido, inclinado à magnificência.

Mas, ao mesmo tempo, o homem irascível é orgulhoso. Quer ocupar em toda parte o primeiro lugar, despreza ou desdenha os menos favorecidos e os menos prendados.

E' frequentemente insubmisso, julga as ordens recebidas, às vezes recusa positivamente obedecer, revolta-se mesmo abertamente e semeia a perturbação na sua roda.

E' ciumento, não suporta ver outros mais apreciados, mais amados, mais consultados. Este ciúme rói-lhe o coração, desgosta-o da vida e às vezes lhe faz abandonar a piedade, ou perder a vocação religiosa.

E' dominador, duro, intransigente. Empreende coisas arriscadas, comprometedoras para seu futuro, está frequentemente em contradição com seus superiores e seus iguais. E' temido, porém pouco amado.

8. O irascível deve meditar frequentemente a mansidão de Cristo: *Discite a me, quia mitis sum et humilis corde* (Mt 11, 29): Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração. *Non contendet, neque clamabit, neque audiet aliquis in plateis vocem ejus, arundinem quassatam non confringet, et linum fumigans non exstinguet* (Mt 12, 19-20). Não disputará nem gritará de modo algum, não ouviremos sua voz nos lugares públicos. Não inutilizará a cana partida e não apagará o pavio que ainda fumeja.

Deve recomeçar esta luta contra seu caráter todos os dias, humilhar-se, pedir perdão de seus excessos. Considerará com este fim as consequências deploráveis de sua pouca moderação: o prejuízo à glória de Deus, o dano causado às almas, o perigo de aniquilar sua própria vida e de tornar inúteis as grandes qualidades recebidas de Deus.

Mas também, se for dócil, humilde, paciente, condescendente, ninguém será mais capaz do que ele de servir a causa de Deus e de salvar muitas almas.

9. O caráter *fleumático* é calmo, pacífico, ponderado, prudente e capaz de executar um trabalho durável e sólido.

Mas está exposto a cair na indolência e na inação, a não apreciar as coisas pequenas, a necessidade da mortificação, a luta contra os defeitos.

O homem de caráter pneumático é comumente fraco, indeciso, tímido e incapaz de assumir responsabilidades. Assim, muitas vezes, sua vida passa-se na mediocridade e na inação.

E' egoísta, calculador, sem espírito de devotamento para com Deus e para com o próximo; procura passar a vida despendendo o mínimo possível de esforços. Também, não tem aspiração na vida espiritual.

Como suas paixões são menos salientes e menos vivas, com facilidade se supõe superior ao próximo em qualidades e em aptidão para a reforma do caráter.

10. O fleumático deve lembrar-se constantemente que o reino dos céus padece força e só o arrebatam os que fazem violência: *Regnum caelorum vim patitur, et violenti rapiunt illud* (Mt 11, 12).

Convém-lhe muito, pois, entregar-se a Deus com generosidade, combater o egoísmo que vacila diante dos menores sacrifícios a fazer, diante dos serviços a prestar aos outros e os esforços a impor-se a si mesmo.

Enquanto a alma calcula com respeito a Deus e mede com parcimônia o prazer a causar-lhe, é uma mercenária: inapta para a santidade.

A Deus, é necessário dar tudo definitivamente e sem cessar.

11. Neste trabalho Deus pede antes de tudo a boa vontade. Desde que vê a alma decidida a extirpar seus defeitos, sustenta-a por sua graça, levanta-a depois de suas quedas, instrui-a por sua luz, encoraja-a por sua unção.

Deus tem pressa de começar nela seu verdadeiro trabalho, de manifestar-se nela, de atraí-la para sua intimidade. Mas não o poderia, antes de restabelecer o equilíbrio moral, perturbado pelas paixões indomadas.

Entretanto o esforço de sua vontade não basta para levar a bom termo este trabalho de reforma de caráter. Os apóstolos tinham remado com todas as forças e durante toda a noite, para escapar à tempestade. Mesmo assim, estavam a ponto de ver soçobrar seu barco.

E' necessário pedir ao divino Mestre aplaque as ondas enfurecidas das paixões e restabeleça em nossa alma esta harmonia perfeita que nos tornará semelhantes a ele próprio e à sua divina Mãe. *Dixit mari: Tace, obmutesce. Et cessavit ventus et facta est tranquillitas magna* (Mc 4, 39). Ele disse ao mar: "Cala-te, acalma-te!" E o vento aplacou-se e fez-se uma grande bonança.

ARTIGO IV

A COMPUNÇÃO

1. *Cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies* (Sl 50, 19). Não desprezareis um coração contrito e humilhado.

Na luta para a reforma do caráter, a alma conta, frequentemente, derrotas: *In multis enim offendimus omnes*. Pecamos, com efeito, em muitas coisas (Tgo 3, 2).

Mas temos o meio de levantar-nos logo e depois de cada queda, e de retomar, imediatamente, a ofensiva. Este meio está ao alcance de todas as almas e é sempre eficaz. E' o espírito de compunção.

Não podemos sempre recorrer imediatamente ao sacramento da penitência, mas é sempre fácil pedir a Deus perdão por um simples movimento do coração.

2. O que é, pois, o espírito de compunção?

E' uma disposição estável da vontade, que a leva a deplorar tranquilamente, porém constantemente, to-

dos os seus pecados passados e presentes e a pedir a Deus para deles purificá-la e preservá-la no futuro.

A compunção supõe, pois, em primeiro lugar, uma disposição de humildade na alma, que vê seus pecados e detesta-os porque desagradam a Deus.

Contém também um ato de confiança neste Deus infinitamente bom que disse: *Si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabuntur, et si fuerint rubra quasi vermiculus, velut lana alba erunt* (Is 1, 18). Se vossos pecados são como o escarlate, tornar-se-ão brancos como a neve; se são vermelhos como a púrpura, tornar-se-ão brancos como a lã.

A alma não duvide do perdão de Deus, cada vez que voltar aos seus pés, com humilde confiança.

A compunção encerra, além disso, um ato de amor perfeito. A alma arrepende-se dos seus pecados, não tanto como causa de castigo, mas porque causam desgosto a Deus, seu Pai, a Jesus, seu Salvador e seu Irmão e à Santíssima Virgem, sua Mãe.

A compunção contém, enfim, um movimento de oração humilde e confiante para este Deus santo, bom e poderoso, pedindo-lhe para perdoar, purificar a alma e preservá-la de novas quedas.

Humildade, confiança, amor, oração, tudo isto concentra-se num único ato de arrependimento, de contrição perfeita.

3. A alma que deseja chegar à perfeição deve viver em espírito de compunção.

Somos infinitamente indigentes aos olhos de Deus, em consequência de nossa tendência perpétua para o mal, em consequência de pecados reais cometidos diariamente.

Estes pecados são numerosos: muito mais do que o supomos. E' necessário ser bem esclarecido para per-

ceber esta multidão de grãos de poeira caindo constantemente sobre nossa alma: movimentos de orgulho, de jactância, de descontentamento, de impaciência, de queixa interior, de desaprovação implícita à vontade de Deus.

4. E se verdadeiramente não houvesse faltas atuais, a alma deveria lembrar-se da fonte de pecados sempre pronta a jorrar sob a influência da menor tentação.

E' preciso pedir a Deus arranque do fundo da alma as raízes do pecado, sobretudo de orgulho e de sensualidade.

E' preciso pedir-lhe não lhes permita de rebeniarem e produzirem novos frutos de pecado.

À vista desta facilidade sem limites da natureza decaída, todo coração humano deveria ser humilde e suplicante perante Deus, sempre ocupado em lhe pedir perdão.

5. Os frutos deste espírito de compunção são numerosos e inapreciáveis.

O rosto está sempre limpo quando fazemos desaparecer imediatamente as menores manchas e a menor poeira que o possam afear; assim a alma habitualmente contrita é sempre pura e bela aos olhos de Deus.

Cada ato de compunção apaga todos os pecados e dá à alma a brancura da inocência. A continuidade e a intensidade destes atos de arrependimento consomem até as dívidas temporais depois da remissão do pecado.

Assim, a alma, vivendo no hábito da compunção, pode esperar ir direta ao céu sem passar pelo purgatório.

6. Este espírito de compunção tem, além disso, uma força singular para atrair Jesus à alma e para a

fazer entrar na sua divina familiaridade. *Ad quem respiciam, diz o Senhor, nisi ad pauperulum et contritum spiritu?* (Is 66, 2).

Eis aqui aquele que eu olho: aquele que é humilde e tem o coração contrito.

Também os santos nunca começam sua oração sem estarem mergulhados no seu nada e sem terem pedido perdão a Deus de suas faltas conhecidas e desconhecidas.

Os salmos de David abundam em preces, em atos de contrição e humilde confiança: *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam* (Sl 50, 1). Tende piedade de mim, Senhor, segundo a grandeza de vossa misericórdia. *De profundis clamavi ad te, Domine: Domine, exaudi vocem meam* (Sl 129, 1). Do fundo de minha miséria, clamei a vós, Senhor: Senhor, ouvi minha voz.

7. Ao espírito de compunção está ligada uma graça especial de consolação íntima e de unção sobrenatural. É a fonte das lágrimas santas derramadas durante a oração. Foi este espírito de compunção que levou Madalena aos pés de Jesus, apagou, em um instante, todos os seus pecados e acendeu no seu coração penitente a viva chama da divina caridade.

A intimidade reservada por Jesus às almas inocentes é sem dúvida admirável! Entretanto, é ela maior do que a concedida à alma humilde, chorando seus pecados aos seus pés, sobre seu coração? Esta alma pecadora não é a pobre ovelha desgarrada que procura e que carrega sobre seus ombros divinos para reconduzi-la ao aprisco?

8. A compunção habitual dá à alma uma força singular para afrontar os combates futuros.

A oração é prometida a vitória. Ora, a alma contrita não cessa de chamar por socorro. Também adquire prontidão e energia singulares para repelir imediatamente as tentações sedutores para as almas comuns. Excita em si o horror de todo pecado voluntário mortal ou venial, e assim diminui consideravelmente o número de suas faltas.

9. O espírito de compunção é uma disposição constante do coração humilde, deplorando seu pecado. Acompanha, pois, a alma em todas as circunstâncias e em todos os atos da vida, particularmente depois de uma falta.

Sem dúvida, estes atos de contrição são mais explícitos e mais precisos antes da confissão sacramental, mas também, fora deste tempo, a alma habituouse, como impelida por um instinto sobrenatural, a pedir frequentemente perdão a Deus.

Nunca se aproxima de Nosso Senhor, sem se ter humilhado perante ele, o três vezes Santo. E, durante seu colóquio com ele, no meio de seus transportes de amor e de seus movimentos de audaciosa e filial confiança, entremeia atos de humilde compunção.

E, para apresentar-se com mais segurança e mais integralmente perante Jesus, dirige-se, antes de tudo, à Santíssima Virgem. Pede a esta Mãe querida para cobri-la com seu manto de pureza, a fim de que Jesus veja sua indigência e miséria, cobertas pela santidade e inocência de sua Mãe imaculada.

CAPITULO V
CONHECER JESUS CRISTO

ARTIGO I

O OBJETO DA ORAÇÃO: JESUS CRISTO

1. A santidade consiste em assimilar-se Jesus Cristo, em transformar-se nele, em reproduzir sua vida, em tomar seus pensamentos, suas afeições, suas inclinações, seus sentimentos.

Mas, para participar de sua vida e de sua virtude, é necessário conhecer este bom Mestre e meditar seus mistérios, conservar os olhos da alma por muito tempo fixados neste divino modelo.

E' o objetivo da via *iluminativa*, segunda etapa a transpor, se queremos chegar ao cume do amor.

2. Antes de todos os séculos, o Verbo de Deus é o esplendor da glória de Deus, seu Pai, a figura de sua substância: *Splendor gloriae et figura substantiae ejus* (Heb 1, 3).

E' o brilho da luz eterna, *Candor est lucis aeternae* (Sab 7, 26). Mas este brilho tem o esplendor da própria Luz. O Verbo é Deus eterno, todo-poderoso, santo, como seu Pai, seu Princípio.

O Verbo divino é o espelho sem mancha de seu divino Pai: *Speculum sine macula* (Sab 7, 26). Reproduz, sem nada perder, todas as infinitas perfeições.

O Verbo divino é a imagem da bondade de Deus: *Imago bonitatis illius* (Sab 7, 26), não uma imagem idêntica do Pai, igual a ele, infinitamente perfeita.

O Verbo divino é, pois, por essência necessariamente a glória infinita de seu Pai. Seu destino, se assim ousamos referir-nos a um tão alto mistério, é pertencer ao Pai, amá-lo e glorificá-lo dignamente, comprazer-se na sua excelência infinita.

3. A aspiração única, incoercível, infinita em profundidade e em veemência, do Filho de Deus, é, pois, honrar e amar seu Princípio eterno, seu Pai.

Mas, sendo ele próprio Deus, igual a seu Pai, não pode como tal humilhar-se perante ele. Tomou, pois, a natureza humana para ser inferior ao Pai, para se humilhar, aniquilar-se perante ele e reconhecer efetivamente por esta humilhação seu soberano domínio.

Ora, como, por um lado, seu desejo de render homenagem ao Pai é insaciável e como, por outro lado, a idéia que tem do soberano domínio de Deus sobre todo ser é infinitamente perfeita, é necessário esperar ver Jesus Cristo, este Verbo feito carne, realizar prodígios de aniquilamento capazes de lançar no assombro toda inteligência criada, humana e angélica.

4. Assim se explica por que quis tomar sobre si todas as fraquezas da humanidade, exceto o pecado, consentir em ser concebido no seio de uma Virgem sua própria criatura, nascer num estábulo abandonado, desconhecido dos homens, desprezado, imediatamente perseguido, passar seus trinta primeiros anos na oficina de um pobre operário, e viver do trabalho de suas mãos.

O Filho de Deus, o Todo-Poderoso, o Eterno, o Imenso comprazia-se nestes estados porque lhe permitiam aniquilar-se diante de seu Princípio, seu Pai benfazejo e, ao mesmo tempo, substituir junto a Ele as criaturas incapazes de render a Deus as convenientes homenagens.

5. Mas a humanidade era não somente impotente para apagar sua dívida relativamente a Deus, como também culpada de haver, por seu pecado, desprezado e rejeitado o soberano Mestre do universo.

Jesus, o Filho de Deus Encarnado, será, pois, não só a glória de seu Pai pelas humilhações de sua humanidade, será ainda o restaurador desta glória por sua expiação, seus sofrimentos, suas humilhações e sua morte sobre o patíbulo.

Quem poderá medir os excessos de imolação, aos quais o levará o amor infinito por seu Pai ultrajado?

No seu desejo de reparar a ofensa feita a um Deus infinitamente digno de louvor e de amor, submeter-se-á a sofrimentos e a torturas inauditas: *Ut cognoscat mundus, quia diligo Patrem... surgite, eamus hinc* (Jo 14, 3). Para que o mundo saiba que amo o Pai... levantai-vos: Vamos!... Levantava-se da mesa onde havia instituído a Santa Eucaristia e ia ao jardim das Oliveiras, onde Judas, seu apóstolo, ia traí-lo e onde começaria sua paixão.

Este estado de humilhação e de aniquilamento não terminará com sua vida terrestre. Quer perpetuá-lo sobre a terra até aos fins dos séculos, sob a forma inventada por sua sabedoria, sua bondade e seu poder. Continuará a viver entre os homens aniquilado sob as aparências de coisas inanimadas, de um pouco de pão e de algumas gotas de vinho.

E com sua Humanidade e sua Divindade, conti-

nua, cada dia, de maneira misteriosa, sobre milhares de altares, seu próprio sacrifício da cruz, aniquilando-se assim e imolando-se continuamente perante o Senhor soberano.

6. Além disto, acabada a missa, permanece ainda no tabernáculo, escondido, desconhecido, esquecido, porém oferecendo a seu Pai não somente as homenagens de alguns fiéis, como também a indiferença, a ingratidão e as afrontas de um grande número.

O' querido Jesus, vítima da glória de vosso Pai, Cordeiro imolado desde o começo do mundo, eu vos amo. Procuo compreender a razão de vossas infinitas humilhações, de vosso indizível aniquilamento.

Vós sois o Filho de Deus, o Pai é vosso Princípio infinito. Por vossa humanidade vós lhe sois inferior; quereis prestar-lhe as homenagens de que é digno; quereis reparar as injúrias com as quais o oprimimos; quereis agradecer-lhe em lugar dos homens ingratos ou incapazes de reconhecimento.

7. Compreendamos, pois, por que, na vida de Jesus, tudo é obscuridade, humildade, aniquilamento, obediência ao Pai, doçura, tolerância, sofrimento e cruz.

Compreendamos por que Jesus fundou uma Igreja pouco cercada de glória e honra, porém muito combatida, odiada e perseguida.

Compreendamos por que permite a seus amigos, às almas que o compreendem, beberem, elas também, seu cálice de sofrimento e de humilhação, por que, depois de as haver prevenido com suas graças e cumulado de seus favores, pergunta-lhes: "Queres tu sofrer comigo? Daremos assim glória ao meu Pai do céu, ao meu Princípio eterno, ao soberano Senhor do universo, a Deus ofendido e desprezado pelos homens".

8. Compreendamos ainda por que manifesta nas Escrituras e na história da Igreja uma predileção por todo aquele que é pequeno, fraco, sofredor, humilde, por que se afasta de todos aqueles que se querem elevar e se consideram grandes, santos e superiores aos outros.

Ah! Jesus é o grande Sacrificado, o grande Humilhado, é a Vítima voluntária, a Hóstia do divino louvor; é o Filho de Deus, a glória de seu Pai, exclusivamente ocupado em lha restituir por sua humilhação, seu aniquilamento, seu sacrifício.

9. Compreendamos, enfim, como este Jesus, na realização de sua obra, emprega de preferência os fracos, os indigentes e os desprezados: *Quae stulta sunt mundi elegit Deus ut confundat sapientes, et infirma mundi elegit Deus ut confundat fortia* (1 Cor 1, 27). Aquele que o mundo tem por insensato, Deus escolheu-o para confundir os sábios, e aquele que o mundo tem por nada, Deus escolheu-o para confundir os fortes.

Quis estabelecer seu reino sobre a ignomínia da cruz, quis escolher para trono um patíbulo, para diadema uma coroa de espinhos e para púrpura real uma carne rasgada e maculada de sangue.

10. Oh! eis aí Jesus, o verdadeiro Jesus, o Filho eterno do Pai eterno. Quis ser sua glória pelo aniquilamento de sua humanidade e pela morte, e será no céu a sua glória por sua humanidade sempre unida a ele e trazendo sempre os estigmas sagrados de sua paixão.

Eis aí o Jesus que devemos aprender a conhecer para amar e, amando-o, imitá-lo e transformar-nos nele.

11. Divina Mãe, vós não cessastes de contemplá-lo desde o aniquilamento de sua infância até às humi-

lhações da cruz e do sepulcro. Vossa vida passou-se adorando-o e amando-o neste estado de imolação e oferecendo-o ao Pai celeste como a vítima sem mancha, um Cordeiro imaculado. Alcançai-nos a graça de continuar convosco e por vós, até ao último suspiro, esta vida de oferecimento de Jesus vítima ao seu divino Pai digno de toda a honra e de toda a glória, porque ele é o princípio de todo ser, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. *Pater Domini nostri Jesu Christi* (Ef 1, 3).

ARTIGO II

A ORAÇÃO DE MEDITAÇÃO

1. Como chegar a este conhecimento de Jesus Cristo, o Deus escondido em nossa alma, no seu sacramento, na sua Igreja e no governo do universo?

O' almas de boa vontade. Sede humildes e pequenas, enchei-vos de filial confiança para com este bom Mestre e pedi-lhe a graça de conhecê-lo. Revelar-se-á a vós, porque é o Filho do homem, gosta de viver e de conversar entre nós, seus semelhantes: *Deliciae meae esse cum filiis hominum* (Prov 8, 31). Minhas delícias são estar entre os filhos dos homens.

Todavia, cumpre buscá-lo, interrogá-lo, pedir-lhe que se manifeste. E' necessário esforçar-se para conhecê-lo, por um trabalho pessoal consistindo na prática da oração, em particular — conforme o grau de vida espiritual a que chegamos — na prática da oração ordinária, fruto de nossa própria atividade ajudada pela graça.

2. Esta oração ordinária compreende a reflexão da *inteligência*, as afeições da *vontade* e as resoluções concernentes à *ação*.

Ao começarmos, pois, a vida de oração, é preciso tirar um assunto para reflexão ou de um livro ou da memória. Esse assunto pode ser uma verdade eterna, um mistério da vida de Jesus Cristo, por exemplo, sua infância, sua vida escondida em Nazaré, sua vida pública, sua paixão, sua vida eucarística; ou então, a beleza ou necessidade de uma virtude a adquirir, a fealdade do pecado, a nocividade de um vício a extirpar.

3. *Spiritus cogitabundus est principium omnis boni*, disse Santo Agostinho. O espírito refletido é o princípio de todo bem.

A experiência faz ver os homens sem reflexão, no mundo ou no claustro, bem depressa diminuírem seu fervor e pouco a pouco perderem-se.

O Espírito Santo adverte que a terra está num estado de lamentável desolação, porque ninguém entra em si para se entregar à reflexão: *Desolatione desolata est terra, quia nemo est qui recogitet corde* (Jer 12, 11).

Como a vontade poderá amar a Deus, se a inteligência não o conhece, e como esta o conhecerá se não reflete em suas perfeições?

Ao começarmos, pois, a vida de oração precisamos munir-nos de paciência e perseverarmos no esforço da reflexão, sob pena de só darmos à base de nossa vida espiritual alicerces sem consistência.

4. Em seguida, durante a meditação, a vontade deve *amar*, expandir-se em afetos na presença de Deus.

A oração é essencialmente um exercício de amor. Se prescrevemos à alma que reflita é unicamente para fixar a vontade em Deus.

A alma pode à sua vontade variar os afetos. Pode fazer atos de *amor e complacência nas perfeições*

divinas, na vida infinitamente feliz das três pessoas da Santíssima Trindade, na bondade de Deus, sua misericórdia, sua Providência, sua sabedoria, sua eternidade, sua onipotência, sua justiça: "Jesus, regozijo-me de vos conhecer infinitamente grande, infinitamente elevado acima de nossas misérias, vencedor das potências do inferno, Rei do céu e da terra".

Ou então a alma faz atos de *benévola*. "Quisera, ó Jesus, ver-vos infinitamente amado por todas as criaturas, por todos os nossos padres, por todas as almas consagradas ao vosso serviço: *Adveniat regnum tuum, fiat voluntas tua*.

Quisera ver vosso Evangelho anunciado no mundo inteiro e vosso Divino Coração reinar em todas as famílias. Quisera a humilhação de vossos inimigos, o completo triunfo da Igreja. Quisera ver-vos rodeado no céu por um número incalculável de almas santas e puras, durante a eternidade".

5. Ou então a alma faz subsidiariamente atos de *amor de compaixão* por este grande Deus tão pouco conhecido de suas criaturas, por este Jesus tão amante e tão pouco amado.

Deplora suas próprias faltas e as de todos os homens, pede perdão a Deus, suplica a Jesus por intermédio da divina Virgem, a Imaculada, a Mãe dos homens. Oferece, milhares de vezes, Jesus a seu Pai celeste e une-se a todos os santos sacrifícios que se celebram no mundo inteiro.

Enfim, morrendo, pode fazer atos de *amor* confiante, desejando possuir Deus, gozar de seu belo céu, ficar para sempre livre de todas as misérias e inconsistências humanas e indissolúvelmente unida a Jesus.

6. Em terceiro lugar, na meditação, a alma deve esforçar-se em se *emendar*, em corrigir seus defeitos.

E' bom refletir e amar, porém esta dupla ocupação deve produzir um resultado prático, uma *resolução*. Esta resolução é a síntese da atividade desenvolvida pela alma durante a meditação. E' a resultante dos esforços da inteligência e da vontade.

Estas duas faculdades encontram-se num único ato: "Quero fazer isto porque conheci sua necessidade".

A ação, o fruto, já existe em germe na *resolução*.

Para ser verdadeiramente digna deste nome, a resolução deve mergulhar suas raízes em reflexão séria e duradoura, sem o que não é uma *regra* diretriz.

Deve igualmente apoiar-se num amor ardente, num desejo sincero de se corrigir, sem o que não é uma *força* impulsiva.

A verdadeira resolução nada tem de comum com os pequenos propósitos ou ramalhetes espirituais de fim de meditação.

7. A resolução, para possuir toda a sua eficácia, deve ser *prática*, isto é, precisa, realizável. Neste caso o caminho para a evolução está totalmente traçado.

Se, por exemplo, se tratar de vencer uma aversão ao próximo, a resolução deve especificar a maneira pela qual alcançaremos esta vitória, o momento mais propício para executar nosso intento, o gênero de serviços que lhe dirigiremos.

A resolução para ser eficaz deve ainda ser considerada como absolutamente *necessária*, como devendo ser executada custe o que custar.

E' preciso, pois, examinar os motivos de tomá-la, as grandes vantagens de guardá-la, os enormes inconvenientes de violá-la, o bem necessário do ato para toda a vida, o arrependimento na hora da morte, o perigo a que exporia uma negligência.

8. Se é necessário, por exemplo, romper uma afeição nociva ao progresso espiritual, é preciso apresentarmos vivamente a nós mesmos as vantagens da liberdade do coração, a familiaridade com Deus, a íntima felicidade de uma alma desapegada, o rápido progresso na virtude, o prazer infinito causado a nosso Senhor, o número de almas salvas por nosso desprendimento.

Em seguida é necessário apresentar a si mesmo os inconvenientes deste apego: A impossibilidade de avançar na verdadeira união com Deus, o remorso perpétuo, a perturbação, a dor causada a nosso Senhor, a vergonha de se deixar dominar por uma criatura, a injustiça de ganhar um coração humano consagrado somente a Deus, o perigo de faltas maiores, de faltas graves e irreparáveis, a tristeza na hora da morte, a eternidade comprometida, em qualquer dos casos, a glória e a bem-aventurança diminuídas no céu.

9. Enfim a resolução para ser eficaz deve ser *uma*, isto é, subordinada e reduzida à resolução fundamental que domina toda a vida: "Quero amar e fazer amar Jesus Cristo; é este o único sonho de minha vida".

A alma não pode repartir sua energia multiplicando suas resoluções. Em cada meditação deve trazer vivamente diante de seus olhos seu único ideal, colocar-se na disposição de pertencer a Jesus Cristo, de fazer em tudo sua vontade e de abandonar-se à sua ação.

Em seguida, deve ver se certos detalhes na vida prática não contrariam seu dom total a Jesus Cristo e, na afirmativa, remediá-los por uma pronta resolução. Tal é a ocupação da alma durante esta espécie de oração.

10. Está visto que todo este trabalho seria radicalmente estéril se, durante todo este tempo, a alma não estivesse absorvida na oração.

Refletindo, formando atos, esboçando suas resoluções, a alma confiante nunca cessa de orar.

E' o próprio íntimo de seu coração, é a sua disposição interior. A humildade e a confiança constituem a base de sua vida espiritual e, quase sem ela o saber, coloca-lhe a oração nos lábios.

ARTIGO III

A ORAÇÃO DE AMOROSA ADESAO A DEUS

1. A alma não pode meditar sempre com a mesma facilidade nem segundo o mesmo método. Acontece-lhe mesmo, às vezes, encontrar-se na impossibilidade de refletir ou de tirar de si mesma algum bom sentimento. Todavia, tem consciência de estar em presença de Deus e de estar unida a Ele.

Muitas vezes sente até, neste estado, uma aversão pela reflexão ou pela leitura dos pontos de meditação, persuadida de que nada lhe fará impressão.

2. Por outro lado, gosta de ficar com Deus, de unir-se a Ele por um simples ato sem se expandir numa multidão de afetos.

Esta atitude da alma assemelha-se à da criança perto de sua mãe, tranquila e feliz, convencida de amá-la e de ser amada, ainda que não pense em exprimir-lhe sua felicidade e sua afeição.

Este estado é bom e muito proveitoso para a alma. Esta só tem ao seu dispor, durante esta oração, a vontade e a inteligência, com um ato, um olhar de amor para Deus.

Neste olhar de amorosa adesão consiste a essência e o valor da presente oração.

3. Este olhar é ao mesmo tempo um ato da inteligência e da vontade. Não é um estudo ou uma investigação curiosa dos atributos de Deus ou uma visão clara de Deus ou de suas perfeições.

E' um simples ato de fé na presença deste Senhor soberano, deste Deus eterno, deste Jesus adorável, que nos ama e quer ser amado por nós.

A alma procura prolongar este olhar em Deus, não por esforço, mas por uma simples atenção amorosa. Ao perder Deus de vista por uma distração, dirige seu espírito para Ele, suavemente, sem impaciência e sem inquietação.

De vez em quando faz um ato de fé mais profundo e mais explícito sem todavia prender o espírito a uma verdade particular.

4. Tal é a primeira parte desta atenção em Deus. E' a parte da inteligência.

Mas a vontade tem também a sua parte. Este olhar em Deus deve ser um olhar de amor, uma atenção amorosa.

Se fosse um simples ato da razão, não seria de utilidade alguma para a vida espiritual, pois não produziria a união da vontade com Deus.

O filósofo pode contemplar Deus por um esforço de sua razão, sem aproximar-se dele ou corrigir sua vida.

O demônio também conhece Deus, mas sem o amar. Ao contrário, tem-lhe um ódio implacável.

Para fazer uma oração verdadeiramente frutuosa, a alma, unida a Deus pela inteligência, dirige-se a Ele pela vontade e adere amorosamente a Ele.

5. Esta adesão da vontade é simples como o olhar da inteligência. Não é necessário especificar em que adere a Deus, nem com que intensidade, nem com que intenções. Também não é necessário conhecer minuciosamente esta divina Vontade a que se entrega.

Tudo isto, muitas vezes, está acima de suas forças, e dividiria sua atenção. Se o próprio Deus lhe sugere um ou outro pensamento especial, pode prender-se a Ele para retomar em seguida sua atitude de amorosa adesão a Deus e a todas as suas vontades.

Todavia pode ser útil à alma compreender seu ato amoroso de fé.

6. Aderir a Jesus é antes de tudo unir a vontade por um simples movimento de intenção à vontade de Jesus, o Verbo divino, a esta vontade eterna de Deus Princípio e Fim de todas as coisas, desde a eternidade e até aos séculos dos séculos: "Aceito tudo isto, ó Jesus, e adiro à vossa vontade santíssima".

Aderir à vontade do homem-Deus é admiti-la a respeito de cada ser e em particular a nosso respeito. E' aceitar com amor sua obra em nós, por todas as circunstâncias de tempo, de pessoas e de lugares.

7. Aderir a Jesus é aderir à sua inteligência, ao pensamento eterno de Deus, ao Verbo de Deus, à Verdade incriada; é aderir igualmente a todas as operações da razão humana de Jesus, aos juízos que proferiu sobre Deus seu Pai, sobre os homens, sobre mim em particular e sobre todas as coisas; é admitir com reconhecimento as máximas de seu Evangelho, é crer praticamente estas verdades, é conformar-se à maneira de falar e de pensar do divino Mestre, é aprovar o que Ele aprova, é rejeitar o que Ele condena.

8. Aderir a Jesus é, em seguida, apropriar-se dos sentimentos do homem-Deus, tomar parte em suas emoções dos diferentes estados de sua vida, é associar-se às suas manifestações de amor por sua Mãe, em qualquer condição de sua vida, em particular durante sua infância e sua adolescência, é reproduzir em si seus sentimentos de humildade, de mansidão, de paciência, é, enfim, compartilhar das alegrias e das dores, das esperanças e dos temores do seu divino Coração, durante a vida terrestre.

9. Aderir a Jesus é, ainda, estar unido à sua missão essencial, à sua qualidade própria, a de Redentor, é assistir, de coração, a todo momento, ao grande sacrifício do Calvário renovado sobre o altar em todas as partes do universo, é com Ele renovar constantemente o oferecimento de Jesus Redentor ao Pai celeste.

10. Repito-o, durante esta espécie de oração, a adesão faz-se por um ato muito simples da livre vontade unindo-se a Jesus, a tudo que Ele é, a tudo que Ele possui, a tudo que Ele pensou, quis, amou, aprovou, desaprovou, ou decidiu fazer em sua bondade, a tudo que Ele prepara no seu amor para todas as almas de boa vontade e, em particular, para cada uma delas.

Adesão a Jesus é uma expressão imperfeita. E' inerência que se deveria dizer. As almas se penetram. Nossa inteligência, nossa vontade entram no pensamento de Jesus, no seu espírito, nas suas afeições, nos seus atos espirituais, em uma palavra, em sua alma toda de amor, e, reciprocamente, a alma de Jesus penetra a nossa por todos os lados.

Assim vivemos assimilados a Jesus e como transformados nele: *Vivo ego, jam non ego, vivit vero in me Christus* (Gál 2, 20). Vivo, não sou mais eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim.

ARTIGO IV

O INIMIGO DA VIDA DE ORAÇÃO

1. Há um grande escolho na vida cotidiana de oração, é a leviandade, a inconstância natural do homem.

Esta inconstância tem sua origem na inteligência; engendra, quando não é combatida, a apatia da vontade e termina infalivelmente na tibieza.

2. O espírito leviano é oposto ao espírito refletido. A inteligência superficial não permite à idéia penetrar em si e aí deitar raízes. Além disso, como está completamente coberta pelos matos dos pensamentos vãos, das preocupações fúteis e dos apegos às coisas criadas, a semente da graça, apenas recebida, é logo sufocada.

Uma alma leviana vive na superfície das coisas. Mesmo durante a oração, não reflete, não penetra a verdade proposta, não se prende à consideração das coisas do além.

Nunca foi tocada pelas máximas do Evangelho, pelas perfeições de Deus, pelos direitos imprescritíveis de seu soberano domínio, pelos pensamentos salutares dos santos.

Não considerou o amor do qual tem sido o objeto por parte de Jesus, nem o prazer íntimo que lhe poderia causar, por sua vez, dando-se a Ele, nem a glória eterna que uma pequena criatura poderia dar ao grande Deus da eternidade.

Não pensou mesmo seriamente no perigo de não conseguir sua salvação, nem no furor dos demônios contra ela, nem na indizível fraqueza humana, ante a tentação.

3. A alma irrefletida é, pois, semelhante a uma barqueta frágil, lançada sem leme no vasto oceano.

As ondas das impressões, dos acontecimentos, dos sucessos e dos contratempos, lançam-na continuamente para cá e para lá, chocam-na, empurram-na, sacodem-na em todos os sentidos, sem que ela possa resistir e, cedo ou tarde, soçobrar.

Assim, a alma leviana deixa vagar seu espírito ao acaso. Não tem nem ordem nem nexos na sua vida, sua oração e suas ocupações. Falta-lhe um fim único, uma idéia-mestra, um polo capaz de atrair e de fixar seus pensamentos, seus desejos e toda a sua atividade.

Este polo é Jesus, seu amor soberano. Mas a alma leviana não aproveitou o tempo para se deixar fascinar por Ele. Ainda não pôde impor-se o esforço de fixar o espírito neste divino Mestre, nos mistérios de sua vida e nas torturas de sua morte. Também não alcançará a santidade.

4. Todavia, não confundamos esta infeliz disposição com o estado das almas sinceras, atormentadas sem descanso pelas distrações involuntárias, durante a meditação e os exercícios de piedade.

Estas frequentemente sofrem bastante e às vezes deixam-se invadir pelo desânimo. Parece-lhes não poderem chegar a gozar do santo recolhimento tão necessário à sua santidade.

Almas confiantes! não vos causeis inútil mágoa. Podeis chegar à perfeição apesar de vossas distrações.

Deus quis fazer para S. Luís Gonzaga este prodígio de libertá-lo de toda divagação do espírito durante a oração, mas teria podido também santificá-lo, inspirando-lhe simplesmente de tirar partido de sua fraqueza natural e dando-lhe a força de nunca se deter nas distrações, voluntariamente.

Os maiores santos tiveram estas divagações do espírito e da imaginação, mas, como disse Cassiano, não

deram mais importância a elas do que às moscas que esvoaçam ao redor de nós.

Segundo S. Pedro Damiano, o profeta Elias, que por sua oração impediu o céu de lançar um pingote de chuva durante três anos, não foi isento de distrações. E', com efeito, mais fácil, diz ele, fechar o céu do que nossa alma, e torná-la impenetrável às distrações (Sermo in Vig. Nativ.).

5. Muitas vezes as almas inexperientes imaginam orar mal desde que têm uma divagação de espírito. Não sabem que as distrações são uma consequência de nossa instabilidade natural.

Recebemos de Deus uma vontade livre. E' a soberana das outras faculdades. Mas seu império é imperfeito. Tem pouco poder sobre a imaginação, não pode evitar todas as apresentações, todas as lembranças do passado, não pode mesmo impor sempre um objeto à inteligência.

6. Nossa inteligência, aliás, também é limitada. Inteiramente absorvida por uma ocupação, não a deixa facilmente para abordar outra. Quando a corda de um arco foi violentamente esticada, pode imediatamente recuperar sua primeira posição e cessar de vibrar?

Sem dúvida nossa inteligência é uma faculdade espiritual, mas tira seu objeto dos sentidos, da imaginação. Não pode, pois, subtrair-se inteiramente às leis da matéria. A vontade nem sempre poderia, por uma simples ordem, forçá-la à obediência.

A este motivo junta-se um outro. Um grande número de distrações provém da doença, da indisposição, da fadiga do corpo.

Quando este está amolecido ou esgotado ou simplesmente mal disposto, a alma não se pode servir dele à sua vontade. Então as distrações molestam-na.

7. Que deve fazer, pois, a alma confiante perseguida pelas distrações?

Antes de tudo, de nada serve exasperar-se contra si, impacientar-se ou mesmo afligir-se. Nem o corpo, nem a alma são responsáveis por estas divagações.

E' preciso fazer da necessidade virtude, aceitar pela vontade este estado de impotência, alegrar-se perante Deus por ser incapaz por si mesma de todo bom pensamento, refugiar-se na alma da Santíssima Virgem, e encarregá-la de amar nosso Senhor em seu lugar.

Ao mesmo tempo, é necessário levar a luta contra as distrações, com denodo e sem se cansar.

Desde que percebemos que a inteligência ou a imaginação fugiram, é necessário reconduzi-las com mansidão, porém resolutamente. Devêssemos recomeçar cem vezes, durante uma meditação, seria necessário fazê-lo sem nos queixarmos, sem nos lamentarmos.

Cada um destes olhares voluntários para Deus é um ato de amor, conquistado a ponta de espada. Cada um produz na alma seu fruto, como sejam suaves colóquios com Deus.

8. Devemos persuadir-nos bem: a única coisa que desagrade a Deus é a vontade afastando-se d'Ele voluntariamente.

A distração, não aceita voluntariamente, não afasta a alma de Deus.

Não é pelas idéias que agradamos a Deus, porém pela conformidade de nossa vontade ao seu beneplácito.

Diante de Deus só a vontade vale, em bem ou em mal. Quem não chega a compreender este princípio, nunca terá paz.

Deus não pode pedir contas do que está em nós, porque é justo. Não quer pedir-nos conta disto porque é bom e cheio de misericórdia.

9. Se fora a vontade de Deus ser servido sem distrações, ter-nos-ia dado uma natureza semelhante à dos anjos, uma natureza espiritual livre das necessidades do corpo e liberta de toda impressão sensível.

Não o fez, encontrando tanta glória em ser adorado e amado por uma criatura feita de barro, como pelos puros espíritos livres de distrações.

E' necessário mesmo, por delicadeza, não se queixar a Nosso Senhor de ter distrações involuntárias no seu serviço.

Queixar-se, afligir-se, isto significaria um desejo de ser diferente, e uma certa vergonha de estar sujeito às enfermidades humanas; isto insinuaria que serviríamos mais perfeitamente a Deus e com mais glória para Ele, se fôssemos anjo.

10. Não! não! não digamos isto; não o pensemos; não contristemos Jesus fazendo-lhe crer que não estamos contentes.

Sirvamo-lo onde ele nos colocou, de boa vontade, da maneira que uma criatura de barro pode servi-lo, porém com o coração alegre e o rosto sereno.

Demos-lhe a satisfação de fazer deste verme da terra um serafim de amor, chamado para ocupar dignamente seu lugar entre os mais elevados espíritos.

Oh! que alegria para uma alma humildemente confiante, ver as misérias de sua natureza humana e poder dizer-se o objeto de uma solicitude infinita por parte de um Deus todo poderoso, saber que este soberano Senhor fica tão comovido vendo nossos pobres esforços para afastar as distrações como escutando o arrebatador concerto dos anjos no céu!

CAPITULO VI

AMAR JESUS CRISTO

ARTIGO I

A DIVINA AMIZADE ENTRE JESUS E A ALMA ¹

1. Como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim: *Cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos* (Jo 13, 1).

Amemos, pois, a Deus visto que ele nos amou primeiro: *Nos ergo diligamus Deum, quoniam Deus prior dilexit nos* (1 Jo 2, 19).

Como meu Pai me amou, assim eu vos amei: *Sicut dilexit me Pater, et ego dilexi vos* (Jo 15, 9).

Empregai, pois, vós também, vossa vida em amar a Cristo como Ele nos amou e entregou-se à morte por nós: *Ambulate in dilectione sicut et Christus dilexit nos, et tradidit semetipsum pro nobis* (Ef 5, 2).

2. Este amor de Jesus tem sua origem no Pai celeste, princípio de tudo o que o Filho possui, princípio, por conseguinte, de seu amor eterno por nós. E' o Pai que amou o mundo a ponto de entregar seu

¹) S. Th. II-II, q. 184, a. 1; S. Agost. Conf. 1. XIII, cap. 9. S. Franc. de Sales, Tratado do Amor, l. I, c. 1; S. Afonso, Prática do Amor.

Filho único para resgatá-lo: *Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum unigenitum daret* (Jo 3, 16).

Foi o Deus de toda a graça quem nos chamou para sua glória eterna no Cristo Jesus. *Deus omnis gratiae qui vocavit nos in aeternam suam gloriam in Christo Jesu* (1 Ped 5, 10).

Foi o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo quem nos abençoou no Cristo com todas as espécies de bênçãos espirituais nos céus: *Pater Domini nostri Jesu Christi qui benedixit nos in omni benedictione spirituali, in caelestibus in Christo* (Ef 1, 3).

Oh! como somos amados!

E porque o Pai nos ama, deu-nos o Espírito de Jesus, o Espírito Santo, que fez de nós filhos adotivos e permite-nos de chamar Deus nosso Pai: *Accepistis spiritum adoptionis filiorum in quo clamamus: abba, Pater* (Rom 8, 15).

3. Por que, pois, somos amados com tão grande amor, com amor eterno? *In caritate perpetua dilexi te* (Jer 3, 3).

Porque o Verbo de Deus quer amar seu Pai por nós. E' o Filho de Deus, Deus como seu Pai, e quer pagar-lhe tudo que recebeu, amando-o com amor infinito. E na imensidade e impetuosidade deste amor, quer arrastar consigo todas as criaturas.

Eis aí por que ama cada um de nós com o mesmo amor que tem a seu Pai. Quer apoderar-se de nosso coração, enchê-lo de sua dileção pelo eterno objeto de seu amor.

4. O Verbo divino, o Filho gerado do Pai antes de todos os séculos, é, por essência, por condição, a glória de seu divino Pai. Quer, pois, que toda criatura louve o Pai, reconheça seu nada perante sua infinita

Majestade, adore seu soberano domínio e se submeta ao seu império absoluto.

Ora, esta adoração, esta submissão, este reconhecimento só têm valor se procederem do amor voluntário das criaturas para com Deus.

Também o Verbo encarnado veio para espalhar sobre esta terra o fogo deste amor, e seu único desejo é acender este fogo: *Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatur?* (Lc 12, 49).

5. Jesus ama-nos não somente em consideração ao Pai, mas porque seu próprio coração divino o leva a amar.

Tem um coração infinitamente perfeito, terno, delicado, sensível, amoroso. Tem necessidade de amar, sem fim, sem medida.

Procura, pois, sempre mais corações humanos para o compreender, aceitar suas tentativas e ceder-lhe em troca seu próprio coração.

E' a lei de todo o amor ser insaciável na sua afeição e comunicar-se sempre mais. E o que dizer quando este amor é o de um homem-Deus!

Eis por que um coração humano, inteiramente confiante no seu, seduz o próprio Jesus. Este coração, não obstante sua pequenez, está ao diapasão do seu. Jesus obteve deste coração uma absoluta reciprocidade de amor.

6. Jesus ama-nos, porque, por nosso intermédio, espera conquistar outras almas. O fogo lançado à terra não se acende por si mesmo. E' pela chama dos outros corações que este incêndio se propaga. Oh! como deseja que sejamos estas tochas ardentes que comunicam o fogo a tudo aquilo em que uma vez tocaram. E para que pudéssemos preencher este ofício de incendiários do divino Amor, sem cessar aviva em nós as chamas da divina Caridade.

7. Jesus ama-nos, enfim, porque, sem Ele, seríamos infelizes no tempo e na eternidade.

O pensamento de que podemos ainda cair, por nossas faltas e nossa obstinação, nestas terríveis chamas do inferno, das quais fala tantas vezes no Evangelho, não o deixa. O temor de ver-nos afastados d'Ele e ser um dia forçado a abandonar-nos, excita-o a dar-nos continuamente novas provas de amor, graças, inspirações, toques secretos, remorsos e até contratempos e males temporais. Quer fazer-nos deixar as vaidades do mundo e reconduzir-nos aos seus pés.

Como nos quereria ver gozar já de sua própria felicidade no céu, ver-nos unidos para sempre a Ele e ao seu divino Pai: *Ut omnes unum sint, sicut tu, Pater, in me, et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint* (Jo 17, 21).

Suplica-nos de aconchegar-nos bem perto d'Ele e de sua Mãe para que não nos possamos perder: *Manete in dilectione mea* (Jo 15, 9). Permanecei em meu amor.

8. Depois de tanta bondade e amor, Jesus não tem direito de perguntar-nos como a S. Pedro: *Simon Joannis, diligis me?* Simão, filho de João, amas-me? (Jo 21, 16).

Qual o coração humano que não espera o reconhecimento daqueles a quem amou sofrendo por eles?

Qual o coração de Mãe que não fica dilacerado de dor vendo a ingratidão de seus próprios filhos?

E não foi Jesus que criou o coração humano e o fez à sua imagem? Não foi ele que formou o coração da Mãe e depositou nele uma centelha de sua própria ternura?

9. Também, quando Jesus, cuja morada eterna como Verbo divino é o seio do Pai, tiritava de frio no

seu pobre presépio de Belém, esperava efetivamente comover nosso coração e provocar um movimento de reconhecimento.

Quando percorria as vilas e as aldeias da Galiléia, em procura dos pobres pecadores, tinha confiança de achar também no seu caminho nosso coração, de tirá-lo das dificuldades e trazê-lo ao aprisco.

E quando Jesus agonizava na cruz, abandonado pelos seus, traído e injuriado, quando, desviando seus olhos aflitos da cara hedionda dos carrascos, deixava-os vagar através do mundo e dos séculos, não esperava encontrar também nossos olhos e ler neles um olhar de compaixão e de amor filial?

E quem poderia duvidar que a esperança de um tão fraco testemunho de amizade da parte de uma criatura humana resgatada por Ele fosse então um bálsamo para suas chagas e um consolo na sua imensa aflição!

10. E em que pensais, ó Jesus, em nossos tabernáculos onde ficais tantas vezes solitário, abandonado e esquecido? Não esperais ver abrir-se, às vezes, a porta do santuário e ver ajoelhar-se aos vossos pés um ou outro destes homens, destes cristãos, destes religiosos talvez e destes padres que tanto haveis amado e quereríeis tanto conquistar para a total confiança e o amor filial?

O' querida e divina Mãe, criada a propósito para substituir Jesus sobre a terra, ensinai-me a amar este Jesus por vosso coração imaculado e fazê-lo assim esquecer minhas friezas e minhas negligências passadas.

O AMOR DA VONTADE

1. Aquele que observou o preceito da caridade, cumpriu toda a lei: *Plenitudo legis est dilectio* (Rom 13, 10).

O amor é o vínculo da perfeição: *Caritatem habete, quod est vinculum perfectionis* (Col 3, 14). Aquele que ama a Deus entrega-lhe toda a sua livre vontade com todos seus atos e toda sua vida. Nada mais tem para dar, é perfeito.

Não é, pois, surpreendente que certas almas sejam elevadas à mais alta santidade em poucos anos. Não é surpreendente que crianças como Ana de Guigné, Guido de Fontgalland, Nelly, a pequena violeta do Santíssima Sacramento, tenham conquistado a palma da santidade.

Jesus só olha a vontade. Quando esta lhe pertence completamente, a alma é perfeita.

Importa, pois, compreender em que consiste esta divina caridade que tão inteiramente transforma o coração humano e torna-o agradável aos olhos de Deus.

E' necessário conhecer seus elementos, não misturar a eles nada de profano, nada tirar de necessário à sua integridade e ao seu desenvolvimento!

2. Há no homem um triplice amor, como há nele um triplice conhecimento. Há o conhecimento sensível que provém dos sentidos exteriores e interiores. O objeto desse conhecimento é o fenômeno exterior. Há o conhecimento lógico ou o ato da inteligência humana. Há o conhecimento superior da fé, procedente de uma luz sobrenatural.

O primeiro conhecimento gera o amor sensível. Este amor sensível toma diferentes nomes. E' alterna-

tivamente desejo, alegria, temor, esperança ou desespero, audácia, aversão, ódio, tristeza e cólera. Todas estas paixões ou emoções sensíveis são diversas manifestações de uma só emoção fundamental: o amor. São produzidas pela vista de um bem sensível cobijado ou possuído, ou pela presença de um mal contrário a este bem.

O conhecimento racional engendra por sua vez o amor racional da vontade. Mas este amor, próprio da vontade, tem diferentes formas como o amor sensível. Ele se torna, alternativamente, temor, desejo, esperança, etc.

Enfim, há o conhecimento sobrenatural produzido sob a influência da luz da fé. A este conhecimento superior corresponde na alma justa o amor sobrenatural, a divina caridade, que nem o sentimento nem a vontade podem produzir, mas somente o próprio Deus. A caridade de Deus foi infundida em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado: *Caritas Dei diffusa est in cordibus vestris per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis* (Rom 5, 5).

Esta caridade é uma participação criada segundo a divina Caridade, isto é, o próprio Deus: *Deus caritas est* (1 Jo 5, 5).

3. Estas três ordens de conhecimento de amor superpõem-se na alma do cristão em estado de graça; penetram-se mesmo em certa medida, sem todavia se confundirem, porque todas três procedem duma mesma pessoa humana, por meio de faculdades diferentes.

Não é, pois, possível nem prudente fazer abstração de uma dentre elas sob pretexto de cultivar melhor a vida espiritual.

E' preciso somente esforçar-se por manter cada uma em seu verdadeiro lugar, conforme a ordem de importância e de dignidade.

4. Ora, muitas vezes, as almas, mesmo bem intencionadas, não chegam a estabelecer e a manter em si este perfeito equilíbrio.

Algumas, com efeito, dão demasiada importância ao sensível, em detrimento da vontade; outras ao raciocínio e não suficientemente ao divino; outras, enfim, querem viver como seres de natureza angélica, e excluem o trabalho da razão e do sentimento.

As primeiras são dominadas pelo sensível, deixam-se guiar na prática pela impressão do momento e não pela razão ou pelo bom-senso. Julgam sua vida espiritual de acordo com a facilidade ou a dificuldade em orar, em recolher-se e em obter consolações.

Estas almas são inconstantes e levianas, porque se deixam guiar pelas impressões das coisas sensíveis sempre variáveis por natureza.

Não têm, pois, na sua vida, o espírito de ordem. Quando um meio de perfeição não lhes dá resultado, experimentam um outro e como nenhum meio é eficaz sem o amor sobrenatural da vontade, não cessam de procurar seu caminho, de interrogar os diretores de consciência e de consultar os livros de piedade.

Estas almas são agitadas e muitas vezes exaltadas. Quando a consolação as visita, crêem-se transportadas ao céu e certas de alcançarem a santidade: então são capazes de todos os sacrifícios. Fácilmente julgam que o próprio Jesus as conduz, fala-lhes sensivelmente e comunica-lhes suas vontades por sinais, impressões interiores e às vezes por sonhos.

Mas quando cessa o atrativo e segue-se a aridez, crêem-se perdidas, imaginam-se abandonadas por Deus, punidas por seus pecados e rejeitadas para sempre.

São, pois, incapazes de compreender que o progresso espiritual não depende de suas impressões sen-

síveis, que podem estar no estado de frieza e ser passageiramente levadas pela consolação ou pelo atrativo e, reciprocamente, que podem estar mergulhadas nas trevas e na aridez espiritual e ao mesmo tempo unidas a Deus pela vontade.

5. Se algumas, porém, não distinguem bastante o amor sobrenatural do sentimento que o pode acompanhar, há outras cujo amor, sob pretexto de ser varonil e lógico, atinge o espírito, porém sem penetrar o coração.

Este perigo é tão funesto e pelo menos tão frequente como o precedente, mas é muito menos notado.

Ameaça não tanto aqueles que são dirigidos e instruídos, mas principalmente aqueles que dirigem e instruem. Eis por que não há ninguém para chamar a atenção sobre este ponto.

6. Estes homens fazem alarde de ser mais tocados por uma demonstração filosófica do que por uma sentença do Evangelho.

São mais escrupulosos pela exatidão da doutrina do que pela perfeita prática da virtude ou pela observância integral de suas santas regras.

Possuem no espírito convicções seguras sobre todas as coisas, também em matéria de ascética, mas ignoram a unção do Espírito Santo: sua piedade é, sem dúvida, lógica, mas é fria e sem entusiasmo.

Confiam em suas próprias luzes, mas acolhem com cepticismo e, às vezes, com ironia o que, na vida espiritual, excede seu horizonte científico.

Se são fiéis aos deveres, é somente nos pontos capitais, porque não conhecem o valor dos pormenores.

Servem a Deus antes como mercenários do que como filhos dedicados e amantes.

seu amor a Ele e falta de delicadeza, e sua confiança é desprovida desse humilde e filial abandono, tão precioso aos olhos do Pai celeste.

E' nestes sábios que Jesus pensava quando dizia: Pai, eu vos agradeço porque escondestes estas coisas aos sábios e aos prudentes deste mundo e revelaste-as aos humildes: *Confiteor tibi, Pater, Domine caeli et terrae, quia abscondisti haec a sapientibus et prudentibus, et revelasti ea parvulis* (Lc 10, 21).

7. Assim, a verdadeira perfeição não se encontra no sentimento nem no espírito, mas sim na vontade sobrenaturalizada, penetrada pela divina Caridade.

Todavia, é preciso evitar aqui um último escolho. O amor sobrenatural não consiste, sem dúvida, no sentimento nem no amor natural da vontade, porém não os exclui. Ao contrário, penetra-os e dirige-os para Deus, Alfa e Ômega de todas as coisas.

Quando Deus criou o homem, estatuiu que este homem o amaria, não como um anjo nem um puro espírito, mas como um ser composto de espírito e de matéria, de raciocínio e de sentimento.

Mudar alguma coisa deste plano divino é expor-se à ilusão. Amareis o Senhor vosso Deus de todo o vosso coração, de toda a vossa alma, de todo o vosso espírito e com todas as vossas forças: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, ex tota anima tua, et ex tota mente tua, et ex tota virtute tua* (Mc 12, 30).

8. E', pois, imprudente diminuir em sua piedade a função da humanidade de Jesus Cristo, por quem tudo nos foi dado, ou a função da Santíssima Virgem, a medianeira universal, sob pretexto de que a alma espiritual prende-se exclusivamente à contemplação da Divindade ou da Santíssima Trindade.

E' imprudente abandonar, durante a oração — a menos que autorizado por um diretor prudente e experimentado — as considerações do espírito e as afeições do coração sob pretexto de se unir a Deus somente pela fina expressão da vontade.

9. E' imprudente, sob pretexto de piedade varonil, condenar até as consolações sensíveis e aconselhar indiferentemente às almas repeli-las.

O próprio Deus às vezes se apraz em conceder estes atrativos sensíveis para estimular as almas e desgostá-las do mundo.

Outras vezes estas consolações sensíveis são uma redundância natural da graça espiritual inundando inteiramente a alma e comunicando sua emoção às faculdades sensíveis do corpo.

Não condenemos os outros, cuja espiritualidade difere da nossa. Na vida sobrenatural, sobretudo, é necessário amplidão de vistas.

10. Quanto a vós, almas confiantes, que compreendestes quanto o Senhor é suave, esforçai-vos para amá-lo de todo o vosso coração, de todas as circunstâncias e de todas as vossas forças. Pedi-lhe sempre o amor em todas as circunstâncias e de todas as maneiras.

Nosso Senhor disse um dia a madre Maria Madalena Ponnet¹: "Pedi o amor!... pedi o amor! pedi o amor no ofício, na missa, nas idas e vindas... no refeitório, em toda parte e sempre. Pedi o amor para vós e para os outros... mais ainda para os outros do que para vós. Pedir o amor é pedir tudo!"

1) Vida da Madre Maria Madalena Ponnet, p. 150. Paris, Tequi, 1926. Esta religiosa Visitandina, morta há alguns anos, levou uma vida interior muito simples, porém extraordinariamente intensa. Todos os escritos que deixou mostram que ela era singularmente esclarecida por Deus sobre a natureza da verdadeira vida espiritual.

...fazemos muitas vezes a Santíssima Virgem a súplica que esta alma de escol lhe dirigia: "Peço-vos de alcançar do Coração de Jesus a graça de amar nosso Deus tanto quanto é possível a uma criatura amável, de cumprir perfeitamente seu divino beneplácito, de só servir neste mundo para fazer que Ele reine, e os homens o amem e sirvam".

ARTIGO III

O VERDADEIRO AMOR INCLUI O DOM DE SI

1. Alguns gostam de dar e outros de receber. Mas o número destes últimos é de há muito o maior. Mesmo na vida cotidiana, encontramos almas que gostam de causar prazer, por instinto, por boa qualidade natural.

Quantas gostam de receber serviços, mas se esquecem de prestá-los por sua vez?

Na ordem sobrenatural, no mundo das almas, esta diferença é ainda mais acentuada.

Há almas piedosas até ao instante em que é preciso começar a renunciar-se, a fazer a vontade de outrem.

Outras, ao contrário, são generosas, causam voluntariamente prazer a Nosso Senhor, com sacrifício próprio.

As primeiras nunca compreenderam o amor e nunca serão santas.

As outras a todo instante atingem a perfeição, são como envolvidas por ela. Todos os seus atos estão mergulhados no amor e embebidos de santidade.

2. O que é, pois, a perfeição? É o amor de amizade entre Jesus e a alma.

2) Vida da Madre Maria Madalena Ponnet, p. 129.

Mas o amor de amizade não é um amor egoísta. Ao contrário, é um dom recíproco de Jesus e da alma.

O amor de amizade não poderia existir se os amigos não se presentearassem. Estes dons em si mesmos nada são; o que lhes dá valor é o amor: *Amor habet rationem primi doni*, diz S. Tomás. O que os amigos dão em primeiro lugar, é sua afeição.

3. Ora, vede o que se passa entre Jesus e a alma que quer conquistar.

Jesus começa amando esta alma: Amei-te com amor eterno: *In charitate perpetua dilexi te* (Jer 31, 3).

Jesus amou-nos primeiro: *Ipse prior dilexit nos* (1 Jo 4, 19). Não fomos nós que o escolhemos, foi ele quem nos escolheu: *Non vos me elegistis, sed ego elegi vos* (Jo 15, 16).

Amando, Jesus dá à alma dons, primeiramente: sua encarnação, sua paixão, sua eucaristia. Em seguida comunica-lhe os dons particulares: sua graça santificante, a presença íntima da Santíssima Trindade, a participação de sua própria natureza divina, o direito ao céu. Enfim, prodigaliza-lhe os dons especiais, individuais: os toques da graça, os apelos para a vida perfeita, as comunicações íntimas e esta providência bondosa cercando a alma a cada instante para a impedir de cair no abismo.

4. Jesus, ao esgotar a série de seus benefícios, diz à alma: Dei-te tudo porque te amo, que me darás por tua vez?

Esta pergunta surpreende muitas almas: julgavam que a religião consistia em receber e em ser consolado, nutrido, acalentado. Ora, eis que Jesus diz: "Agora cabe a ti amar-me!"

"Mas eu vos amo, ó Jesus, amo-vos de todo o meu coração!"

mentos... Não os que me dizem Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus, porém sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus: *Non omnis qui dicit mihi, Domine, Domine, intrabit in regnum caelorum sed qui facit voluntatem Patris mei qui in caelis est, ipse intrabit in regnum caelorum* (Mt 7, 21).

5. O defeito fundamental de muitas almas piedosas é nunca terem aprofundado o que é o amor: penetraram apenas a primeira parte da definição, a que pertence a Jesus, isto é, cumular a alma fervorosa.

Quanto à outra parte, a obrigação de oferecer a Jesus Cristo o sacrifício de si mesmas, não a consideraram.

Também quantas ilusões! Muitas vezes Jesus consola a alma e esclarece-a por uma viva luz, mesmo quando esta alma é falha de generosidade no serviço de Deus. Então a alma persuade-se que avançou em santidade visto que Jesus assim a favorece.

Erro! Jesus sem dúvida ama-a, mas quer obter em troca seu próprio sacrifício. Eis por que anima a alma por atrativos.

Se esta se concentra em si mesma para gozar destas provas de amor e não para entregar-se a Ele, levanta uma barreira intransponível à verdadeira santidade.

Jesus não consolará sempre e quando suspender sua assistência sensível, que fará a alma desorientada?

Sem dúvida, Jesus recomeçará algumas vezes sua experiência. Dará sua consolação e sua luz durante muito tempo na esperança de fazer compreender o intuito destes favores. Mas se, não obstante estas tentativas repetidas, ela não se entrega por sua vez e não

ama Jesus até ao sacrifício de si mesma, o Mestre deverá, por fim, cessar de cumulá-la.

E' o segredo destas mudanças bruscas, destes declínios súbitos no fervor de certas almas.

Não há verdadeiro amor de amizade sem dom recíproco.

6. E o que a alma deverá, pois, dar a Jesus para provar sua amizade?

Oh! aqui os graus de generosidade são inúmeros e, por consequência necessária, o grau de santidade varia de alma para alma.

Umas, depois de haverem cumprido os mandamentos de Deus e da Igreja, dão a nosso Senhor, nas pessoas dos pobres ou dos missionários, o excesso de seus bens temporais.

E' um dom agradável ao Coração de Jesus, porém como é o dom de uma coisa exterior, é a menor prova de amor.

Nestas almas, Jesus é como o pobre que se conserva à porta. Elas lhe dão a esmola de boa vontade, mas não introduzem o Salvador na sua casa.

7. Outras não dão só o excesso de suas riquezas, oferecem a Nosso Senhor, de tempos a tempos, o sacrifício de uma comodidade, de um prazer. E' um progresso considerável.

Nestas almas Jesus não é mais o pobre que deixamos à porta, é o hóspede que recebemos de vez em quando e a raridade da visita não incomoda muito.

8. Em casa de outros, Jesus pode entrar de uma maneira permanente. Cedem-lhe vários cômodos, prometem, às vezes, por votos, contrariarem-se, para lhe agradar, relativamente à pobreza, à castidade, à obediência.

maneira ao que se impõe o dono da casa quando cede a um locatário uma parte de seu imóvel.

Quando a alma suporta este incômodo e vive em boa harmonia com o locatário, Jesus, dá prova de magnanimidade, oferece a Deus um dom precioso.

9. Podemos, porém, ir mais longe. Em vez de reservar-lhe somente alguns cômodos e de tratá-lo como estrangeiro, podemos admitir Jesus na família, dar-lhe um lugar no lar e dar-lhe a liberdade de se utilizar de todos os bens.

Então Jesus não é mais o pobre, ou um hóspede passageiro, ou um simples locatário, é um membro da família. E' assim que Jesus é tratado nas almas verdadeiramente consagradas ao seu serviço e entregues ao seu amor, no século ou no convento.

10. Mas Jesus não se contenta sempre com esta parte já tão bela. Como ama infinitamente, quer ser amado do mesmo modo. Como tudo deu para provar seu amor, exige tudo igualmente.

Até aqui a alma permaneceu senhora de seu interior. Divide sem dúvida com Jesus toda a sua morada, todas as suas faculdades, todos os seus bens. Todavia, na sua própria casa, deseja guardar o primeiro lugar. Reserva para si a administração de seus bens, como convém ao Pai de família.

Eis que agora Jesus quer desapossá-la deste último direito, e ser o Senhor único: ela não será mais do que uma subordinada na sua própria casa. Jesus disporá de seus bens e até de sua pessoa da maneira que quiser.

Diante deste dom de natureza nova e de alcance imenso, de que a razão humana não pode prever todas

as consequências, muitas almas hesitam. Eis por que há poucos santos.

Abdicar a prerrogativa da alma, isto é, a liberdade de dispor de seu domínio como entende, não é demasiado radical?

O que falta, então, ainda a Jesus, quando o admitimos em nossa casa e quando lhe dizemos: *Mea omnia tua sunt*, todos os meus bens vos pertencem (Jo 17, 10)?

E' o dom do que temos, não, porém, do que somos. Ao darmos tudo o que temos, ainda reservamos para nós a maneira de servi-lo, o tempo e as circunstâncias; escolhemos as obras, as ocupações, os exercícios de piedade, as mortificações, guardamos, não as vantagens, mas a distribuição dos bens espirituais, buscamos mesmo, às vezes, até na atividade desenvolvida por Deus, o sossego, a alegria.

A Jesus, é preciso dar tudo. E' necessário ceder-lhe o primeiro lugar, aquele ocupado tão ciosamente por nossa livre vontade. E' necessário instalar o Mestre no lugar do Pai de família e tornar-se seu filho. Administrará o bem tornado comum, cuidará do futuro se nos esforçamos em amá-lo e em executar suas vontades. Eis aí o dom total.

11. Contudo, entre as almas assim abandonadas a Jesus, há ainda matizes e degraus.

Na família, todos os filhos amam o pai e obedecem-lhe, porém não o fazem com igual exatidão, nem com igual delicadeza.

Alguns gostam de examinar a maneira com que Jesus administra seus bens, inquietam-se sobre o resultado final de seu trabalho espiritual. Bem quereriam, às vezes, dar conselhos a Jesus. Desaprovam até secretamente certas medidas, em uma palavra, no íntimo

de sua alma, nem sempre estão de acordo com o Mestre Jesus.

São geralmente os primogênitos da família outra encarregados de seus cuidados. Crêem possuir alguma experiência nas coisas de Deus, e habituaram-se a confiar em sua própria luz.

12. Os outros, os mais novos, os verdadeiros filhos do Pai de família, não julgam nem examinam em nada a conduta de Jesus: não têm para isto nem juízo, nem experiência, nem pretensão. Tudo o que Jesus diz é verdadeiro; tudo o que faz é bom, tudo o que promete cumprir-se-á.

Oh! quem não quererá ser um destes pequeninos! Como são caros a Jesus! Como os protege com solicitude e ternura: *Si quis est parvulus, veniat ad me* (Prov 9, 4). Se alguém é pequenino venha a mim.

Como Jesus lhes deu tudo, assim também eles lhe dão.

Só estas almas compreenderam, com perfeição, o amor de amizade: doação recíproca entre Jesus e elas.

ARTIGO IV

O VERDADEIRO AMOR ESTENDE-SE AO PRÓXIMO

1. A verdadeira amizade exclui o cálculo. Uma só gota de amor puro vale mais do que todos os protestos de amizade, todas as provas de afeição, todas as boas obras e todos os sacrifícios feitos com secreta segunda intenção de utilidade pessoal.

Ora, esta procura de interesse próprio prejudica a santidade de quase todas as almas. *Omnes quaerunt quae sua sunt, non quae Jesu Christi* (Filip 2, 21). Todos procuram seu próprio interesse, e não o de Jesus Cristo.

2. Esta satisfação secreta manifesta-se não só nas relações com Jesus, mas sobretudo e a cada passo nas relações com o próximo.

Contudo o mandamento de amor ao próximo é substancialmente o mesmo que o que impõe o amor de Deus. Amamos o próximo com igual amor com que amamos a Deus, amamo-lo porque Deus o criou à sua imagem, resgatou-o e destinou-o à vida eterna.

Amai-vos uns aos outros, diz Jesus Cristo, como eu próprio vos amei: *Ut diligatis invicem sicut dilexi vos* (Jo 13, 34).

Somos irmãos destinados a viver juntos para sempre na nossa divina família e devemos começar esta vida de união no amor, desde esta vida: *Ut sint unum sicut et nos unum sumus. Ego in eis et in me ut sint consummati in unum* (Jo 17, 22, 23). Que eles sejam um como nós somos um. Eu estou neles e vós em mim, a fim de que eles sejam consumados na unidade.

3. Vós sois para Cristo e Cristo é para Deus: *Vos autem Christi, Christus autem Dei* (1 Cor 3, 23). Não somos senão uma simples criatura dependente de Deus sob todos os aspectos. Como cristãos somos exclusivamente de Cristo, dependendo dele em tudo e para tudo: *Omnia et in omnibus Christus* (Col 3, 11), Cristo é tudo em todas as coisas.

Não teríamos, pois, direito de considerar-nos como centro do pensamento, da afeição, da lembrança ou da conversação de outrem.

Não teríamos, pois, razão de ter exigências relativamente aos nossos semelhantes ou de mendigar suas atenções, mesmo se eles nos são inferiores. Que atenções podem ser devidas àquele que nada é?

4. Desde que não temos direito algum sobre nosso próximo, senão quando Deus o dá, nos é interdita-

(1 Cor 13, 5). A caridade não pensa mal.

A alma egoísta vê como por instinto o lado mau da conduta do próximo. Tem uma facilidade espantosa para descobrir nas ações do próximo um defeito real ou aparente e, quando a ação é em si irrepreensível, apega-se ao móvel.

Não tem medo de escrutar e de condenar o mais íntimo e o mais secreto: a intenção. Usurpa, assim, sem escrúpulo, o soberano domínio de Deus: O direito de julgar suas criaturas.

5. Já que nenhum direito temos sobre o nosso próximo, nos é proibido restringir sua liberdade na maneira de servir a Deus e cumprir seus deveres.

Deus disse aos homens: dou-vos a inteligência, a liberdade e as faculdades necessárias para agir. Usai-as conforme vossa boa vontade, somente observai meus mandamentos e não pequeis.

Como ousa um homem restringir a liberdade de outro homem quando, de uma parte, Deus quis deixá-la intacta e quando, por outra parte, o próprio homem não renunciou voluntariamente a ela?

O espírito, a vontade, a imaginação, as disposições corporais variam de homem a homem, como os traços do rosto, e isto por um desígnio sapientíssimo de Deus.

E' admirável que haja tantas maneiras de compreender as coisas quantos indivíduos há!

Aprendamos a ser tolerantes, a respeitar as opiniões do próximo, a apreciar todas as maneiras de agir ou de pensar, se não ferem a verdade ou a virtude.

Cada alma tem o direito de servir a Deus como ele lhe inspira e como a Santa Igreja por seus representantes lho permitem.

6. *Amen dico vobis, quamdiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis* (Mt 25, 40). Em verdade vos digo, o que fizestes a um destes mais pequenos de meus irmãos, é a mim que o fizestes.

E' necessário, pois, não só se abster de fazer mal ao próximo, de julgá-lo, contristá-lo, é necessário querer-lhe bem como queremos ao próprio Jesus.

A vida na família, no convento e na sociedade depressa se tornaria um céu se cada um se esforçasse em causar prazer ao próximo, em adivinhar seus desejos, em conformar-se aos seus pensamentos, por consideração a Jesus.

Onde, porém, encontrar alguém bastante desprendido de si mesmo para entrar, pelo pensamento, na mentalidade de outrem, para compreender suas necessidades, suas aspirações, para tomar parte em suas alegrias, em suas penas e insinuar-se na sua personalidade?

7. Ao menos, devemos desejar bem ao nosso irmão e, na medida do possível, proporcionar-lho. Devemos, sobretudo, interessar-nos por seu bem espiritual e eterno.

A alma, que ama Jesus verdadeiramente, não cessa de orar pelos pecadores, pelos agonizantes, pelos hereges, pelos pagãos, pelas pessoas consagradas a Deus e sobretudo pelos padres.

Suplica a Jesus que crie para si almas totalmente abandonadas ao seu amor, e prontas a tudo fazer e tudo sofrer para lhe causar prazer e aumentar o número dos eleitos.

Regozija-se das graças distribuídas sobre as almas. Longe de conceber uma mesquinha inveja vendo os outros mais favorecidos, agradece-lhe por sua liberalidade.

Contanto, diz era, que Deus seja mais amado e louvado durante toda a eternidade, eu sou feliz.

Quanto mais numerosos e elevados no amor forem os santos no céu, mais Jesus será glorificado e, mais também, cada eleito será feliz da própria felicidade de seus irmãos, da felicidade da Santíssima Trindade.

8. Jesus! alargai nossos pobres corações humanos. Bani deles o egoísmo, a estima e amor exagerado de nosso próprio entendimento, de nosso próprio julgamento.

A alma que não chegou até ao profundo desprezo de sua própria excelência não saberá praticar a caridade nem para com Deus, nem para com o próximo.

Como critica seu irmão, assim critica Jesus.

Quando os planos de Deus ou os acontecimentos preparados por sua Providência não coincidem com suas apreciações, com seus gostos e seus interesses, larga a mão de Jesus.

O' bom Mestre, procuramos tantos meios de santidade, lemos tantos livros, tomamos tantas resoluções, empreendemos tantos trabalhos, enfim, fazemo-vos tantos protestos de amor e de fidelidade e tudo isto fica sem eficácia, porque não vamos até ao extremo da doação. Queremos permanecer senhores de nosso espírito, de nosso coração, de nossa imaginação e de nossa ação.

Então tudo é inútil: a amizade perfeita não é mais possível. Em vez de amar Jesus, amamos a nós mesmos, sob pretexto de procurar a glória de Deus.

Não! Não! é necessário tornarmo-nos criancinhas, em nada nos procurarmos, nada pretendermos a não ser Jesus e Maria, executar todas as suas vontades, sem segunda intenção de utilidade ou de satisfação humana.

CAPITULO VII

IMITAR JESUS CRISTO

ARTIGO I

A TRANSFORMAÇÃO DA ALMA EM JESUS CRISTO

1. Na vida iluminativa, é preciso tender, não só a conhecer e a amar Jesus Cristo, mas também a imitá-lo, a assimilar seus pensamentos, a apropriar-se de suas aspirações, a aderir aos seus sentimentos, a fazer suas obras.

Nós fomos predestinados, diz S. Paulo, para reproduzir em nós a imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito entre muitos irmãos. *Quos praedestinavit conformes fieri imagini Filii sui, ut sit ipse primogenitus in multis fratribus* (Rom 8, 29).

2. Jesus Cristo é o Filho dileto de Deus em quem o Pai pôs todas as suas complacências: *Hic est Filius meus dilectus in quo mihi complacui* (Mt 3, 17).

Todos aqueles que desejam atrair os olhares do Pai celeste devem revestir-se de Nosso Senhor Jesus Cristo: *Induimini Dominum Jesum Christum* (Rom 13, 14). Devem reproduzir em si próprios sua vida e sua santidade, devem ser outro Jesus Cristo.

O Pai ama no cristão sua qualidade de discípulo verdadeiro e prático de Jesus, de cópia fiel deste divino Modelo.

O Espírito Santo, o Espírito de Jesus, forma em nós por sua presença substancial e pessoal, sua divina impressão: A caridade de Deus foi infundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. *Charitas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum qui datus est nobis* (Rom 5, 5).

Esta impressão não é o Espírito Santo, é sua imagem fiel, como a impressão da cera não é cunho impressor, porém sua reprodução exata.

4. Não é uma imagem fugaz, uma impressão passageira, superficial. Penetra até à substância da alma, aí deposita uma participação verdadeira da própria natureza de Deus, comunica-lhe, pois, vida e vontade divinas.

Esta graça estende-se da substância da alma às faculdades por meio das virtudes infusas e dos dons do Espírito Santo. Enfim, por meio destas virtudes e destes dons, a divina Caridade transforma também, com o concurso das graças atuais, todos os atos voluntários do homem: seus pensamentos, seus desejos, suas aspirações, seus sentimentos e até seu exterior.

Assim, forma-se gradualmente na alma, sob a ação do Espírito Santo e com o concurso dócil do homem, a imagem adorada de Jesus Cristo.

Recolhamos alguns dos traços principais da divina fisionomia de Jesus. São assinalados em todas as páginas do Evangelho.

5. E' antes de tudo a inteligência do homem que rejeita uma a uma suas máximas mundanas, para se compenetrar dos novos princípios estabelecidos por Jesus.

Bem-aventurados os pobres de espírito... bem-aventurados os mansos... bem-aventurados os que choram... bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça... bem-aventurados os misericordiosos... bem-aventurados os que têm coração puro... bem-aventurados os pacíficos... bem-aventurados os que são perseguidos (Mt 5, 3-11). Que serve ao homem ganhar todo o universo se vier a perder sua alma? (Mt 16, 26). Buscai primeiramente o reino dos céus e sua justiça e o resto vos será dado por acréscimo (Mt 6, 33). Se alguém não renuncia a tudo não pode ser meu discípulo (Lc 14, 33).

6. Em seguida é a vontade a renovar-se por sua vez. Em lugar de concentrar seu amor em si mesma, volta-se para Deus.

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento... e amarás o próximo como a ti mesmo (Mt 22, 36-38).

Simultaneamente, consagra sua atividade em fazer a vontade do Pai celeste, a exemplo de Jesus que disse: Eu faço sempre o que agrada a meu Pai (Jo 8, 29). Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou, a fim de cumprir sua obra (Jo 4, 34).

Que não a minha vontade se faça, mas a vossa (Lc 22, 42).

7. As disposições da alma, os sentimentos, as afeições transformam-se, por sua vez, sob a ação dos exemplos do Mestre.

Aprende de mim que sou manso e humilde de coração e achareis o descanso para vossas almas (Mt 11, 29). Se não vos tornardes semelhantes às criancinhas, não entrareis no reino dos céus (Mt 18, 3).

Eu sou o bom Pastor e dou minha vida pelas minhas ovelhas (Jo 10, 11). Não disputará, não clamará,

não se ouvirá sua voz nas praças públicas. Não quebrará a cana fendida e não apagará o pavio que ainda fumega (Mt 12, 19-20). Eu não vim para perder, mas para salvar (Lc 9, 56). Não são os que gozam de saúde que precisam de médico e sim os doentes (Mt 9, 12).

8. A alma cada vez mais conquistada por Jesus começa em seguida a compreender o mistério da cruz, a associar-se aos sofrimentos, a prestar-se a todas as vontades do divino Crucificado.

Se o grão de trigo caído na terra não morre, ficará só (Jo 12, 24). Preciso era que Cristo sofresse e que assim entrasse na glória (Mc 8, 31). Se alguém quer seguir-me, tome sua cruz de cada dia e siga-me (Lc 9, 23).

E' verdadeiro discípulo de Jesus aquele que, com a divina Mãe, se conserva fiel ao pé da cruz e associa-se aos sofrimentos do Salvador. Aquele merecerá ser chamado o discípulo que Jesus amava. Ouvirá as palavras do divino Agonizante: *Ecce mater tua* (Jo 19, 26). Eis aí tua mãe.

9. Feliz a alma que leva a semelhança com Jesus ao ponto de segui-lo no caminho doloroso, que em seguida se conserva perto da Mãe das Dores ao pé da cruz, que aí oferece sem cessar com ela a divina Vítima e oferece-se a si próprio juntamente com Jesus, ao Pai celeste.

Feliz aquela que pode dizer com S. Paulo: Por mim, livre-me Deus de me glorificar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo (Gál 6, 14). Eu não julguei saber entre vós outra coisa senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado (1 Cor 2, 2). Por seu amor, eu tudo quis perder, considerando todas as coisas como esterco a fim de ganhar o Cristo (Filip 3, 8).

Feliz aquela que, chegada ao último instante da vida, une sua morte à do Salvador crucificado e entrega como Jesus sua alma ao Pai celeste em perfeita adesão a todas as suas vontades.

10. Mas a transformação total, definitiva, só se acabará no céu.

O justo aí será inteiramente revestido de Jesus. Cristo ressuscitá-lo-á consigo e o fará assentar-se consigo no seu próprio trono (Ef 2, 6). Então poderá dizer em verdade: Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é o Cristo que vive em mim (Gál 2, 20).

Unido a Jesus, transformado nele e como identificado com Ele, amará o Pai eterno com o mesmo amor que Jesus lhe tem, e estará compreendido e envolvido no amor infinito que o Pai tem ao seu divino Filho.

Oh! feliz assimilação do cristão a Jesus! Quem não quererá tornar-se semelhante a este divino Mestre para ser eternamente com Ele a glória e a felicidade do Pai!

ARTIGO II

O ESPIRITO DO DEVER

1. No cabeçalho do livro está escrito de mim que farei, meu Deus, vossa vontade: *In capite libri scriptum est de me ut faciam, Deus, voluntatem tuam* (Heb 10, 7).

E quando Jesus havia realmente cumprido tudo o que os profetas haviam anunciado, exclamou, morrendo sobre a cruz: Tudo está consumado: *Consummatum est* (Jo 19, 30).

Estas duas palavras contêm toda a vida de Jesus.

Para imitar, pois, o divino Modelo basta cumprir sempre e em toda parte, a exemplo de Jesus Cris-

to, o dever imposto pela vontade divina. *Qui facit voluntatem Patris mei qui in caelis est, ipse intrabit in regnum caelorum* (Mt 7, 21). Aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, entrará no reino dos céus.

2. E' necessário, pois, criar em si o espírito de dever, isto é, esta disposição de cumprir, a cada momento, suas obrigações, pelo motivo de serem elas vontade de Deus.

Esta disposição é uma vontade decidida, uma resolução firme, fundada numa convicção inabalável: cumprirei sempre meu dever, integralmente, ainda que me custe.

O espírito de dever abrange todas as obrigações impostas pelos mandamentos de Deus e da Igreja e pelo estado de vida. Abrange as ordens, os conselhos, os desejos de todos os superiores legítimos. Estende-se a todas as coisas prescritas pela civilidade, o decoro, a caridade, a justiça ou a necessidade.

3. O motivo de espírito de dever é a vontade de Deus.

O homem de dever não age por capricho. Não abandona sua ação porque ela cessou de agradar; não a recomeça porque experimenta por ela nova inclinação.

O homem de dever não age por interesse. Não empreende uma obra pelo lucro, a honra, a estima ou a reciprocidade de serviços, para angariar a benevolência de seus superiores ou o reconhecimento de seus semelhantes.

O homem de dever não age por rotina.

Sua atividade não lhe vem de um impulso exterior, e sim de um princípio de vida sobrenatural, da convicção de que deve fazer a vontade de Deus. Nunca é, pois, nem vagaroso nem precipitado. Sua marcha

na vida espiritual é sempre a mesma, porque a vontade de Deus não muda nunca.

4. Uma vida de dever é uma renúncia contínua. Ora, a renúncia é o sinal infalível da santidade.

Já que o homem de dever procura em tudo a vontade de Deus, renuncia sem cessar à sua própria, e evita todo rodeio voluntário sobre si mesmo, toda complacência nas suas obras, toda vã inquietação concernente ao passado e toda preocupação inútil sobre o futuro.

Vive dia a dia, fazendo, no momento presente, o que julga ser o mais agradável a Deus, pedindo continuamente à sua Mãe do céu a graça de pertencer a Jesus como esta Mãe pertenceu, e de se humilhar perante Deus por suas inumeráveis faltas.

5. Uma vida de dever é uma vida de puro amor.

A disposição contínua de nunca querer para si e para os outros, no tempo e na eternidade, senão a adorável vontade divina é uma contínua adesão de amor a Deus.

O' Santa Vontade de Deus, dizia Santo Afonso, adoro-vos, amo-vos, tanto quanto amo a Deus, visto que vossa Vontade sois Vós mesmo.

A vida de um homem de dever passa-se assim como numa adoração sublime da divina Vontade, como num êxtase contínuo.

6. Uma vida de dever é uma vida perpétua e feliz.

Deus quis que o cumprimento de cada dever fosse já um começo de recompensa. Esta recompensa é a paz do coração, a alegria de haver contribuído para realizar os eternos desígnios de Deus.

Ao contrário, cada negligência deixa uma impressão penosa, cria um secreto descontentamento na

alma: é uma desordem, uma infração do plano divino, diminuta talvez, porém real.

7. Todo homem, seja qual for seu estado, pode orientar-se pelo espírito de dever e aspirar à santidade.

Mas ninguém tem tanta facilidade em seguir constantemente a vontade de Deus como o religioso que vive sob obediência.

Sua regra traça-lhe o caminho nos menores pontos. Não tem senão que marchar nesta via da observância regular para chegar segura e rapidamente à perfeição.

Esta segurança é para ele absoluta, porque a regra de sua Ordem é aprovada pelo próprio vigário de Jesus Cristo em virtude de sua autoridade infalível.

Que maior garantia de chegar à mais alta perfeição Deus pode dar a um homem?

8. Mas, por outra parte, que responsabilidade cabe ao religioso tão favorecido por Deus! Com que cuidado deve observar todas as minúcias de suas constituições! Com que respeito deve acolher as ordens, os conselhos, os desejos de seus superiores.

Se o quer, permanece, graças à obediência, em contacto permanente e íntimo com o próprio Deus. Toca a divina Majestade, sua santidade, sua misericórdia, sua bondade.

E' crível que a alma religiosa, não obstante tantas preferências da parte de Deus, possa às vezes cair na negligência, abandonar a observância e arrastar sua existência religiosa na tibieza e no desgosto?

9. A falta de observância começa geralmente no espírito do religioso. Nunca adquiriu profundas convicções sobre a necessidade e a beleza da observância regular.

Privado desta forte convicção sobre todas as minúcias das santas regras, expressão da eterna vontade de Deus, a alma religiosa começa cedendo à tendência natural de sofismar certos pequenos pontos mais incômodos.

Em seguida, para legitimar sua frouxidão, esforça-se em depreciar aos seus próprios olhos tal e tal regra da observância regular, tal e tal ordem do superior.

Depois comunica suas impressões a outros e mantém com eles conversações cujo fim, confessado ou não, é diminuir a importância das santas regras.

"A regra, dizem, não está adaptada ao nosso tempo nem ao nosso país. Não leva em consideração as legítimas aspirações do coração humano; foi composta ou modificada por homens pouco competentes. Não devemos afogar-nos em uma gota d'água. Estes pormenores são bons para noviços. Não poderíamos ter confiança em qualquer superior. Aliás, muitos outros religiosos estão no meu caso".

10. Quando o religioso se afasta da observância regular, afasta-se igualmente dos superiores que dela são os guardas e os vingadores. Porém deve explicar, legitimar este afastamento aos olhos dos confrades: daí críticas, desconfianças, zombarias relativamente à autoridade.

Enfim, sendo contrário aos superiores, o mau religioso é igualmente contrário aos que vivem no fervor e são a condenação de sua vida de tibieza.

Criticará e perseguirá, pois, os que não participam de sua inobservância. Esta perseguição toma diferentes formas.

Os que querem toda a observância regular são qualificados por ele de escrupulosos, de espíritos estreitos.

místicos, inaptos para a vida prática.

Os que amam a solidão e o recolhimento são pessoas concentradas ou afetadas, que nada compreendem das exigências atuais da vida social e da formação apostólica moderna.

Os que tomam o partido dos superiores, na defesa da observância, são adutores.

Os que trabalham e não perdem um minuto de tempo em ocupações inúteis, leituras frívolas, visitas supérfluas, conversações sem objetivo, são ambiciosos.

E' a aplicação, até na religião, do princípio de S. Paulo: os que querem viver piedosamente em Cristo, sofrerão perseguição — *Omnes qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur* (2 Tim 3, 2).

11. Quem pode calcular o prejuízo que semelhantes religiosos causam a si mesmos, aos seus confrades e à sua Ordem? Mas, sobretudo, quem poderá medir as consequências de sua inobservância, quando o mau exemplo provém de religiosos mais idosos, mais inteligentes, que ocupam posições mais elevadas?

Podemos, com efeito, possuir muitos talentos e ser um mediocre religioso.

Em compensação quem poderá enumerar os méritos acumulados sem cessar por aquele que observa com perfeição a regra de sua Ordem, como prometeu observá-la no dia de seus votos?

Quem poderá compreender a beleza de uma vida totalmente consagrada a dar prazer a Deus e a esquecer-se, a se consumir pelas almas sem preocupação com a glória humana e com a própria comodidade, a cumprir sempre seu dever com simplicidade, sem temor das críticas e das zombarias.

Semelhante religioso realiza com perfeição a imitação de seu divino Modelo que disse: Faço sempre o que agrada a meu Pai. *Quae placita sunt ei, facio semper* (Jo 8, 29).

ARTIGO III

O TRABALHO ESPIRITUAL

1. No trabalho espiritual há a parte de Deus e a do homem.

Esta última consiste em pedir a graça por uma oração contínua, em cooperar fielmente com esta graça e em levantar-se humildemente depois de cada falta.

Gratia Dei mecum (1 Cor 15, 10), disse S. Paulo. A graça de Deus, porém com minha cooperação. Deus deu-me sua graça, diz ainda, e esta graça não foi estéril em mim. Não foi estéril porque cooperou, e sem esta cooperação ela não teria sido fecunda.

A alma confiante deve esforçar-se para dar à sua atividade toda a intensidade possível e por conseguinte dirigi-la de acordo com certos princípios.

2. O primeiro princípio é não confundir a atividade com a agitação.

A intensidade da ação não está na razão direta do movimento, nem da excitação.

Santo Agostinho disse, referindo-se a Deus: *Semper agens, semper quietus*¹. Age sempre e está sempre em repouso, age soberanamente, essencialmente, e é o ser e o repouso soberano.

O filósofo, elaborando em si um sistema de pensamento, parece ocioso. Contudo, sua ação sobre a marcha dos acontecimentos deste mundo é mais profunda e mais extensa do que a dos generais vitoriosos.

¹) Confissões, livro I, c. IV.

O negociante sentado tranquilamente à sua mesa de trabalho, com o ouvido atento ao telefone, faz por si só mais negócios do que a multidão dos compradores e vendedores no mercado.

3. Um segundo princípio é que o verdadeiro valor do ato, antes de tudo, depende da nobreza da faculdade posta em ação.

Quando uma alma, durante a meditação, chegou, por seus esforços de imaginação, a formar um conjunto de considerações, a extrai-las das afeições e a fixá-las em resoluções, produziu, sem dúvida, uma considerável medida de atividade. Fez, porém, mais do que aderindo a Deus por um simples movimento da vontade e pedindo-lhe para ter compaixão de si?

São, sem dúvida, dignas de admiração as almas que, à custa de exercícios espirituais, de exames de consciência e de resoluções, chegam a construir para si um aeroplano espiritual no qual podem elevar-se a Deus e conservar-se em sua santa presença.

Seu voo, porém, é ágil e gracioso como o das almas às quais Deus deu duas asas, as da humildade e da confiança, para elevarem-se ao céu e unirem-se a Ele por um simples movimento do coração?

Uma simples aspiração de amor divino, produzida pela vontade espiritual, tem incomparavelmente mais valor do que as emoções e as afeições mais sensíveis.

Um pequeno ato de puro amor, dizia o doutor da mística, S. João da Cruz, tem mais importância do que todas as boas obras reunidas.

4. Um terceiro princípio é que a atividade é tanto mais profunda e tanto mais fecunda, quanto mais seu objeto é elevado e simples.

Podemos, sem dúvida, para chegarmos a Deus, seguir um método analítico, elevar-nos a Ele pelas mil

sendas do dever. Mas esta subida é longa e fatigante. Mais de uma alma tem parado no meio do caminho, detidas pelas dificuldades da estrada, desiludidas de suas próprias forças.

E' mais simples desde o começo elevar-se a Deus por um ato das três virtudes teológicas: fé, esperança e amor, fixar-se nele por uma humilde e amorosa confiança e enfim descer com Ele, segurando sua mão paternal, às múltiplas minúcias do momento presente, para cumpri-las por amor dele e com seu socorro. *Tenuisti manum dexteram meam et in voluntate tua deduxisti me* (Sl 72, 24). Segurastes minha mão direita e me conduzistes nos caminhos de vossa vontade.

Assim a alma une-se ao próprio Deus, ao alfa e ao omega, o princípio e o fim de todas as coisas; assim, por um único ato, adere a todas as suas vontades e a todas as suas intenções passadas, presentes e futuras sobre ela e sobre toda a criatura, no tempo e na eternidade.

5. Aprende, pois, alma humilde e confiante, a regular sãbiamente tua atividade e a dar-lhe toda a atividade conveniente.

A primeira parte desta atividade, a parte fundamental, essencial, é aderir a Deus por um simples movimento da vontade e pedir-lhe sem cessar a graça de a tal chegar.

Meu Deus, diz-lhe a alma humilde, ajudai-me a querer tudo o que quereis, a associar-me de coração a todos os vossos desígnios conhecidos e desconhecidos, a conformar-me com os vossos menores desejos, a renunciar a toda coisa contrária às vossas vontades eternas.

A alma deve dedicar cuidado constante para colocar-se nesta disposição desde o levantar, para tor-

ná-la mais atual, mais consciente durante sua meditação e seus exercícios de piedade, para protegê-la contra as surpresas do dia.

6. Vem em seguida o trabalho pormenorizado. A alma apoiada em Deus esforça-se para aceitar na prática as diferentes manifestações desta vontade eterna. No correr do dia, adapta-se a elas por um ato de amor e de conformidade.

Aceita assim o doce e o amargo, as alegrias e os prazeres, os sucessos e os reveses, a saúde ou a doença, a vida ou a morte, como sendo a eterna, a amável, a adorável Vontade de Deus.

Ao mesmo tempo, emprega toda a sua aplicação em executar o que é ordenado por seus superiores. Adapta-se às exigências, às necessidades ou às conveniências de seu estado de vida. Aceita os mil imprevistos cotidianos independentes de sua vontade e da de outrem. Evita, com filial cuidado, contrariar os desígnios do Pai celeste.

Quando errou num pormenor, pede humildemente e com simplicidade perdão a Jesus e continua seu trabalho.

9. A alma confiante não gosta de se sobrecarregar de muitas práticas de piedade. Esta multiplicidade contraria a simplicidade de seu comércio com Deus.

Todavia, cumpre fielmente as que são prescritas ou adaptadas no meio em que vive ou na sua Ordem.

Se Deus lhe inspira fazer mais e o diretor o aprova, acrescentará certos exercícios necessários ou úteis ao seu progresso espiritual.

Tal é, pouco mais ou menos, o conjunto de sua atividade espiritual. Se for necessária outra coisa,

Deus lha mostrará pela voz da obediência, pelas circunstâncias ou pelas inspirações.

Contenta-se em aderir pacificamente a Deus, em estar sempre atenta ao lado do tabernáculo, em unir-se à sua Mãe celeste por *Ave-Marias* repetidas, e confia seu progresso e sua perfeição a Jesus e Maria.

ARTIGO IV

COMO A ALMA DEVE INTENSIFICAR SUA ATIVIDADE

1. A alma humilde e confiante nada tem que não provenha de Deus. O princípio, o meio e o fim de sua atividade é Deus.

Conseqüentemente, como sua ação não seria fecunda? Todavia, depende dela aumentar esta fecundidade.

Diante de Deus, somos como átomos perdidos na imensidade do universo. Que glória pode advir para Deus de um ser tão pequeno e tão pecador?

Contudo, Deus pede de nós uma glória digna dele, uma glória, por assim dizer, infinita. Devemos procurar multiplicações de atividade na ordem sobrenatural.

2. A ciência moderna inventou máquinas de poder e de precisão admiráveis. Basta estabelecer uma corrente elétrica para desenvolver uma força estupefaciente.

Assim a alma, consciente de sua absoluta impotência para amar a Deus dignamente, pode por uma simples direção de intenção, multiplicar sua atividade, por assim dizer, ao infinito.

Antes de tudo, deve multiplicar esta ação associando-a sempre à Santíssima Virgem e, por Ela, a todas as almas das quais Maria é a Mãe. É uma multiplicação de *extensão* de sua ação.

Em seguida, deve, unida à divina Mãe, oferecer-se a Jesus. Este por sua vez, em virtude de seus méritos infinitos, em sua qualidade de homem-Deus, comunica à sua oferta e a todos os seus bons atos um valor digno de Deus.

E' uma multiplicação de *intensidade*.

3. Aprendei, pois, antes de tudo, queridas almas, a unir-vos sem cessar, por um ato voluntário, à Santíssima Virgem, Mãe de Jesus, esta sublime criatura, a mais querida de Deus, a única capaz de agradar-lhe inteiramente por seu amor imenso, sua pureza imaculada e sua humildade perfeita.

Temos bastante direito de unir-nos a Ela, nós seus filhos na ordem da graça, seu bem, sua propriedade.

Maria também tem bastante direito de atrair-nos para seu coração de Mãe. Ela que nos deu a vida divina, e é o único canal das graças.

4. Além disso, temos o dever de unir-nos a Ela, já que sem Ela não podemos obter Jesus. E' a ponte pela qual é preciso passar antes de entrar no mundo sobrenatural. E' esta ponte, não uma vez, mas cada vez, para cada ato, cada aspiração, cada progresso na virtude.

Podemos unir-nos a esta divina Mãe por um ato de vontade, podemos ceder-lhe todos os nossos bens, todas as nossas faculdades, nosso corpo e nossa alma.

Então, Ela ama seu divino Filho conosco e por nossa alma, e nós amamos Jesus com Ela e por seu coração.

Ora, este amor da Virgem imaculada, Mãe de Jesus, é inefavelmente profundo, delicado e terno, porque está perdida em Deus, em abismos infinitos. Adere a Deus com todas as suas potências como nenhum ou-

tro ser criado conseguiu fazê-lo: sua inteligência, sua vontade, seu coração, suas emoções, suas afeições sensíveis estão fixadas n'Ele só, sem nenhum rodeio em si mesmo. E' um ser inteiramente voltado para Deus.

5. E' este multiplicador admirável que Jesus, por testamento, nos legou, a fim de que dele nos sirvamos para nos prender a Ele e amá-lo e glorificá-lo o mais possível.

Por Ela, pois, devemos amar Jesus, adorá-lo, oferecê-lo ao divino Pai; com Ela devemos renovar todos os mistérios da vida de Jesus: seu nascimento, sua infância, sua vida pública, sua morte, sua eucaristia.

E' preciso pedir-lhe que faça seus todos os movimentos de nossa vontade: os julgamentos de nossa razão, os transportes de nosso coração e as emoções de nosso ser sensível.

Esta doação a Jesus por Maria, renovada continuamente de uma maneira sistemática, torna-se como uma vocação especial na santidade.

A alma torna-se como uma extensão da santíssima Virgem, uma reprodução consciente de sua vida de amor aqui na terra, um coração para amar seu Jesus uma segunda vez, como durante sua vida mortal.

6. E' necessário, em seguida, multiplicar a *intensidade* de nossos atos.

Com este fim, a alma, unida a Maria, oferece-se com Ela a Jesus, e este divino Mestre, sendo um homem-Deus, comunica aos nossos atos um valor infinito. E' a comunhão dos santos.

7. Nossos menores atos têm, unidos a Jesus e a Maria, um valor incompreensível! Cristão, quando imprimes no teu crucifixo um humilde beijo, sabes o que fazes?

Dás a Jesus a mesma prova de amor que Maria quando embalava seu filhinho, e quando, mais tarde, o recebeu nos braços depois da descida da cruz.

Por esta homenagem exterior dás a Jesus teu amor e, dando-lhe teu amor, entregas-lhe tua vontade livre e, com tua vontade, toda a tua alma.

O beijo que imprimes no peito de teu Jesus crucificado, ele transmite-o a seu Pai do céu,

E este beijo da segunda pessoa da Santíssima Trindade, do Verbo de Deus, é o Espírito Santo, o Amor substancial do Pai e do Filho.

Assim, por um simples ato de amor, participas da vida divina da adorável Trindade.

8. Nossos atos bons nada têm de pequeno nem de transitório senão sua duração material. Sua virtude subsiste e sua influência repercute nos séculos dos séculos.

E se diante de Deus têm tal valor, se são capazes de causar-lhe uma glória sem fim, como não teriam uma influência santificante no mundo das almas?

Vemos o universo material tão maravilhosamente construído pelo Autor de toda a perfeição que uma simples palavra pronunciada em alguma parte, num lugar qualquer da terra, pode ser transportada, em suas ondas invisíveis, a distâncias incríveis e ser ouvida por milhões de auditores.

O mundo material, contudo, não é mais perfeito, nem mais belo do que o mundo espiritual. E' apenas um rústico esboço deste último.

Conseqüentemente, necessário é concluir que um simples ato praticado por uma alma qualquer, em união com Jesus e Maria, repercutirá no mundo invisível das almas e exercerá sua influência sobre todas aquelas dispostas a recebê-la?

Assim, cada cristão, por sua vez, torna-se co-redentor. Nenhuma de suas boas ações fica perdida para o bem. Todas são necessárias e exatamente eficazes na medida idêntica de sua bondade sobrenatural.

9. Muitas vezes ficamos assustados vendo o poder do mal, o número de pecados cometidos a cada momento no mundo inteiro e a malícia destes crimes.

Mas esquecemo-nos muito de considerar o lado oposto: todos estes atos de amor que se elevam a cada instante de tantos corações consagrados a Deus?

E cada ato de amor, em virtude de sua união com Jesus e Maria, agita todo mundo espiritual, atinge a Igreja triunfante, padecente e militante.

Cada um, em virtude de sua união com Jesus, Autor e Consumador de todas as coisas, vai render a Deus uma glória infinita e satisfazer pelas ingratidões e injúrias dos homens.

Deus reserva para si, sobre a terra, o que há de puro, de inocente, de generoso, de humilde, de devotado; deixa para o demônio o que há de obstinadamente mau, tudo que há de vil, de ingrato e de imundo.

Isola o pecado de cada homem, obriga-o a ser seu próprio castigo, a engolfar-se na sua própria lama.

Une, porém, o menor ato do mais humilde dos cristãos ao coração de sua Mãe, e por Ela ao seu próprio Coração divino para torná-lo infinito em valor, para dar-lhe uma repercussão sem fim no mundo sobrenatural.

CAPITULO VIII

O EXERCÍCIO DOS DONS DO ESPÍRITO SANTO OS DONS DA ORAÇÃO

ARTIGO I

O EXERCÍCIO HABITUAL DOS DONS DO ESPÍRITO SANTO

1. Para alcançar a santidade, nossa vontade sobrenaturalizada pela graça tem um duplo dever a cumprir. Deve tender sem cessar para Deus, que é o último fim. Deve, além disso, empregar os meios mais aptos para alcançá-la.

A vontade dirige-se para Deus, o bem supremo, sob o impulso de um duplo motor: a razão esclarecida pela fé e a inspiração direta do Espírito Santo.¹

Mas, para que obedeça dócilmente à voz da razão, Deus infunde na alma, com a graça santificante, as virtudes teologais e as virtudes morais. As primeiras ajudam a querer Deus, o fim último; as outras ajudam a adotar os meios para alcançá-lo.

Igualmente, para que a vontade siga prontamente a inspiração do Espírito Santo, Deus infundiu os dons do Espírito Santo.

¹) Suma, I-II, q. 68, a. 1.

Os três primeiros dons: sabedoria, inteligência e ciência, dispõem a vontade a obedecer fielmente ao Espírito Santo na tendência amorosa para Deus, o último fim.

Os outros quatro: conselho, piedade, força e temor, têm por principal missão ajudá-la a adotar os meios práticos.

2. Desde o começo da vida espiritual até sua consumação, Deus dirige a vontade pelas luzes da razão esclarecida pela fé e pela sua inspiração direta, não, porém, na mesma medida.

Na primeira etapa, a via purgativa, esta intervenção direta é rara. A alma fica mais entregue à sua iniciativa pessoal, sustentada somente pela graça ordinária. Exercita-se antes de tudo nas virtudes morais infusas, a fim de extirpar seus defeitos e preparar o terreno para a ação de Deus.

Na segunda etapa, a via iluminativa, Deus intervém mais frequentemente por sua inspiração direta; contudo esta ação é ainda velada. Ordinariamente a alma deve, à custa de vigilância e de fidelidade à graça, exercitar-se na virtude. Sua ocupação principal é a prática das virtudes teologais, o conhecimento, o amor e a imitação de Nosso Senhor.

Enfim, na via unitiva, a alma obtém a inestimável graça de ser conduzida habitualmente pela ação do Espírito Santo. Experimenta frequentemente em si, por um contacto suave e íntimo, o Deus presente em si pela graça.

Esta união da alma com Deus engendra nela um conhecimento e um amor de Deus de um novo gênero. Não mais conhece Deus só pela fé, por boato, mas porque o experimentou e saboreou: *Gustate et videte*

quoniam suavis est Dominus (Sl 33, 9). Provai e vede quanto o Senhor é suave.

Esta união da alma com Deus denomina-se a via contemplativa. Ultrapassa tanto a meditação e a oração afetiva, como a via unitiva ultrapassa a via purgativa e iluminativa.

Todavia, a alma, mesmo na via unitiva, não negligencia a luta contra as tendências más, nem a prática das virtudes. Volta até, às vezes, ao humilde exercício da meditação e da oração afetiva quando Deus suspende, por algum tempo, sua ação direta, e entrega-a às suas próprias forças apoiadas unicamente na graça ordinária.

3. E', pois, a subir até esta via unitiva, a esta via de contemplação que convido as almas confiantes que até aqui me acompanharam.

Mas, antes de tudo, podeis esperar uma graça tão elevada, uma intimidade tão suave com o Mestre do céu e da terra?

Sim! podeis esperá-la. A caridade entre Deus e a alma é, desde este mundo, uma amizade perfeita. Ora, toda amizade perfeita exige dom, intimidade e gozo recíproco.

Se, pois, a alma, por seu desprendimento do criado, permite a Jesus de gozar plenamente de sua amizade, este bom Mestre, como amigo divinamente fiel, fá-la-á entrar, por sua vez, na sua intimidade.

4. A alma não somente pode, mas até deve esperar o dom da contemplação, isto é, o favor de ser habitualmente conduzida por Deus por meio dos dons do Espírito Santo.

Se Deus, dando à alma a graça santificante, infundiu não só as virtudes, mas ainda os dons, sua in-

tenção não é e não pode ser de deixá-los habitualmente estéreis na alma.

Confiou ao homem um talento precioso, não o quer ver inútilmente enterrado no campo da alma. Quer que produza seu fruto natural, isto é, o conhecimento experimental e suave de Deus, o amor terno e forte por Jesus e Maria.

5. Jesus dá-nos um mandamento de tender à perfeição: Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito: *Perfecti estote sicut Pater vester caelestis perfectus est* (Mt 5, 48).

Mas a perfeição cristã consiste em desenvolver em nós a graça santificante com todos os hábitos infusos, os dons assim como as virtudes. Se, pois, os dons não chegam ao seu desenvolvimento normal, por um exercício habitual, a alma não realizou o desejo de Jesus Cristo. Não chegou, desde este mundo, a esta intimidade, a este grau de amor que Jesus queria comunicar-lhe.

Que prejuízo e que responsabilidade para ela! e que desgosto causa por isto ao seu bom Mestre.

6. Torna-se mais evidente a necessidade da prática habitual dos dons do Espírito Santo, verificando-se que a prática da simples virtude infusa conserva sempre um cunho da fragilidade humana²⁾: é incapaz de conduzir a alma à total perfeição acessível cá na terra.

A razão disto é que, no exercício das virtudes, as faculdades humanas, ajudadas pela graça ordinária, têm um papel preponderante. Por conseguinte, os atos ficam manchados dos defeitos inerentes ao homem.

A isto juntam-se muitos fins egoístas, pequenas ambições, ciúmes secretos, rodeios sobre si mesmo.

²⁾ S. Th. III Sent. dist. 34, q. 1, a. 1, ad 2. III Sent. dist. 35, q. 2, a. 3. I-II, q. 68, a. 1 ad 3.

Estamos sujeitos à inconstância, à atividade natural, à precipitação, à impaciência, ao desejo de ostentar nossos méritos sob pretexto da glória de Deus ou da edificação do próximo.

As apreciações sobre os acontecimentos deste mundo, sobre o próximo, são estreitas, muitas vezes mesquinhas, sempre mescladas de considerações humanas.

A virtude não tem este *modus divinus*, este modo sobre-humano e divino de que fala S. Tomás.¹

Também, por mais que o homem pratique a simples virtude, permanece na infância ou na adolescência da vida espiritual.

Jesus convida-o a se aproximar dele, a conhecê-lo e amá-lo por esta experiência íntima que transformará toda a vida espiritual, que lhe fará atingir a idade madura da perfeição, que o revestirá da plenitude da vida do Cristo.

7. Jesus solicita, pois, a alma sincera a pedir a graça atual necessária para conduzi-la pelos dons do Espírito Santo, isto é, para a fazer caminhar na vida da contemplação. E esta graça a concederá certamente à alma disposta a corresponder-lhe.

Já que quer a perfeição da alma, quer dar-lhe também os meios para alcançá-la.

Já que deu os dons do Espírito Santo, quer conceder o socorro atual necessário para permitir a sua prática habitual.

Sem dúvida, esta graça da contemplação é gratuita, a sua infusão não depende de nós.

Mas a graça da perseverança final é semelhantemente gratuita, e entretanto todas podem obtê-la pela oração e são obrigadas a pedi-la.

¹) III Sent., dist. 34, q. 1, a. 1.

Se Deus concede, infalivelmente, à alma que não cessa de orar, a graça de salvar-se, por que não lhe concederia a de salvar-se como santo?

Enfim, se Deus permite ao justo merecer um aumento da graça santificante e, por conseguinte, dos dons do Espírito Santo, por que lhe recusaria o socorro atual necessário para tirar proveito deste aumento? Não é um princípio admitido em teologia que Deus move habitualmente as almas por esta graça atual, conforme o grau de seus hábitos infusos!

8. Se há poucos contemplativos, a culpa não é de Jesus. A verdadeira causa é a falta de abnegação, de renúncia própria e do mundo. Não se pode servir a dois senhores.

A maioria das almas, mesmo religiosas e sacerdotais, não vão ao extremo na via do desprendimento.

Recusam sacrificar sua vontade, sua atividade natural, a liberdade de seus movimentos, a procura de certas satisfações do amor próprio e mesmo de sensualidade. Não renunciam aos pensamentos inúteis, aos sonhos vãos, aos desejos supérfluos, às ocupações frívolas, a certas relações mundanas. Fogem do silêncio, da solidão do coração e do comércio íntimo com Deus.

9. Não podendo, por causa de sua imortificação, atingir a contemplação, desacreditam-na. Proclamam inútil a contemplação, para chegar à santidade total de seu estado, pretextam que ao temperamento ativo repugna a sujeição da oração, alegam suas boas obras, seu zelo para salvar as almas, suas fadigas, e crêem, assim, poder dispensar-se de viver com Deus no seu interior, dóceis à ação do Espírito Santo.

Contudo, um homem experimentado nas vias de Deus, o padre Luís Lallemand, disse: *

"Sem a contemplação nunca avançaremos muito na virtude, e nunca seremos capazes de fazer os outros avançarem. Nunca ficaremos inteiramente livres de nossas fraquezas e de nossas imperfeições".

E Santo Afonso, fundador de uma Congregação de homens apostólicos, diz na regra que lhes prescreveu: "A vida dos membros da Congregação deve ser um contínuo recolhimento de espírito".⁵ Como homens ativos por vocação poderiam viver num incessante recolhimento de espírito se não fossem habitualmente guiados no seu interior pelo atrativo do Espírito Santo habitando neles?

E S. Tomás disse: a pregação dos mistérios da fé, para ser viva, profundamente convincente e fecunda, deve provir da plenitude da contemplação, *ex plenitudine contemplationis*.⁶

10. A disposição preparatória para a contemplação é, pois, com a humilde oração, o desprendimento de todo o criado.

Sem dúvida, Deus não exige que este desprendimento tenha atingido toda a sua perfeição, porque antes do recebimento da graça da contemplação, esta renúncia completa não é possível.

Mas pede o desejo e o esforço constante.

Às vezes até dá a graça da contemplação no princípio da vida piedosa, concede mesmo de tempos a tempos a almas de crianças que apenas têm a idade da razão. E' senhor de seus dons e pode santificar como e quando quer. Mas exige sempre, ou cria, nas almas a disposição da infância espiritual.

*) Doutr. Esp. VII princípio, cap. 4, a. p. § 2.

*) Parte II, cap. 3; *) II-II, q. 118, a. 6.

A divina Sabedoria disse: Se alguém é pequenino venha a mim: *Si quis est parvulus veniat ad me* (Prov 9, 4).

Jesus acrescentou: "Deixai vir a mim os pequeninos e não os estorveis; o reino dos céus pertence aos que lhes são semelhantes: *Sinite parvulos et nolite eos prohibere ad me venire; talium est enim regnum caelorum* (Mt 19, 14).

E não fostes vós ainda, Jesus, o amigo das crianças, que dissestes: Eu vos dou graças, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que escondestes estas coisas aos sábios e aos prudentes e revelaste-as aos pequenos? *Confiteor tibi, Pater, Domine caeli et terrae, quia abscondisti haec a sapientibus et prudentibus et revelasti ea parvulis* (Mt 11, 25).

O' Menino Jesus, dai-me este caráter de pequenino, a total humildade, a filial confiança, e confiai-me à vossa Mãe, a fim de que ela me introduza na vossa amizade.

ARTIGO II

A CONTEMPLAÇÃO¹ SEUS SINAIS E SEUS ESCOLHOS

1. A contemplação é essencialmente um conhecimento e um amor diretamente infundido por Deus.

E' pela graça santificante que a Santíssima Trindade torna-se realmente presente em nós. Esta graça santificante é, pois, o principal fundamento da ação do Espírito Santo na alma contemplativa.

¹) Já expliquei longamente a teoria da oração ordinária e da contemplativa nos "Princípios da vida espiritual", p. III, l. III, cap. I, III e mais resumidamente na "A boa vontade", p. II, art. 1, 2, 3, 4. E' também para o conhecimento da oração contemplativa a doutrina sobre os dons do Espírito Santo: Princípios da vida espiritual, p. II, cap. I e IV.

E' o dom de sabedoria ², ajudado subsidiariamente pelos dons da inteligência ³ e de ciência ⁴, que torna a alma capaz de experimentar intimamente a presença de Deus em si.

O dom da sabedoria não é, pois, a contemplação. E' seu princípio imediato.

O gozo de Deus, a suavidade interior não é também a contemplação. Apenas dá ocasião à inteligência, graças ao dom da sabedoria, de conceber uma idéia muito alta de Deus, um conhecimento experimental muito elevado, seguido, na vontade, de um amor muito intenso e muito suave. Só este conhecimento experimental e este amor são essencialmente a contemplação.

2. O contacto da alma com Deus, com a Santíssima Trindade ou com nosso Senhor Jesus Cristo, toma mil matizes diferentes, conforme o beneplácito de Deus.

E' alternativamente um gozo suave, uma experiência íntima, uma tomada de posse recíproca de Deus e da alma, uma plenitude de alegria à vista da beleza de Deus, um repouso delicioso no seio da divina Providência, uma dor ao mesmo tempo profunda e suave de haver ofendido a Deus, um temor indizível, porém filial de ofendê-lo no futuro, uma força divina para afrontar os obstáculos e empreender todos os trabalhos para procurar sua glória.

3. No começo este suave contacto com Deus geralmente se faz com certos intervalos.

E' a prova de que Deus começa a direção da alma. O que começou, continuará a menos que a alma se torne infiel.

²) S. Th. III Sent. dist. XXXV, q. 2, a. 1, col. 3. — I, q. 44, a. 1. — II, II, q. 45, a. 3 ad 3.

³) S. Th. II, q. 8, a. 7.

⁴) S. Th. II-II, q. 180, a. 4, comp. com q. 9, a. 2.

Até aqui, a alma conduzia-se antes de tudo por sua razão. Fazia considerações, tirava delas os afetos e as conclusões. Prescrevia-se um certo número de exercícios de piedade sem os quais não conseguia conservar-se fervorosa. Apoiava seus progressos na virtude em resoluções minuciosamente especificadas.

Agora, Deus toma a direção de sua vida espiritual. Pelas iluminações súbitas, chama a atenção sobre certos lados fracos de sua vida espiritual, sobre a multiplicidade de suas faltas, sobre as profundas raízes que o amor-próprio chegou a deitar nela, não obstante sua piedade, sobre os inúmeros rodeios que faz sobre si mesma sem nunca o ter notado, sobre a caducidade de suas resoluções e a instabilidade de sua vontade.

Ao mesmo tempo, esclarece-a sobre as divinas perfeições, a bondade de Deus, sua Santidade, sobre a confiança que devemos ter nele, sobre a soberania de seu domínio, a beleza de uma vida consagrada a amá-lo e a fazer sua vontade.

4. Não só a esclarece como também opera simultaneamente nela o que ensinou. Ela sente-se muito menos ocupada consigo mesma e mais confiante em sua paternal Providência, sente suas vistas sobre a espiritualidade ampliarem-se e tornarem-se precisas, concebe de Deus uma idéia muito mais concreta, mais clara, mais pessoal, mais íntima e mais filial.

São as primeiras graças de um novo gênero. Visivelmente, Deus prepara-se para tomar posse completa e definitiva do coração.

Se a alma é confiante e acolhe seus favores, se afasta o temor e abre largamente as portas de seu coração, Deus entrará logo com todas as suas graças.

5. Mas há alguns escolhos a evitar desde o começo.

E' necessário, antes de tudo, distinguir estas luzes e estes atrativos novos dos transportes de zelo que toda alma fervorosa pode alcançar por si mesma com sua fiel cooperação à graça ordinária.

O meio de distinguir a intervenção direta de Deus da atividade normal da alma em estado de graça é, em regra geral, fácil.

A ação de Deus é imprevista. Vem frequentemente no momento em que a alma não espera. A um tempo, o espírito se vê esclarecido e o coração sente-se tocado no meio de um trabalho ou de uma recreação. A alma não teve tempo de se preparar para a visita do alto.

Como este toque divino veio sem ela, súbitamente, assim desaparece, não obstante sua vontade de retê-lo, não obstante os esforços de imaginação feitos para torná-lo mais intenso.

6. A alma não se deve afligir nem inquietar quando a visita divina se acabou. Deve, apenas, preparar-se para ela tanto quanto possível, pela humildade, confiança e total desapego, depois acolher simplesmente seu bom Mestre, se se apresentar.

Pertence-lhe, deve depender por completo de seus menores desejos. Deve humildemente se deixar cumular e amar por Ele, sem analisar a operação divina, sem atribuir a si uma parte neste favor e nos transportes de amor que ele provoca.

A intimidade de Jesus não é geralmente uma recompensa de sua virtude, é um puro efeito de sua bondade. A alma não se deve admirar também de tanta condescendência de seu Deus, porque, quanto mais estiver convencida de sua miséria, mais este ser infinitamente amante estará inclinado a se comunicar a ela.

Também não se deve mostrar covarde e vacilante em aceitar estas graças sob pretexto de que é infinitamente indigna delas. Jesus é o Senhor e quando lhe apraz amar e cumular suas pequenas criaturas, quem o ousaria impedir e esquivar-se à sua ação?

Deve, ao contrário, aceitar com solicitude e reconhecimento, não tanto por si mesma como para causar prazer a Jesus e permitir-lhe amar sua criatura tanto quanto sua infinita condescendência lho inspira.

7. Um segundo escolho é um sutil rodeio sobre si mesma.

Já que o próprio Deus assume a direção, é, antes de tudo, por sua vontade, por sua glória, para reproduzir nesta alma a imagem viva de seu Filho, para fazer dela um instrumento de santificação para os outros.

E', pois, muito importante, durante este novo período de sua vida, evitar toda sombra de rodeio egoísta sobre si mesma.

Estes rodeios são tão sutis e tão hábilmente disfarçados sob pretextos de um maior bem, que as almas frequentemente se enganam e, sob pretexto de glória de Deus, procuram sua satisfação pessoal.

A alma deve, pois, protestar a Deus que não aceita seus favores com um fito de gozo pessoal, mas unicamente para lhe causar prazer, para lhe permitir de realizar nela sua obra de amor.

Contudo, também não repele esta consolação íntima, visto que vem de Jesus. Recebe simplesmente o dom de Deus tal qual é com a felicidade que frequentemente o acompanha e a alegria íntima de estar unida a um Deus tão grande; mas, para ela, este gozo é uma coisa secundária.

Sabe que a felicidade e a consolação podem prejudicar, mesmo quando a união verdadeira, a união espiritual de vontade à vontade é muito intensa.

A única coisa à qual dá valor é ao amor de vontade, à disposição em que está de aceitar sempre todas as vontades de Deus a seu respeito e a respeito de qualquer criatura.

8. Durante seus exercícios espirituais, não tem nenhuma tenção de ocupar muito Jesus de si, de suas alegrias ou de suas penas, de suas esperanças ou de suas decepções.

Não tem nenhuma tenção de considerar com complacência, em si mesmo, como Jesus a trata familiarmente, como talvez a prefere a outras, e como a favorecerá no futuro.

Quanto mais a alma se esquece, mais pode estar certa que Jesus se ocupará dela, mas também quanto mais se examina com ansiedade, com medo de um dia ser menos favorecida, mais se expõe a ser abandonada por Deus como egoísta.

Como Deus poderia continuar a derramar sobre o campo desta alma suas mais preciosas graças se as absorve para seu exclusivo proveito?

Este egoísmo é a maior causa do pouco progresso da maior parte das almas: *Omnes enim quae sua sunt quaerunt, non quae Jesu Christi* (Filip 2, 21). Até nos dons de Deus procuramos nossos próprios interesses e não os de Jesus Cristo.

9. Enfim, há um terceiro escolho a evitar.

O atrativo de Deus não é contínuo: cessa. Há intervalos maiores ou menores entre as visitas de Jesus à alma, sobretudo no princípio do estado de que falamos.

Sem dúvida o divino Mestre resolveu apossar-se desta alma, mas o faz gradualmente: decidiu tornar-se seu guia, mas a alma não sente sempre a leve e forte mão de Jesus repousar na sua.

Então, que fará a alma? Antes de tudo, não pode desanimar. Jesus está sempre lá, sempre com ela e nela, mas reserva para si a escolha do momento em que se manifestará mais claramente. Assim, fortalece a fé, evita a presunção e o orgulho, excita a esperança, estimula o aperfeiçoamento.

O que Jesus começou, acabará, mas o coração deve confiar nele, ceder-lhe a iniciativa, a escolha das graças a conceder.

Em seguida é preciso evitar a ociosidade. Quando a presença de Deus era sensível, os atos de doação completa, de humilde amor emanavam como de uma fonte. Agora a vontade deve produzir estes mesmos atos por um esforço pessoal sem nenhuma consolação e luz, por pura convicção de fé.

10. A alma que nos atrativos procura a si mesma e não Jesus Cristo cessa agora de rezar e de se unir a Deus por atos, já que este exercício não mais lhe proporciona gozo.

A alma de fé, ao contrário, apega-se a Deus com tanto mais ardor quanto menos sente o atrativo, porque tem a convicção de que os atos feitos sem consolação estão menos sujeitos a serem contaminados pelo amor-próprio.

Todavia, se a alma deve fazer atos de vontade por um esforço pessoal, não tem a obrigação nem, aliás, os meios de fazer longas considerações, ou de multiplicar seus afetos. Então, contenta-se com um só ato interior prolongado e de tempos a tempos avivado.

Por este ato ou, antes, por esta disposição querida e voluntariamente entretida, entrega-se a Deus pedindo-lhe para a ajudar, purificar e santificar. Em seguida, espera com paciência que Deus se lhe manifeste de novo.

Oh! se todas as almas fossem confiantes e se abandonassem ao divino Mestre, como depressa as uniria a si e as tornaria santas.

ARTIGO III

AS CONSOLAÇÕES DA CONTEMPLAÇÃO

1. Se a alma foi fiel no estado precedente, Deus de ordinário intensifica nela sua ação. As visitas da graça, os toques divinos se multiplicam a ponto de o contacto com Deus se tornar quase ininterrupto.

Deus, a Santíssima Trindade, Jesus e Maria parecem viver sensivelmente com ela, se bem que de uma maneira sobrenatural e invisível.

Comunicam-lhe muitas luzes sobre as coisas da fé, sobre a beleza, a grandeza de Deus, sobre o nada da criatura e a fealdade do pecado. Ao mesmo tempo, inspiram-lhe um vivíssimo amor, uma necessidade de se imolar, de se humilhar, de tomar parte com Jesus na redenção das almas.

2. Estas visitas da graça não só são mais numerosas, são também mais prolongadas e não menos variadas.

Nenhuma alma experimenta as coisas divinas da mesma maneira que uma outra.

Em algumas são luzes sobre as três adoráveis pessoas, sobre a vida infinitamente feliz no seio da Santíssima Trindade, sobre os atributos de Deus, sobre a função do Amor incriado, o Espírito Santo, na santificação das almas.

3. Em outras, é Jesus, o homem-Deus, o irmão, o amigo que vive familiarmente com elas em familiaridade divina impossível de se descrever.

Comunica-lhes seus segredos, revela-lhes a bondade, a misericórdia de seu Coração, faz compreender suas aspirações, seus sentimentos, suas emoções, seus desejos. Parece que penetra todo o seu ser, ter um suave e misterioso contacto com sua alma, suas faculdades. Instrui-as, repreende-as, encoraja-as e levanta-as depois de suas quedas. Vive perto delas na Santa Eucaristia, como se verdadeiramente os véus já estivessem levantados.

4. Em outras ainda há mais atração pela SS. Virgem, a querida Mãe do céu. A união com Ela é constante. A alma está sempre com Ela; sente-se como carregada nos seus braços maternos, escondida na sua alma, protegida, instruída, amada.

Vai a Jesus constantemente por Maria, e sem Ela não faz um ato, não diz uma palavra, não toma uma resolução, não formula uma prece.

Recebe luzes inefáveis sobre a bondade, a perfeição, a dignidade da Mãe de Deus, sobre sua função de medianeira universal, sua missão de salvar e de santificar as almas.

5. Nesta união há ainda outra particularidade. Jesus não lhe fala simplesmente pelo Evangelho, pela santa Igreja, pelos superiores e pelas inspirações comuns da graça, fala-lhe também diretamente.

Esta linguagem não é, de ordinário, articulada. Não é frequentemente senão uma impressão viva, acompanhada de segurança e de tranquilidade. Às vezes estas impressões lhe vêm por ocasião de uma palavra ouvida, de um texto lido, de um acontecimento imprevisto, mas a maioria das vezes elas lhe vêm es-

pontâneamente e de improviso e, experimentando-as, a alma tem a forte impressão que é Jesus: *Dominus est* (Jo 21, 7).

Jesus dirige, assim, estas almas de uma maneira que lhe é pessoal. E' como uma continuação de sua vida terrena. E estas comunicações estabelecem entre Ele e a alma laços de uma força e de uma doçura que os profanos custariam a compreender ou mesmo admitir.

6. Estas palavras ou estas impressões são às vezes transitórias, porém, de outras, são destinadas, visivelmente, a ter um efeito durável. Fixam-se na alma semelhantes a um dardo e, cada vez que a lembrança se apresenta, a chaga feita pelo amor se abre.

As impressões sobrenaturais feitas assim por Jesus produzem diferentes efeitos. Têm por fim inculcar na alma seja um vivo horror ao pecado, uma vista clara de sua malícia, seja um ardente desejo de amar a Jesus e de pertencer-lhe para sempre.

Outras vezes e mais frequentemente, engendram a confiança, uma admirável confiança, inteiramente acima de todo apoio humano, uma segurança de que Jesus a quer perfeita e que atingirá plenamente o grau de amor que Deus lhe havia destinado desde toda a eternidade e isto não obstante suas faltas passadas e suas fraquezas presentes.

7. Outras vezes, ainda, estas impressões se relacionam a coisas que devem acontecer. A alma encontra-se súbitamente em um grande embaraço, em consequência de uma contrariedade imprevista ou de algum perigo ameaçador. Mas logo sente uma segurança íntima, como uma voz interior que lhe diz: "Fica tranquila, eu próprio arranjarei tudo" ou então: "Não te inquietes, somente ama-me e eu cuidarei de tudo!"

Algumas vezes mesmo, porém raramente, Jesus dá-lhe um conhecimento de certas coisas futuras suas ou de outras pessoas.

8. Aqui, porém, é necessário colocar as almas de sobreaviso contra uma frequente ilusão.

E' verdade que Jesus se apraz muitas vezes em se entreter com as almas sinceras por impressões interiores, palavras íntimas ou por outras maneiras. Mas é verdade também que um bom número de almas, depois de as haver experimentado em realidade, uma primeira vez, elas próprias as reproduzem por um trabalho inconsciente da imaginação.

Então não é mais Deus que lhes fala, é a consciência que fala a si própria a faz dizer a Jesus o que agrada à alma ou o que a eleva aos seus próprios olhos.

Os que têm o sistema nervoso desenvolvido ou enfraquecido estão expostos a cair nesta grosseira ilusão sobretudo quando são desprovidos do bom-senso ou de discricção.

Estas pessoas tão certas estão de ouvir Jesus, reconhecem-no tão bem, sentem uma certeza tão absoluta que às vezes o diretor inexperiente é tentado a acreditar-lhes.

Mas certas circunstâncias, ou sua conduta pouco humilde, ou uma certa pretensão escondida, ou a extravagância de suas afirmações, ou o desmentido que os fatos dão às suas predições, acabam habitualmente demonstrando que a origem destas comunicações não era Deus e sim sua imaginação superexcitada ou doentia.

9. Um outro perigo mais frequente e mais sutil é que o demônio procura enganar as almas favorecidas. E' uma lei universal que, quando o divino Mestre concede graças especiais a uma alma, o inferno

opõe-se à sua obra e esforça-se por tornar estêreis estas graças.

O grande ardil empregado habitualmente pela serpente é contrafazer.

O Mestre falará à alma, o demônio falará igualmente. Falará de amor de Deus, de mortificação, de austeridade e até de humildade. Estimulará durante muito tempo a piedade, o fervor, o serviço de Deus, mas, se a alma é crédula, insinuará, de tempos a tempos, um pensamento sobre a grandeza de seu mérito, sobre a elevação das comunicações que Deus lhe faz.

O demônio pode, por meio da imaginação, inundar a alma de luzes admiráveis, pode incutir nela estranhos sentimentos de humildade e deixar-lhe durante muito tempo a ilusão de que todo este trabalho interior é obra de Jesus.

Então, se a alma, enfim, adquiriu a convicção que Deus a dirige, muda aos poucos de tática, desenvolve nela germes de presunção, de desconfiança do diretor, de confiança em si própria e na missão que ela crê ter que cumprir.

Assim o espírito do erro consegue enganar um grande número de almas. Uma vez que estas pobres almas se julgam favorecidas, tornam-se pretensiosas, obstinadas nas suas idéias e persuadidas de que ninguém as compreende e o próprio Jesus quer dirigi-las, sem nenhuma influência exterior.

10. O que há de mais embaraçoso na direção destas almas é que Jesus continua também a se ocupar delas, permitindo ao mesmo tempo ao demônio de dar-lhe a sua luz.

Jesus age assim a fim de que ninguém se creia bastante seguro e bastante esclarecido para dispensar

a direção da Santa Igreja estabelecida para guiar as almas.

Quando se ocupa diretamente de uma alma e faz-lhe diversos favores, nunca, entretanto, quer subtraí-la à autoridade do diretor espiritual que representa a Igreja.

Cabe ao diretor dizer donde vêm as inspirações e as luzes recebidas, e a alma deve crer-lhe e obedecer. E se se recusa à humilde obediência, dá prova manifesta de que não é guiada pelo espírito de Deus.

11. A alma prudente, pois, pode acolher as palavras interiores, aproveitar quando excitam em si um movimento de humildade, de obediência, de paciência ou de amor de Deus.

Mas não liga a estes favores outra importância. Não são, com efeito, a perfeição. São um meio momentâneo empregado para excitá-la a maior fervor.

Sua santidade consiste em amar Nosso Senhor pelos motivos de fé e em cumprir suas obrigações: as leis de Deus ou da Igreja, suas santas regras, o estado de vida.

Quando, pois, vê seu espírito esclarecido súbitamente, às vezes mesmo a respeito dos acontecimentos futuros, deixa-os passar sem ligar importância e contenta-se em fazer atos de amor de Deus, de confiança, de humildade e de fidelidade ao seu dever.

Quando se vê cumulada de favores sobrenaturais, de luzes sublimes concernentes a Deus e à sua própria santificação, recebe-os, porém sempre sob a condição de que venham de Deus. Pede sempre à Santíssima Virgem para não permitir que ela se torne a presa das astúcias do demônio.

E, na prática, não se guia em coisas de importância de acordo com estas luzes especiais, senão quando teve o conselho de seu diretor.

12. Na vida da irmã Maria de Jesus Crucificado, religiosa conversa do Carmelo de Belém, está dito que no seu tempo vivia na Itália uma pessoa universalmente reputada por santa. Tinha visíveis os estigmas e cada dia recebia, da mão de um anjo, a Santa Comunhão.

Ora, Jesus revelou à humilde irmã conversa que a pessoa em questão tinha a princípio comunicações sobrenaturais, mas que em seguida o demônio tinha intervindo, que se deixou seduzir, por suas astúcias, pelo secreto desejo de coisas extraordinárias, e não tinha nem êxtases, nem estigmas verdadeiros, nem comunhão milagrosa.

Contudo, acrescentava, a irmã, não percebia que esta pessoa estivesse em má condição perante Deus, porque estava enganada sem o saber.

Ora, estes exemplos não são exceções. Quanto mais subimos na vida de oração, quanto mais progredimos, mais também estamos expostos às armadilhas do inferno e mais é preciso desconfiar de nós mesmos, refugiar-nos continuamente sob o manto de nossa Mãe do céu e seguir humilde e cegamente os conselhos de um diretor virtuoso, prudente e instruído.

ARTIGO IV

AS PROVAÇÕES DA CONTEMPLAÇÃO

1. Quando a alma gozou, durante um tempo mais ou menos longo, de Deus, de sua presença, de suas comunicações e testemunhos de afeição, sobrevém habitualmente um outro estado: um estado de trevas, de privações, de penas interiores. Este estado não dura sempre, mas se alterna muitas vezes durante anos com o estado de suave gozo de Deus.

E' necessário dizer aqui algumas palavras sobre esta purificação interior, tanto para tranquilizar e consolar as almas que passam por esta provação, como para prevenir certas ilusões.

2. Antes de tudo, qualquer estado de obscuridade e de secura não vem de Deus, pelo contrário.

Se a alma, ao experimentar a presença de Deus e receber as carícias de sua graça, se contentou em gozar de maneira egoísta do dom de Deus, e em saborear a doçura sem se corrigir de seus defeitos, abusou da liberalidade de Deus.

Deus não concede, cá na terra, estes favores sem intenção. Concede-os para que o coração se entregue a Ele e esteja pronto a fazer sua vontade em tudo, a carregar todas as cruzes que lhe possa enviar.

Quando Deus vê que uma alma absorve o orvalho e a chuva e depois continua a produzir silvas e espinhos, sem, aliás, inquietar-se com isto, priva-a de sua benevolência especial e entrega-a aos recursos da graça ordinária.

3. Felizmente, tal não é o caso habitual das almas das quais Deus tomou a direção. A maioria é fiel à graça e não deseja receber seus benefícios senão para poder testemunhar-lhe mais amor.

Para estas, Jesus julga necessário, habitualmente, alternar sua doce presença com as trevas.

Chega, pois, um momento em que súbitamente toda a luz desaparece. Nenhuma verdade sobrenatural faz mais impressão. Só permanece a fé, sem consolação nem apoio sensível.

Depois de alguns anos passados neste estado, a alma pergunta-se a si própria se as luzes passadas não eram um produto de sua imaginação. Sua vida an-

uma ilusão.
Então, surgem dúvidas a respeito da retidão de sua trilha, inquietações a respeito de sua perseverança e de sua eterna salvação.

4. Em alguns estas trevas e estas dúvidas tomam proporções assustadoras. Consideram-se já perdidos, para sempre incapazes de encontrar de novo este Jesus que possuíam com tanto amor e doçura.

Depois o demônio aproveita-se da confusão da alma para multiplicar suas pérfidas insinuações contra Jesus e Maria, contra a vida devota, em geral, e enfim induz ao desespero.

Assaltam-na as mais diversas tentações contra a fé, a pureza, a paciência e sobretudo contra a confiança. Nesta perturbação, não sabe distinguir se deu consentimento a estas tentações, nem se suas acusações no confissão foram suficientes, nem se teve a contrição necessária.

Muitas vezes estas almas têm que lutar contra penosos escrúpulos e, quanto mais querem adquirir a certeza de sua inocência, mais as dúvidas se multiplicam.

5. As provações das almas neste estado são tão variadas e desconcertantes como os favores do estado precedente eram admiráveis e maravilhosos.

Cada alma provada as sente à sua maneira e conforme o traço particular de seu caráter, as graças outrora recebidas e os designios da misericórdia de Jesus sobre ela.

O mais penoso nestas provações é o isolamento da alma. Participa do abandono doloroso que Jesus sofreu na cruz. Parece-lhe, com efeito, que nunca ninguém foi tão culpado e negligente. Disto conclui que

ninguém é capaz de compreender seu estado nem de tranquilizá-la completamente.

6. Assim Jesus a despoja de todo apoio criado para obter dela um ato supremo de confiança, de confiança absoluta e isenta de qualquer contágio humano.

Semelhante ato tem tanto valor que pede os mais acerbos sofrimentos, os mais absolutos abandonos imagináveis.

Uma graça invisível, porém, sustenta a alma, torna-lhe possível o exercício do total e cego abandono, estimula-a a se lançar nele e a entregar-se sem raciocinar.

7. O grau de docilidade de todas as almas não é o mesmo nestas provações.

Algumas são excessivamente apegadas ao seu próprio juízo e ao seu próprio mérito. Amam a Deus, mas não abandonam todos os apoios humanos.

Umas e outras terão necessidade de mais de uma purificação e a luz e as trevas deverão muitas vezes suceder-se nelas.

8. Mas também há almas que, da primeira vez, puderam fazer, com a graça de Deus, o completo abandono de si mesmas à ação da Providência.

Para estas o tempo da provação não virá mais: passou. O ouro está puro. As impurezas desapareceram. Estas almas gozam do dom de Deus unicamente por Deus, sem nenhum apego, sem sombra de rodeio sobre si mesmas.

E' verdade que, mesmo nestas almas, a presença de Deus não é sempre igualmente percebida. Uma continuidade demasiadamente prolongada deste favor esgotaria as forças antes do tempo.

Deus alterna as consolações e as securas, porém em medida muito menor.

Aliás, habituadas a se conduzirem sempre pela fé e pela vontade, percebem apenas a diferença e, em todo caso, nunca se preocupam com isto.

9. Direis talvez, lendo estes pormenores sobre as provações interiores, que as almas perdem com isto, por um tempo, a preciosa graça da oração contemplativa, à qual os santos ligam tanta importância.

Não! elas não a perdem. Esta graça de oração consiste num conhecimento e num amor infundidos diretamente por Deus, e não no gozo íntimo. Ora, durante essas provações, este conhecimento e este amor permanecem na alma num grau muito intenso.

E' precisamente o conhecimento excepcional de Deus, de sua majestade soberana, de sua santidade, e, por contraste, do próprio nada que lhe causa estranhos tormentos.

E' o amor veemente a Deus e que crêem nunca poder contentar, que faz cair estas almas numa espécie de langor, e que excita nelas movimentos de tristeza e de desespero nos quais não consentem.

10. A graça da oração persiste nos dois casos, na luz e nas trevas, num grau muito sublime; por ela, a alma permanece fiel a Deus e paciente nas penas.

Que se abandone, pois, à sua ação paterna sem examinar os desígnios de Deus, sem verificar suas operações.

Que se entregue inteiramente a Ele para o tempo e para a eternidade.

Que se esconda durante este tempo de borrasca no Coração da divina Mãe e suplique-lhe sem cessar de guardar seu Filho.

CAPITULO IX OS DONS DA AÇÃO

ARTIGO I

O DOM DO CONSELHO¹

1. Almas humildes e confiantes! avancemos mais um passo para a perfeição. Jesus conduzir-nos-á até ao cimo se nós nos entregarmos a ele, se tivermos confiança na sua bondade.

Os três primeiros dons do Espírito Santo: sabedoria, inteligência e ciência, ajudaram a alma, enriquecida da graça santificante, a tomar deliciosamente contacto com o Deus presente, com este Deus que é seu último fim sobrenatural.

Os quatro outros dons: conselho, piedade, força e temor ajudá-la-ão, por sua vez, a empregar os meios práticos para atingir este fim.

2. Os três primeiros dons inflamam a alma de uma ardente caridade por Deus. Os outros dons fazem penetrar esta caridade na vida, fazem-na circular nas menores ações.

¹) João a S. Th. Cursus Theol., t. VI, art. 5 (p. 655).

Todos reunidos constituem a vida contemplativa perfeita, que tem dois aspectos diferentes destinados a auxiliarem-se e completarem-se: a oração e a ação.

Entre as almas contemplativas, umas dedicam-se mais à oração, seja por atrativo interior, seja por vocação. Outras são mais ativas, ocupam-se das obras de zelo, da pregação, da instrução, do cuidado dos doentes.

Todas, porém, gozaram da presença de Deus, e este conhecimento íntimo e este amor ardente, que foram a consequência, acompanham-nas por toda parte e as sustentam nas vicissitudes da oração e nas dificuldades da ação.

3. Os três primeiros dons difundiram na alma uma viva luz sobre Deus, sobre as coisas da vida sobrenatural, sobre a inaniidade de qualquer criatura.

O dom de conselho adaptará esta luz geral aos casos particulares, aos pormenores práticos da vida. Será um guia para a alma contemplativa, um companheiro de viagem que lhe mostrará, a cada instante, o caminho a seguir, os laços a evitar, os obstáculos a transpor.

O dom do conselho aperfeiçoa a virtude infusa da prudência. A virtude da prudência deve ajudar a razão do homem a indicar o justo meio termo à virtude de justiça, que regula a vida exterior do homem e às virtudes de força e de temperança que regulam sua vida íntima.

Ora, pelo dom de conselho, o próprio Espírito Santo se encarrega de dirigir e de regular as ações da vida exterior e interior que o homem deve consolidar por meio dos dons de piedade, força e temor.

O Espírito de Verdade, diz-nos Jesus Cristo, ensinar-vos-á toda a verdade: *Spiritus veritatis docebit*

vos omnem veritatem. Sua unção instruir-vos-á em tudo (Jo 16, 13): *Unctio ejus docet vos de omnibus*¹⁾.

4. Feliz a alma guiada pelo dom do conselho, pela luz do Espírito Santo, e não pela luz vacilante da razão humana.

Para ela, a habilidade, a prudência deste século, tão exaltadas pelos partidários do mundo, são apenas trevas e loucuras.

Sòmente as máximas do Evangelho lhe servem de guia e uma iluminação interior a ajuda a compreender-lhes o sentido, a adaptá-las às necessidades do momento presente.

5. A alma, assim hábilmente conduzida pelo Espírito Santo, não age exclusivamente sob a influência de um atrativo interior. Este divino guia torna-a pronta a cercar-se de conselhos necessários. Inspira-lhe sobretudo de submeter sua conduta e suas luzes ao exame de seu diretor.

Bem sabe que o Espírito Santo, que fundou a Santa Igreja para conservar intacta a verdade revelada, para prevenir ou destruir os erros, para esclarecer os espíritos, nunca dispensou nenhum cristão de submeter-lhe suas luzes.

Também, fortalecida pelo conselho do sacerdote que substitui junto a ela a autoridade suprema da Igreja, experimenta uma tranquilidade íntima, uma grande segurança a respeito da retidão de sua trilha.

6. Não só o dom do conselho ajuda a alma a discernir a conduta a tomar nos pormenores da vida, prescreve, além disso, a execução das resoluções tomadas sob a inspiração do Espírito Santo. Aplica de fato os dons de piedade, de força e temor na sua execução.

¹⁾ 1 Jo 2, 27; cf. João a S. Th., ib. VI. XVIII.

...a própria execução exclui a precipitação e a lentidão exageradas, põe termo às tentações e às dúvidas e faz empreender às vezes obras julgadas irrealizáveis pela prudência humana.

Simultaneamente, sabe maravilhosamente levar em consideração, na execução, as circunstâncias de tempo, de lugar e de pessoas, para não comprometer o sucesso de sua empresa.

7. Também a alma guiada pelo dom do conselho não começa, não prossegue nem termina coisa alguma sem apoiar-se no seu divino guia, por uma oração contínua. Consulta-o nas suas menores dúvidas, suplica-lhe humildemente que a assista com seus conselhos, pede-lhe perdão dos obstáculos que ela própria cria à sua ação por uma atividade demasiadamente natural, ou por intenções muito humanas.

Não se admira que alguns de seus empreendimentos se frustrem no ponto de vista humano. Sabe que as vias de Deus estão infinitamente acima de todas as sendas da razão humana, que a Providência dispõe de meios misteriosos, porém seguros, para chegar aos seus fins.

Está, pois, sempre contente, atenta à voz do Mestre, não tendo outra ambição senão a de executar ordens e de procurar, mesmo com sacrifício próprio, a glória de Deus.

8. Esta docilidade de criança torna-se, com o tempo, um abandono completo, universal e filial à ação do Espírito Santo.

Enquanto que a maior parte das almas piedosas se inquietam a respeito de sua vida espiritual, e de seu progresso na virtude, não saberia conceber o temor, certa de ser guiada pelo Espírito Santo e infinitamente amada por Ele.

Enquanto que outros procuram meios diversos de perfeição, multiplicam seus exercícios espirituais, inventam novos métodos e vivem agitadas em múltiplas obras exteriores, a alma conquistada pelo Espírito Santo está em paz, ocupada em amar Jesus e Maria, em executar seus desejos, pronta a tudo empreender à custa de seu repouso e de sua própria vida, ao menor sinal da vontade de Deus.

Quanto menos, porém, dispersa sua atividade, mais se concentra em si e intensifica sua ação, unindo-se, sem cessar, à Santíssima Virgem, a mais ativa e a mais simples de todas as criaturas, amando com Ela Jesus, oferecendo-o com Ela ao Pai eterno.

9. Quanto à sua vida de relações com o mundo, a alma a isto se presta, mas como o inspira seu celeste guia.

Ora, este divino Espírito se compraz muitas vezes em comunicar por ela seus conselhos às outras almas. Inspira-lhe oportunamente, muitas vezes sem que ela o saiba, uma palavra, um passo destinado a ajudar, a consolar, a salvar.

Torna-se assim, às vezes, um oráculo seguro, ouvido com respeito nos graves negócios da Igreja ou da sociedade.

Assim, o humilde filho de camponês, S. Vicente de Paulo, foi em Paris o conselheiro dos grandes e dos poderosos deste mundo.

Assim, o antigo padeirinho, S. Clemente Hofbauer, foi, não obstante estudos teológicos irregulares, o guarda mais firme e quase único, na capital da Áustria, da pureza da fé católica.

10. E se a alma dócil ao Espírito Santo está disposta, torna-se o guia apreciado de tantas almas sinceras, porém inexperientes, pusilânimes e desconfiadas.

as múltiplas necessidades das almas, descobre as ciladas que lhes arma o demônio, discerne os movimentos naturais da ação calma do Espírito Santo e adapta-se às necessidades de cada uma.

Seu conselho é particularmente precioso para as almas conduzidas pelas vias extraordinárias.

Como ele próprio está em contacto íntimo e familiar com este divino Espírito, discerne, sem dificuldade, o espírito que as anima, adivinha suas necessidades, descobre nas suas palavras e na sua conduta a sinceridade ou a duplicidade de seu coração e, se for preciso, lhes faz compreender as ciladas do espírito mau.

O diretor seria temerário se se compromettesse a guiar estas espécies de almas, quando ele próprio não fosse esclarecido pelo dom de conselho.

Mas quem se pode gabar de ser sábio e experimentado nos caminhos de Deus!

Nossa pobre razão não é senão trevas e, se não desejamos enganar-nos, devemos, como criancinhas humildes e confiantes, conservar-nos perto da divina Mãe do Bom Conselho, a esposa do Espírito Santo.

ARTIGO II

O DOM DA PIEDADE¹

1. Para compreender o dom da piedade, comparemo-lo com a vontade infusa da justiça, à qual ele corresponde.

O dom da piedade e a virtude da justiça têm um traço comum: regulam nossa vida de relações com Deus e com o próximo.

¹) João a S. Th., *Cursus Theol.*, t. VI, art. 6.

A virtude de justiça toma por motivo do culto que prescreve de prestar a Deus, a excelência própria de Deus, Mestre soberano e *nosso benfeitor*.

O motivo do dom da piedade é, ao contrário, a excelência de Deus infinita em si mesma, e compartilhada por todos os seus filhos.

O dom da piedade eleva-se, pois, mais alto do que a virtude. Encarrega-se de prestar a Deus honra e glória, não porque estas homenagens lhe sejam devidas na qualidade de benfeitor, mas porque Deus é em si próprio infinitamente digno delas. Rendemo-vos graças, ó Senhor Deus todo-poderoso, que sois, que fostes e que sereis, porque revelastes vossa graça e reinastes: *Gratias agimus tibi, Domine Deus omnipotens, qui es, et qui eras, et qui venturus es, quia accepisti virtutem tuam magnam et regnasti* (Apoc 11, 17).

2. Pela virtude da justiça nós nos consideramos como devedores de Deus; pelo dom da piedade nós nos consideramos filhos de Deus, tendo parte na sua excelência infinita.

Como filhos de Deus, apresentamos-lhe as nossas homenagens, por causa da infinita dignidade de nosso Pai celeste.

Depois, tendo apresentado as nossas homenagens ao nosso Pai, apresentamo-las igualmente a todos aqueles que são ou podem tornar-se seus filhos, a todos aqueles que participam de qualquer maneira de sua excelência.

3. Quereis saber até que ponto habitualmente vos deixais dirigir pelo dom de piedade, examinai os pontos seguintes.

Habitualmente considerais Deus antes de tudo sob uma forma geral e abstrata, como Senhor, soberano

Mestre do Universo, causa primária, a quem é necessário pagar os benefícios?

Ou, antes, vos sentis inclinado a dirigir-vos a Ele como vosso Pai bem amado? Experimentais uma emoção filial repetindo a oração dominical: Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino?

Agrada-vos fazer ao vosso Pai celeste vossas confidências filiais, e lhe dizeis: Querido Pai, com Jesus, vosso Filho e meu irmão, eu vos amo, com Ele posso e quero amar-vos infinitamente?

Sentis plena alegria e orgulho filial contemplando este Pai na sua majestade infinita e na sua imutável eternidade, fonte de todo bem, Princípio eterno do Verbo e com Ele do Espírito Santo, e dizeis: Este grande Deus é meu Pai, é Ele quem criou a Virgem SS., a Imaculada, a toda perfeita, a que é a Mãe de Jesus e minha Mãe?

4. Como vos dirigis a Jesus? E' Ele para vós, antes de tudo, o Senhor severo que distribui seus talentos e exige em seguida com rigor os rendimentos? E' Ele o vigia minucioso que examina os convidados e expulsa da sala do festim aqueles que encontra sem a veste nupcial? E' Ele o juiz inexorável que, no último dia, pronunciará a sentença irrevogável segundo as obras de cada um?

Ou Ele é, sobretudo, um irmão ternamente amado que, para se aproximar de vós e ganhar vossa confiança, tornou-se semelhante a vós, libertou-vos das sarças do pecado e pagou vossas dívidas morrendo na cruz?

E' Ele o Bom Pastor que vos carregou nos ombros quando vos encontrou no deserto do pecado?

E' Ele o confidente de todas as vossas penas, o amigo que vos consola e que procurais consolar por vossa vez, o médico caridoso que trata vossas feridas, o hóspede querido que vem morar no vosso coração, cada dia, o Redentor que se imola por vós continuamente, sobre o altar?

Experimentais em sua presença mal-estar, temor, uma certa desconfiança, ou antes, vos sentis inteiramente unido a Ele, desejoso de comprazer-lhe em tudo, pronto a morrer com Ele sobre a cruz para lhe causar prazer e salvar almas?

5. E a Santíssima Virgem? Sois inteiramente seu filho? E' feliz e comovido que vedes sua imagem, ou vis contar seus milagres e exaltar sua bondade materna?

Compreendestes a doutrina da infância espiritual? Sois para vossa Mãe do céu o pequenino filho que Ela embala nos seus braços, esconde sob seu manto, aperta sobre seu coração e nutre a vida espiritual por graças contínuas?

Cedestes a Ela todo o vosso bem espiritual, vossa alma e vosso corpo, todas as vossas faculdades com todos os seus atos, vossas orações, vossos sofrimentos e vossos méritos para que Ela disponha de tudo à sua vontade, como coisa e propriedade sua?

Invocais-a sem cessar? Segurais sua mão materna, sem a largar nunca, por vossas contínuas Ave-Marias ou aspirações piedosas?

Ou, talvez, na vossa sabedoria, achais o que dizer desta devoção infantil! Temeis exceder-vos em testemunhos de afeição e de ternura para com aquela que concebeu, carregou, nutriu, enfaixou o divino Infante? Olhais, com piedade, as entusiastas demonstrações de amor do povo cristão para com a Mãe de Deus?

Condenais ou desaprovais este gênero de devoção como sensibilidade indigna de uma alma varonil?

Oh! ficai certo, neste caso, não obstante a solidéz de vossas convicções religiosas e a extensão de vossos conhecimentos, não fostes ainda admitido na divina Família. O dom da piedade ficou estéril em vós.

6. Amais os santos do paraíso? Vós os invocais como vossos irmãos já reunidos na casa do Pai? Sentis por alguns dentre eles maior intimidade? Aspirais reunir-vos a eles em breve, confiais a eles vossas mensagens para o Pai e a Mãe da família comum?

Quereis bem às almas do purgatório já certas de sua salvação e esperando, com paciência e dolorosa ansiedade, o momento em que se abrirão as portas da casa do Pai? Oraís por elas? e as recomendais continuamente à divina Mãe? applicais-lhes, por ela, vossas orações todas, as vossas indulgências?

Viveis na intimidade de vosso anjo da guarda? E' ele para vós um irmão querido? Rivalizais com ele em amor pela Santíssima Trindade, por Jesus e Maria? Comunicais-lhe vossos pedidos a transmitir ao céu? A ele que não se afasta da face de Deus, encarregais de adorar e amar por vós o Pai celeste?

7. Quais são vossos sentimentos relativamente à Igreja Católica? Sentis orgulho de ser seu filho? Seus triunfos, suas alegrias, suas derrotas, suas provações, suas penas têm repercussão em vosso coração? Ficais triste vendo tantos irmãos afastados desta casa paterna? Esforçais-vos, de vossa parte, em contribuir para reconduzir os pobres transviados, os hereges, os cismáticos, os judeus, os pagãos? Oraís pelos pecadores, os agonizantes, as almas mais abandonadas? Recomendais com ardor a Jesus os interesses da Igreja?

Sentis, relativamente ao Santo Padre, sentimentos de filial afeição e de profunda veneração? Suas provações, suas aflições e suas consolações encontram em vosso coração um eco filial?

8. Se pertenceis a uma família religiosa, tendes, por vossa Ordem, os sentimentos de afeição de um filho por sua família? Interessais-vos com amor por todas as obras empreendidas pelo instituto? Procurais vosso apoio, vossa consolação ou vossa distração no seio de vossa família religiosa, ou antes no mundo, em casa dos estranhos?

Sentis, por vossa santa regra, suas menores observâncias, o amor cioso e vigilante de um bom filho pela honra e os interesses de sua família?

Amais e respeitais no vosso coração, nas vossas palavras e na vossa conduta vosso superior? Considerais-o como vosso pai e não como vigia importuno, um senhor ou um juiz?

Sentis-vos em família com vossos confrades? Sois solícito em defender sua honra, sua reputação? Sabeis impor-vos os sacrifícios necessários para lhes poupar uma fadiga ou aliviar um trabalho?

9. Assim, o dom da piedade dá a toda a vida espiritual, a toda a vida de relações com o céu, a terra e o purgatório, um novo matiz que a simples virtude da justiça ignora: um matiz de intimidade, de cordialidade.

Quanto mais todos estes sentimentos de piedade filial, para com Deus nosso Pai, e para com aqueles que são como uma extensão de sua paternidade, são ardentes e continuos, mais também podemos ter a segurança de que o dom da piedade não fica, na terra de nossa alma, como um germe morto.

As almas, habitualmente conduzidas pelo Espírito de Amor, passam já um pouco de sua vida terrestre no seio de sua família do céu. Também, como aspiram a esta vida do além, esta visão face a face com as três Pessoas divinas, a companhia dos anjos e dos santos, e o inefável encontro com sua querida Mãe do céu!

ARTIGO III

O DOM DA FORÇA¹

1. *Dominus refugium nostrum et virtus* (Sl 45, 2). O Senhor é nosso refúgio e nossa força.

Pelo dom de conselho, a alma está unida de algum modo à Inteligência de Deus, consulta-o a cada passo, e nada faz sem seu conselho.

Pelo dom da piedade, está unida ao seu coração de Pai, participa da bondade, do amor que espalha sobre toda criatura.

Pelo dom da força, está associada ao poder de Deus. Em nenhuma parte vê-se melhor como o homem, entregue unicamente à virtude de força, não é ainda senão fraqueza.

Antes da descida do Espírito Santo, os apóstolos, ainda que instruídos e educados durante três anos pelo próprio Jesus, fugiram terrificados à aproximação de seus inimigos.

Depois de Pentecostes, ao contrário, deixaram-se flagelar, lançar na prisão e matar.

2. E' próprio do dom da força tornar a alma capaz de empreender e realizar com êxito as mais difíceis ações.

E' assim que simples mulheres, sem instrução, sem prestígio e sem meios humanos, têm, à voz de

¹) João a S. Th. Cursus Theol., t. VI, art. 6.

Jesus, executado obras consideráveis, fundando novas Ordens, operando reformas importantes, assistindo com seus conselhos os próprios soberanos pontífices e afrontando todas as oposições com uma coragem sobre-humana.

Ainda em nossos dias, surgem por toda parte boas obras concebidas e sustentadas quase sempre por almas desprovidas de talentos, de renome e de fortuna, porém ricas dos dons do Espírito Santo.

Nenhuma delas, contudo, se põe em ação sem primeiramente haver recebido do alto uma indicação pelo dom do conselho e sem a aprovação dos superiores legítimos.

3. O dom da força dá ainda a necessária energia para afrontar todos os perigos, mesmo as doenças contagiosas e a morte, a fim de salvar almas.

E' este espetáculo de coragem heróica que dão, todos os dias e em todos os países, os missionários católicos, os religiosos e as religiosas que deixam pátria e família, sacrificam mocidade, saúde e futuro, e vão despender sua existência em converter os pagãos, em tratar os leprosos, os cancerosos e os mais repugnantes doentes.

Jesus confirma assim, por exemplo tocante, sua presença na sua Igreja por sua força divina, até ao fim dos tempos.

4. E' ainda este dom que comunica a paciência de sofrer toda espécie de vexames e de perseguições.

O Espírito Santo dotou de uma força surpreendente os cristãos perseguidos e martirizados durante os três primeiros séculos da era cristã e, mais tarde, em todas as épocas da história da Igreja e, em nossos dias, no católico México, onde velhos, mulheres e crianças deram ao mundo o espetáculo de uma paciência

heróica nas torturas e na morte. Verdadeiramente o braço de Deus não está mais curto!

5. E' o dom da força que faz as almas, que têm a nostalgia do céu, suportarem o tédio e o desgosto da vida presente sobre esta terra de iniquidades, onde o mal parece sempre triunfante, onde um punhado de ímpios conseguem conservar sob o jugo da opressão milhões de consciências, onde a virtude é ridicularizada e desprezada, onde o Salvador Jesus, o Rei dos reis, é vilipendiado por indignas criaturas.

E' ele que dá a coragem de carregar pacientemente as inumeráveis cruces de nossa peregrinação terrestre.

Ao lado de fracos cristãos que não compreendem nada da ação de Deus, que levam seu jugo murmurando ou revoltando-se, quantas boas almas, aceitando, com heroísmo e em segredo, as dores, as doenças, as contradições, as calúnias e os infortúnios, repetem como Job: Deus deu, Deus tomou, que seu santo nome seja bendito: *Dominus dedit, Dominus abstulit... sit nomen Domini benedictum* (Job 1, 21).

6. E donde pode vir ao homem, durante sua peregrinação terrestre, a coragem necessária para sustentar a luta contra as incessantes solicitações de sua natureza corrompida, as seduções do século e as perseguições do inferno, senão daquele que respondia a S. Paulo implorando a terminação desta luta: *Sufficit tibi gratia mea, nam virtus in infirmitate perficitur* (2 Cor 12, 9): basta-te minha graça, porque minha força manifesta-se em tua fraqueza.

7. E donde vem esta constância em levar uma vida de renúncia conforme as máximas do Evangelho, num meio saturado de princípios mundanos que contradizem insolentemente, até nos claustros, os ensina-

mentos de Jesus Cristo? Para enfrentar esta oposição, muitas vezes aberta, contra a alma piedosa no meio do mundo, querendo dar-se a Deus e desprezar as sugestões do respeito humano, para seguir uma estrada larga, é necessário uma força e uma constância que só o divino Espírito pode comunicar à alma.

8. E', sobretudo, em face da morte e das circunstâncias que a podem acompanhar, que Deus reveste as almas, que lhe pertencem, de sua força divina.

Nesse momento desaparece todo apoio humano interior e exterior. A alma encontra-se completamente só em face da eternidade, do julgamento que a deve preceder, e do último momento da vida, o mais decisivo de todos.

Mas Deus é fiel. Se foi a força da alma humilde e confiante em todo o decurso da vida, é sobretudo no fim que faz sentir o poder de seu braço.

Sustenta-a nas enfermidades e nas dores, defende-a contra as insídias e as tentações de Satanás, comunica-lhe uma confiança inabalável na sua bondade, ensina-lhe a esquecer-se de si própria e de suas dores e seus temores para se unir a Jesus sobre o Calvário, para oferecer, por intermédio da divina Mãe, sua pobre vida humana ao Pai eterno em união com o sacrifício de Jesus na cruz.

9. Mas para viver assim, guiada durante toda a existência e em todas as circunstâncias da vida e no momento da morte, pela força de Deus, é necessário que a alma seja bem pequena e bastante humilde, consciente de sua infinita indigência.

O Espírito Santo não guia aqueles que se crêem grandes e fortes, a esses os deixa caminharem sós.

Estão expostos a se extraviar, a cair e perder a coragem para se levantar.

O' Virgem Maria, ajudai-nos a compreender vosso cântico inspirado.

Respexit humilitatem ancillae suae (Lc 1, 48). Ele olhou a humildade de sua serva.

Fecit mihi magna qui potens est (Lc 1, 49). Fez em mim grandes coisas o que é poderoso.

Dispersit superbos mente cordis sui. Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles (Lc 1, 51-52). Dispersou os soberbos de espírito. Depôs de seu trono os poderosos e exaltou os humildes.

O' humilde Virgem, ó Maria bendita, tornai-nos semelhantes a vós.

ARTIGO IV

O DOM DO TEMOR DE DEUS¹

1. Quando fugimos de uma pena que não podemos evitar sem nos tornarmos culpados de um pecado, obedecemos ao *temor* humano, *carnal*. Assim agem aqueles que negam Jesus Cristo para evitar a morte.

Quando evitamos um pecado, por causa do castigo, agimos sob o impulso de um *temor servil*. Este temor é bom se bem que pouco nobre.

Quando nos abtemos de algum pecado, principalmente porque é uma ofensa a Deus, e secundariamente porque receamos a punição que o pecado terá por consequência, estamos animados de um *temor filial imperfeito*.

Enfim, quando fugimos do pecado, unicamente porque desgosta a Deus nosso Pai, possuímos o *temor filial perfeito*.

¹) João a S. Th., Cursus Theol., t. VI, a. 5.

Este último temor é obra da Caridade perfeita². E' comunicado à alma pelo sétimo dom do Espírito Santo.

2. O ato próprio que faz fixar na alma o dom do temor é o *respeito* para com Deus, majestade infinita, capaz de rejeitar de si, para sempre, a alma pecadora.

Este respeito manifesta-se de mil maneiras na vida cotidiana da alma animada do dom do temor.

Respeito da santa presença de Deus pela modéstia do porte, a discrição, a moderação nos seus atos em todos os seus movimentos.

Respeito para com Jesus Cristo no SS. Sacramento, respeito nas funções sagradas pela gravidade, a pontualidade na observância das cerimônias.

Respeito para com o Sacerdote, ministro de Jesus Cristo e participante da sua dignidade e de seu poder.

Respeito para com as almas criadas à imagem de Deus, pelo cuidado em não lhes dar sombra de mau exemplo e em prestar-lhes serviço, como ao próprio Jesus Cristo.

Respeito, sobretudo, pelas almas em estado de graça, templos do Espírito Santo; respeito particular às almas consagradas a Deus pelos santos votos.

Respeito para com os pobres, os infelizes, os doentes, tudo o que é pequeno e fraco por amor de Jesus Cristo pobre, humilhado e amigo das crianças.

Respeito, enfim, para com todas as criaturas de Deus. Todas são um vestígio de sua perfeição, todas são a obra de suas mãos. Todas nos falam dele e convidam-nos a adorá-lo e amá-lo.

3. O ato subsequente do dom de temor — enquanto vivemos aqui na terra em perigo de perder

²) S. Th. 3 sent. dist. 34, q. 19, a. 8; 3 sent. dist. 34, q. 2, a. 2; II-II, q. 19, a. 9.

Deus — é a *fugida* deste mal soberano que é a separação de Deus.

A alma antes de tudo teme e foge do pecado, porque se vê em perigo permanente de cair nele por causa de sua fraqueza.

Esclarecida pela luz do Espírito Santo, tem a experiência íntima de sua inconstância e da perversidade de sua natureza. Vê-se, pois, sempre à beira do precipício, pronta a cair nele, se Deus não a sustenta.

Seu temor, porém, é filial. Sabe que Deus é um Pai querido, que a quer como seu filho e a sustentará e impedirá de cair, se lhe pedir esta graça.

4. A alma teme o pecado também por causa da multiplicidade dos perigos exteriores e das seduções do mundo.

Ninguém, como esta alma, tem a intuição dos múltiplos perigos esperando as almas inexperientes. Certas circunstâncias aparentemente inofensivas aparecem-lhe desde o começo perigosas. Adivinha, por instinto secreto, pela moção do Espírito Santo, o veneno escondido, a serpente dissimulada, as intenções más e as ciladas preparadas para surpreender-lhe a virtude.

Como a alma é atenta e hábil em prevenir o perigo, como sofre ao ver a imprudência, a leviandade de certas almas sem defesa!

5. A alma teme o pecado ainda por causa da malícia do demônio. Pelo hábito do comércio com o mundo sobrenatural, a alma dotada do dom do temor conhece o formidável poder, deixado por Deus ao demônio, para tentar os homens.

Adivinha, de algum modo, em redor dela e em redor das almas, a presença do espírito do mal. Compreende a palavra de S. Pedro: Como um leão rugindo, ele circula, procurando uma presa para devorar:

Tanquam leo rugiens, circuit quaerens quem devoret (1 Ped 5, 8).

Também quantas aspirações humildes e incessantes sobem de seu coração a Jesus e Maria, para que Eles a protejam, preservem da influência do inferno, diminuam o poder de Satanás de causar dano às almas resgatadas, prendam a besta infernal, esclareçam as almas, ainda inocentes, das crianças e dos jovens.

6. Os pecados que a alma enriquecida do dom de temor receia antes de todos os outros, são os que separam mais frequentemente as almas de Deus: o desejo imoderado dos prazeres dos sentidos e os movimentos de orgulho.

Os prazeres dos sentidos são o que há de mais distanciado da soberana majestade de Deus três vezes santo, espírito infinitamente elevado acima da matéria.

A alma iniciada no dom do temor sente por este pecado um medo instintivo. Toma precauções minuciosas e exageradas para as almas menos esclarecidas, cerca-se de mortificação a exemplo de S. Paulo e reduz seu corpo à servidão: *Castigo corpus meum et in servitutum redigo, ne forte, cum aliis praedicaverim, ipse reprobus efficiar* (1 Cor 9, 27).

Mas, ao mesmo tempo, o dom do temor ajuda-a maravilhosamente a triunfar deste pecado. Faz-lhe conceber uma idéia convincente da majestade soberana e terrível de Deus. Pelo contraste, desilude-a e desgosta-a de todo criado, de tudo o que pode parecer belo, atraente e digno de procura, seja nas próprias criaturas, seja nos gozos baixos.

7. A alma animada do dom do temor receia, do mesmo modo, particularmente os movimentos de orgulho ou de complacência em si mesma.

Como está habituada a viver familiarmente e com um respeito soberano em presença de Deus infinitamente grande e único digno de adoração e de louvor, vê-se constantemente semelhante a um verme da terra arastando-se na poeira, a um átomo perdido no universo, a uma gota d'água cheia de todas as iniquidades da terra.

O menor movimento de orgulho afigura-se-lhe uma abominação, uma horrível injúria ao seu Deus, e ela o afasta com horror.

Os louvores pareceram-lhe outras tantas monstruosas e pérfidas mentiras, injustiças flagrantes em face de Deus, único ser, único Autor de tudo, o único que é digno de honra e de glória: *Soli Deo honor et glória* (1 Tim 1, 17).

As injúrias ou as censuras deixam-na, ao contrário, numa paz profunda, porque a encontram no seu centro que é o nada.

8. Aproveita de cada uma de suas faltas para penetrar mais no conhecimento próprio. Suas infidelidades, aliás passageiras, não a perturbam, porque conhece sua miséria. Pede simplesmente perdão delas ao seu Pai do céu, aplica-se a amá-lo com mais confiança e humildade.

Quando não descobre em si manchas, não cessa, entretanto, de viver num completo aniquilamento diante da soberana majestade de Deus, único grande e único santo. Sabe que toda a sua natureza corrompida tende, com todo o seu peso, para o nada e para a ofensa de seu Deus.

9. Seu movimento habitual é a compunção do coração, disposição permanente a pedir perdão a Deus, com humilde confiança, por seus pecados e os do mundo inteiro, e o socorro necessário para não ofendê-lo.

Esta compunção é como um bálsamo refrigerante sobre as feridas do pecado, que restitui à sua consciência e pureza e a inocência do batismo, comunica-lhe a força para fugir com o maior horror do pecado e a introduz, sempre mais, na intimidade de seu Deus.

10. Sua grande ocupação é a união com Jesus aniquilado diante de seu divino Pai, para reconhecer seu soberano domínio e dar-lhe satisfação pelas ofensas dos homens.

Oferece-o durante todas as missas, às quais pode assistir, e une-se pela intenção a todas as que se celebram no mundo inteiro.

Une-se a Jesus no santo tabernáculo, escondido sob as aparências do pão, para reconhecer por esta humilhação a majestade do Pai.

Une-se-lhe no céu, onde, diante do trono do Pai eterno, fica como sacrificada e imolada à sua glória: *Occisus ab origine mundi* (Apoc 13, 8) e associa seu próprio sacrifício ao de Jesus em união com a divina Mãe.

1. A alma dotada do dom do temor nunca separa, com efeito, o amor de Jesus do amor da Santíssima Virgem.

Reconhece-se tão profundamente indigna de se apresentar diante da infinita majestade de Deus, que se abriga sempre sob o manto da Imaculada, a toda bela aos olhos de Deus, daquela que é inteiramente humilde.

E' pela divina Mãe que a alma faz passar suas homenagens, suas adorações, suas ações de graça, sua compunção habitual e suas súplicas, a fim de que ela própria as ofereça a Jesus e por Ele ao Pai celeste.

CAPITULO X

OS FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO¹

ARTIGO I

A PAZ

1. A alma conduzida pelo Espírito divino, na vida de ação, colhe abundantemente os frutos de sua intimidade com Deus.

S. Paulo enumera estes frutos do Espírito Santo: *Fructus autem Spiritus est charitas, gaudium, pax, patientia, benignitas, bonitas, longanimitas, mansuetudo, fides, modestia, continentia, castitas* (Gál 5, 22-23). Os frutos do Espírito Santo são: a caridade, a alegria, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a longanimidade, a mansidão, a fé, a modéstia, a continência, a castidade.

Revelemos alguns destes preciosos frutos para a consolação das almas confiantes. Seu doce perfume e seu sabor esquisito levarão outras almas a seguir resolutamente Jesus até ao cume da vida perfeita, a sacrificarem-lhe tudo o que é terrestre e a abandonarem-se ao seu amor.

¹) S. Th. I-II, q. 70, a. 3, c.

2. A paz, a paz sólida, indefectível é o fruto da perfeita harmonia, primeiramente entre a alma e Deus, em seguida entre suas próprias potências, enfim, entre ela e o próximo.

Santo Agostinho disse: *Pax est tranquillitas ordinis*. A paz é a tranquilidade da ordem. Se o homem observa a ordem estabelecida por Deus, está no seu verdadeiro lugar, no que Deus lhe destinou; está, pois, em paz.

Para chegar a esta harmonia ou para não a perturbar, a alma deve esforçar-se por estar sempre satisfeita com a ordem de Deus, para responder sempre com um amoroso *fiat* a todos os seus disígnios conhecidos ou desconhecidos, presentes ou futuros.

3. Nesta série de fatos queridos ou permitidos por Deus, alguns agradam à natureza, outros, ao contrário, repugnam-lhe. A alma abandonada a Deus aceita simplesmente uns e outros.

Não afasta as alegrias legítimas exteriores ou interiores quando se apresentam espontaneamente, não recusa as consolações, os sucessos, sob pretexto de que não é digna deles ou que se deve mortificar, sendo uma pecadora. Não! não age assim, senão acidentalmente, quando tem a inspiração de fazê-lo.

Sabe bem que tudo vem de Deus, até e sobretudo a consolação: *Deus totius consolationis* (2 Cor 1, 3). Aceita estas doçuras do céu sem apegar-se a elas. Recusá-las seria causar desgosto ao Pai do céu; seria sair da trilha da infância espiritual; isto seria contrariar os planos de Deus sobre ela.

Estes favores são necessários, visto que Deus os concede. São o óleo providencial, sem o qual as faculdades entorpecidas retardariam o movimento do mecanismo espiritual.

4. Mas as boas almas aceitam também as penas, as contrariedades, as contradições, as dificuldades cotidianas, as vicissitudes interiores, os sofrimentos físicos, as enfermidades corporais, os reveses de fortuna, a humilhação, a ingratidão, as penosas desilusões, o abandono dos homens, o isolamento interior, a incerteza do futuro e tantas outras cruces disseminadas, em toda a extensão, sobre o caminho da eternidade.

Já que tudo é querido e permitido por Deus, diz a si mesma a alma confiante, por que não o aceitaria?

Se aceitamos de vossa mão as coisas boas, por que não aceitaríamos as más? *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* (Job 2, 10).

Em todas as circunstâncias, a alma esforça-se em sorrir para Deus e em dizer *fiat*.

5. Aliás, o coração confiante, precisamente porque toma à letra as sentenças da Escritura, tem o segredo de eliminar de sua vida um grande número de sofrimentos e tirar de outros seu maléfico poder.

Quando, por exemplo, sofre necessidade dos bens da terra, não obstante sua assiduidade ao trabalho, repete a palavra de Nosso Senhor: *Beati pauperes* (Mt 5, 3), felizes os pobres. Deus é meu Pai, velará por mim: *Quoniam ipsi cura est de vobis* (1 Ped 5, 7).

Quando os cuidados futuros procuram perturbá-la, repete a palavra: *Sufficit diei malitia sua* (Mt 6, 34), a cada dia basta seu mal, o dia de amanhã terá as suas preocupações. *Jacla super Dominum curam tuam; ipse te enutriet* (Sl 54, 23). Entrega a Deus teus cuidados, ele te nutrirá.

Às vezes a injustiça dos homens a atinge, sua aversão ou sua oposição aberta a faz sofrer. Então diz: felizes os que sofrem perseguição pela justiça: *Beati*

qui persecutionem patiuntur propter justitiam (Mt 5, 10).

Outras vezes as tentações vêm assaltá-la e levam-na até à beira do precipício. Então temores se levantam nela: poderei sempre resistir? alcançarei o belo céu? Mas no mesmo instante a palavra de Nosso Senhor vem-lhe ao espírito: *Ego sum, nolite timere* (Jo 6, 20). Sou eu, não temais: *Non rapiet eos quisquam de manu mea* (Jo 10, 28). Ninguém os poderá arrancar de minha mão.

6. Quando o longo exílio pesa sobre ela como uma nuvem de tempestade, Jesus repete-lhe ao ouvido: *In patientia vestra possidebitis animas vestras* (Lc 21, 19) — possuireis vossas almas pela paciência. *Vado parare vobis locum* (Jo 14, 2) — vou preparar-vos um lugar no céu.

Quando sofrimentos físicos ou penas morais a acabrunham, repete como S. Paulo: *Non sunt condignae passionibus hujus temporis ad futuram gloriam quae revelabitur in nobis* (Rom 8, 18). Os sofrimentos desta vida não estão em proporção com a glória que nos está reservada.

Quando a pusilanimidade em face dos obstáculos paralisa o vigor de sua vontade, canta: *Si potes credere, omniaabilia sunt credenti* (Mc 9, 22). Se podes crer, tudo é possível àquele que tem confiança.

Se, enfim, seu coração sensível, magoado pelas desilusões, o abandono das criaturas, a ingratidão ou a frieza, se entristece e se lamenta, ouve logo uma voz interior: Eu te amei com amor eterno: *In caritate perpetua dilexi te* (Jer 31, 3), ou então ainda: *Non relinquam vos orphanos* (Jo 14, 18): não vos deixarei órfãos. *Ecce mater tua* (Jo 19, 27), eis tua Mãe, ela tem

cuidado contigo, ama-a, por tua vez, e encontrarás mais afeição íntima do que teu coração pode conter.

Assim, em todo tempo a alma confiante encontra força e consolação no sofrimento.

Além disto, ama a cruz, abraça-a com afeição, visto que a cruz não é um mal: o próprio Jesus amou-a, e para um coração amante toda cruz, toda provação converte-se em bem, ajuda-a a salvar almas.

7. A alma confiante, em harmonia com Deus por assentimento contínuo a todas as suas vontades, esforça-se também em conservar a harmonia entre suas próprias potências. É a segunda condição da paz interior.

O que perturba esta felicidade íntima em quase todas as almas é a falta de equilíbrio ou de medida nos desejos, nos temores, nas alegrias, nas tristezas, em geral nas emoções da parte sensível. Cumpre moderar seus desejos, manter entre eles a ordem que a razão e a fé prescrevem.

Quanto mais criamos necessidades por desejos imoderados, mais nos arriscamos a ser infelizes.

A felicidade não é alguma coisa absoluta, é uma relação. Depende da atitude de cada homem ante o bem que lhe é apresentado.

Se a vontade se adapta aos seus bens e se contenta com eles, é feliz.

Se, ao contrário, multiplica seus desejos, inquieta-se, visto que não alcança o que quer possuir.

Que facilidade possui a alma inteiramente entregue a Deus de encontrar aqui na terra a maior soma de felicidade?

8. Está na posse do maior bem, o único necessário. Sabe, por uma experiência íntima, que este bem substitui tudo para ela. Descobre melhor a inanidade das coisas criadas e desapega-se de tudo, por um ato

voluntário e consciente. Deus fornece tudo que lhe é necessário e útil para alcançar a única coisa que ela deseja: O amor total, a completa doação de si mesma a Jesus.

Não sente, pois, em si, nenhuma aspiração legítima não satisfeita, não deplora a falta de nenhum bem, visto que em Deus possui todos. Nunca tem decepções. Não receia ver suas petições recusadas pelo bom Mestre.

A alma confiante nunca tem, pois, razão de estar triste ou descontente.

Cultiva em si, naturalmente e sem esforço, uma disposição de otimismo, encanto de sua vida espiritual, e não teme vê-la em tempo algum desmentida.

Não pertence ela inteiramente a Deus e não está sempre contente com tudo?

E Santo Agostinho não disse: Deus está contente com aquele que está contente com Ele?

9. Enfim, para acabar de estabelecer em si a paz, a alma confiante esforça-se por viver em harmonia com o próximo.

Que pode ela fazer para manter este acordo tão belo com o próximo, que faz o encanto da sociedade, a felicidade das famílias e a paz íntima de cada homem?

Aqui a alma confiante possui seu segredo, muito simples, porém sobrenatural.

Aprendeu, antes de tudo, a conservar-se no último lugar. Aprendeí de mim, disse Jesus, que sou manso e humilde de coração e achareis o repouso de vossas almas: *Discite a me quia mitis sum et humilis corde et invenietis requiem animabus vestris* (Mt 11, 29).

Graças a esta disposição de humildade, ela possui a convicção de ser a última. Portanto, não tem motivo

de se ofender seja do que for, não tem razão alguma, aliás nenhum desejo de invejar os outros nem de ficar triste com seus sucessos.

A alma humildemente confiante em Deus não tem motivo algum de descontentamento quando não lhe damos atenção.

Como! meu verdadeiro lugar, diz ela a si mesma, era no inferno. Em toda parte em que eu me encontrar sobre a terra serei bem tratada demais.

10. Não tem, igualmente, nenhuma ocasião de ter altercações, visto que se considera a última de todas e não tem nenhum apego à sua maneira de ver ou agir.

Esta humildade ensina um outro segredo muito necessário para conseguir a paz com os outros. Este segredo consiste em não nos ocuparmos com seus negócios, em não nos metermos a julgar o que não nos compete.

Como este segredo é fácil de ser descoberto, mas quantos o descobrem e se conformam com ele na prática?

Não examineis — quando não tendes a obrigação de fazê-lo — o que dizem, pensam ou fazem os outros. Não vos informeis das novidades correntes. Não julgueis e não desaproveis ninguém, quando vossa consciência não o exige.

11. Poucas almas atingem, desde cá na terra, o grau de paz interior, e de felicidade íntima que Jesus nos prometeu. Poucas almas se esforçam por esvaziar o coração e ocupar-se da única coisa necessária.

Só a alma inteiramente entregue a Jesus por uma confiança filial desinteressa-se completamente do que não é Deus, e encontra a paz. Cultivemos esta paz interior: é um dos frutos do Espírito Santo. E' o resul-

tado da harmonia perfeita entre nós e Deus, entre nossas diferentes faculdades, entre nós e o próximo.

S. Paulo disse: *Gaudete, iterum dico, gaudete* (Filip 4, 4). Regozijai-vos, eu vo-lo repito, regozijai-vos. Quem, com efeito, poderá separar-nos do amor de Jesus Cristo? (Rom 8, 35). *A tribulação? a angústia? a fome? a nudez? os perigos? a perseguição? o gládio?...* Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem as potências, nem a altura, nem a profundidade, nem criatura alguma nos poderá separar da caridade de Deus que está no Cristo Jesus, Nosso Senhor.

ARTIGO II

A ALEGRIA PARTICULAR DE NADA SER

1. Há uma alegria particular, inefavelmente deliciosa, que só uma criatura pode experimentar: é a de nada ser.

S. Paulo experimentou-a quando dizia: "Eu me glorifico em minhas enfermidades: *Gloriabor in infirmitatibus meis* (2 Cor 12, 9). Os apóstolos sentiram-na por sua vez, quando voltavam para suas casas depois de haver sido açoitados, por ordem do sinédrio: *ibant gaudentes quoniam digni habiti sunt pro nomine Jesu contumeliam pati* (At 5, 41).

Todos os mártires experimentaram este mesmo gozo quando os expuseram à irrisão e aos insultos da plebe.

Os santos, com uma unanimidade surpreendente, repetiram a oração de S. João da Cruz: *Pati et contemni pro te*: Senhor, sofrer e ser desprezado por vosso amor.

la vida desprezada e desconhecida, senão de Jesus que, tendo tido a escolher entre a honra, as comodidades da vida e o opróbrio da cruz, escolheu a segunda, desprezando a confusão. *Qui, proposito sibi gaudio, sustinuit crucem, confusione contempta* (Heb 12, 2).

Como Deus, não podia gozar a delícia de nada ser, de ser desconhecido e desprezado, mas se fez homem, *exinanivit semetipsum*. E no seu desejo de humilhação, escolheu logo o último degrau, o que mais o aproximava do nada: *semetipsum exinanivit, formam servi accipiens* (Filip 3, 7). Aniquilou-se, tomando a forma de escravo.

E não é esta necessidade de aniquilamento, diante da divina majestade de seu Pai e da felicidade indizível que experimenta nesta humilhação, que lhe inspirou de ficar escondido, noite e dia, na Santa Eucaristia, sob as humildes espécies do pão!

3. Jesus! Detive-me hoje diante de um verme da terra, coberto de lama e arrastando-se aos meus pés na poeira... e senti meus olhos encherem-se de lágrimas.

Se este animal, dizia a mim mesmo, possuísse a razão e compreendesse sua humilde condição em face da minha e se consentisse em ser um simples verme e em mover-se com dificuldade e em nutrir-se da terra, por consideração a mim... parece-me que eu me sentiria sensibilizado: o amor deste ser insignificante comoveria meu coração e eu o amaria por minha vez.

E se, dirigindo-se a mim do fundo de sua baixeza, me dissesse: Nada mais desejo na minha miserável existência, livremente aceita, senão vos ser agradável. Quisera nunca fazer o menor movimento que vos pudesse desagradar ou causar desgosto. Oh! como esti-

maria este humilde animal e como ficaria sensibilizado com tanto devotamento.

E se continuasse dizendo que queria ficar sempre verme, para me proporcionar a felicidade de ser sempre dotado de inteligência, de liberdade e de nobreza, que seu único prazer consistiria sempre em me ver rico e feliz, oh! como eu me inclinaria com gratidão e respeito ante esse pequeno ser tão generoso e tão esquecido de si mesmo.

E se, enfim, acrescentasse que me consagrou todo o amor de que um verme da terra, coberto de lodo, pode ser capaz e quereria aumentar e elevar este amor, fazendo que todos os seus semelhantes a ele se associassem, oh! como o esforço desta humilde criatura me lançaria na admiração e me forçaria a amá-la por minha vez.

4. O' Jesus! Lembrai-vos que este pequeno verme da terra, arrastando-se aos vossos pés, sou eu.

Comparado à vossa majestade infinita, sou bem mais vil do que este pequeno verme o é comparado à minha dignidade de homem.

Mas, ainda que infinitamente pequeno, sinto uma alegria indizível em me arrastar sobre esta terra, aos vossos pés, coberto de poeira, para poder causar-vos prazer.

E se pudesse, por minha vontade, elevar-me como os anjos, levados por asas invisíveis até diante de vosso trono no céu, não o quereria para não vos desagradar.

Escutai-me quando, passando perto de mim no caminho em que me arrasto, vós me ouvirdes dizer: Jesus, eu vos amo.

Sou eu, pequeno verme da terra que diz ao Rei dos reis, ao Criador do universo, ao Deus eterno: Se-

nhor, amo-vos e não quero fazer nesta terra outra coisa senão vos amar.

E, se vos apraz permitir que, para vossa glória, sofra aqui na terra e seja ferido pelos pés dos transeuntes, consinto nisto voluntariamente, contanto que me seja dado repetir: Senhor, eu vos amo.

5. O' Jesus, Rei eterno, Rei de glória, compreendo que alegria íntima vos causa o espetáculo do homem que se debate nesta terra, nas tribulações e nos sofrimentos, quando vedes este ser de nada sorrir para vós apesar de tudo e dizer-vos: é por vós, grande Deus, é por vós, meu Salvador, que me amastes primeiro, que me livrastes de meu pecado e me permitistes amar-vos.

Compreendo que haja, para Deus, todo Deus que ele é, um prazer inefável, uma emoção deliciosa em se sentir assim amado por uma criatura tão humilde, tão vil.

Compreendo, Jesus, que, diante desta demonstração de amizade que vos testemunharia um verme da terra, não pudésseis resistir e respondêsseis: Se tu me amas, pequeno nada, saibas que eu te amo também, saibas que eu estaria pronto a recomençar, por ti, os trabalhos de minha Encarnação e os suplicios de minha morte sobre a cruz.

6. Mas, Jesus! um outro pensamento me atormenta e contrista.

Se este verme da terra, que se arrasta diante de mim, possuísse a razão e me dissesse: eu te odeio, homem dotado de inteligência e de liberdade, e quisera destruir-te porque és mais elevado do que eu... que aversão eu sentiria por um ser tão vil e ao mesmo tempo tão cheio de ódio e de orgulho!

Ah! não é este o sentimento do coração humano que vos ofende mortalmente! Este verme da terra quisera vos aniquilar.

Tudo o que possuí de força, quisera empregar para vos odiar e prejudicar, a vós que o criastes.

Toda a sua vida miserável, que arrasta pesadamente, é consagrada a premeditar a vingança, a mal-dizer quem está acima dele.

Afasta-se de Deus quando o vê passar perto. Suas contrações são outros tantos movimentos de cólera e de desprezo. Prefere ficar verme da terra e ras-tejar a receber um benefício de Deus. Quer viver na poeira e na lama, para escapar à luz e causar, por sua obstinação e sua recusa orgulhosas, desgosto ao seu Deus.

Oh! como é abominável e como este ser de ódio deve ser infeliz!

E como compreendo a dor infinitamente profunda que vos pode causar este orgulho e esta raiva de uma criatura, fosse ela um verme da terra!

7. Mas, bom Mestre, há uma dor mais íntima ainda e que vos parece afligir mais que o ódio declarado do pecador. É a que vos causa a alma que amastes com um amor especial e da qual não conseguis conquistar a confiança.

Se esta alma, este pequeno verme da terra, vendo-vos inclinado sobre ela, humilhado e aniquilado por ela até tomar sua própria natureza, repentinamente começasse a duvidar de vossa bondade. Se começasse a ter medo de vós, dizendo: sem dúvida, este Jesus é amante, humilhou-se por mim, porém é Deus. É bem certo que eu o possa amar como irmão? Ele é tão grande, tão santo e tão puro. Quem sabe se não guarda em

seu coração qualquer mágoa, a respeito de minhas faltas do passado?

E, se, depois disto, o homem se reduzisse à sua condição de verme da terra, guardando no seu coração uma secreta desconfiança, uma ligeira reserva, testemunhando a Jesus mais respeito servil do que amor filial e humilde abandono, oh! como esta reserva contristaria Jesus.

8. Não conseguirá o Todo-Poderoso, depois dos prodígios de amor e de humilhação, apoderar-se totalmente do amor livre e espontâneo de um verme da terra.

Como se sentiria ferido no seu amor e enganado nas suas esperanças, se visse que este pequeno ser, que amou tão integralmente, nutre por ele uma secreta desconfiança, receia entregar-se à sua Providência, à sua ternura, não tem confiança nas suas repetidas promessas, prefere seus congêneres àquele que tanto o amou, procura suas consolações e seu socorro nos seus semelhantes, vermes da terra como ele.

9. O' Jesus, não permitais que este sentimento de sutil desconfiança deite raízes no meu coração. Eu não quero causar-vos esta dor, não quero que o demônio, vosso inimigo e o meu, possa gloriar-se de haver erigido entre minha alma e vós uma barreira e de vos ter impedido de possuir inteiramente meu coração.

Mas, não! Eu vos amo e tenho confiança em vós, abandono-me a vós e lanço-me nos vossos braços, como o filho se lança nos braços de sua mãe, para o tempo e para a eternidade.

Não sou senão um verme da terra, sujo e rasteiro, mas vos pertencço, tal como sou e não desejo nada além de vós. Não quero ocupar-me de mim mesmo, mas unicamente de vós. Quero trabalhar e sofrer aqui na

terra. Quero, segundo minha condição humana, rastejar por vossa glória, rejubilar-me de meu nada e narrar vossa condescendência infinita.

ARTIGO III

A FELICIDADE DE AMAR A JESUS CRISTO

1. A alma confiante e humilde é feliz. Pode dizer a si mesma com toda a simplicidade: Sou filho de Deus. Não tenho razão alguma de me entregar à tristeza e tenho todos os motivos de ser alegre no Senhor.

Se quero, posso ter a consciência e o coração unido a meu Deus.

Os bens que me envia e os males que me permite são um benefício para mim, porque tudo coopera para o bem dos que amam o Senhor (Rom 8, 28).

Posso gozar com reconhecimento das belezas da natureza: são a obra de meu Pai dos céus.

Estou livre de todo cuidado, porque a querida Providência prevê em meu lugar.

Não invejo nada a ninguém porque o único bem invejável é o amor de Deus, e deste amor obtenho tanto quanto peço.

2. Não desejo nada com apego nem com força, a não ser a graça de pertencer totalmente a Jesus e a Maria.

Não almejo as honras, porque não sou senão um átomo diante de Deus, um pobre nada, um pecador.

Não tenho inimigos, porque amo todos os homens; não temo os que me odeiam, porque não me podem prejudicar.

Tenho muitos amigos; todas as criaturas servem-me, quer queiram quer não.

{ Sou o filho ternamente querido da augusta Rainha do universo. Ama-me como se só amasse a mim.

Amo Jesus mais que tudo, porque é o Bem Soberano.

Jesus faz todas as minhas vontades porque disse: "Pedi e recebereis"!

Posso causar prazer a este Jesus que morreu por mim, posso convidá-lo para minha casa, hospedá-lo no meu coração, viver com Ele numa intimidade inexprimível.

3. Posso sofrer por Jesus, associar-me à sua paixão e à sua redenção; posso povoar seu céu.

Posso transformar minhas menores ações e meus menores sofrimentos em ouro puro de caridade.

Posso renovar a vida de Jesus sobre a terra, em união com minha Mãe do céu; posso tornar minha vida fecunda para as almas.

E, no céu, viverei no próprio seio da divina Trindade, participarei da felicidade do próprio Deus.

E este céu já está próximo; meus irmãos e minhas irmãs já me esperam lá em cima e preparam minha morada.

O' coração confiante, tens bastante razão de ser feliz e de proteger tua felicidade contra os assaltos da tristeza.

4. O homem tem direito à alegria: é um fator de vida. O coração aspira à alegria como a planta aspira ao sol. Se está oprimido pela tristeza, enlanguece e perece.

Quanto mais uma alma é santa, mais alegre é porque mais se aproxima da Fonte única e inesgotável da felicidade. A alegria das almas puras sobre a terra já é a aurora do dia eterno da glória. "O sinal de todos

aqueles, diz S. Tomás¹⁾, que atingiram o cume do amor é uma alegria extraordinária, inalterável, uma serenidade de criança. Esta alegria é tão admirável, tão estável e tão espontânea que os filhos do século, vagando por acaso na companhia dos santos, são tentados a se escandalizarem!"

5. A tristeza, dizia Santa Catarina de Sena, é obra do demônio. Deixemos aqueles que lhe pertencem andar com a cabeça baixa: a nós, filhos de Deus, compete rejubilar-nos.

Nada temo tanto, dizia por sua vez Santa Teresa, como ver nossas irmãs perderem a alegria do coração.

S. João Crisóstomo, na sua carta à diaconisa Olimpia, chama à tristeza uma grande chaga, um mal indizível, um verme venenoso, uma febre maligna, um cruel tirano de feições severas.

E já o Pastor Hermas (mand. 10) escrevia: A tristeza é a irmã da dúvida e da cólera. Contrista o Espírito Santo e o expulsa. Revesti-vos da alegria que é sempre cara e agradável a Deus, e regozijai-vos.

E, verdadeiramente, todos os santos distinguiram-se por sua serenidade, seu bom humor inalterável, a doçura de seu comércio, a amenidade de maneiras.

Santo Antão, no deserto, era distinguido entre seus irmãos, pelos visitantes estranhos, pela alegria estampada na sua fisionomia.

6. No deserto de Cítia, um monge ia render o último suspiro. Os irmãos que o cercavam já o acreditavam morto quando o viram abrir os olhos e, por três vezes, sorrir de alegria de haver vivido e de morrer assim como Deus lhe havia inspirado.

São Francisco de Assis, pelo fim de sua vida, desejou um dia vivamente ouvir cantar um cântico ao som

¹⁾ Citado por Weiss, Apol. III, p. 831.

da guitarra. O irmão enfermeiro pôs dificuldades porque temia escandalizar os companheiros de Francisco. Mas, na noite seguinte, um anjo veio, trazendo um violino. "Francisco, disse ele, vou tocar diante de ti como tocamos diante do trono de Deus". Apoiou o instrumento no queixo e, com o auxílio do arco, tirou dele um único som. Francisco experimentou uma alegria tão inexprimível que esqueceu que tinha um corpo e pensou morrer de amor!

7. Deus gosta de nos ver contentes. Sofre por ter em seu serviço corações oprimidos pela melancolia como se seu jugo fosse pesado.

Jesus Cristo sofreu durante toda a sua vida, pela previsão de seus tormentos, mas, simultaneamente, era feliz pelo pensamento de que seríamos resgatados e o amariamos ternamente.

Na noite de sua paixão, em face da morte, dizia ainda aos seus discípulos: *Non turbetur cor vestrum neque formidet* (Jo 14, 27), que vosso coração não se perturbe e que não tema... *Tristitia vestra vertetur in gaudium* (Jo 16, 20), vossa tristeza se transformará em alegria... *Volo ut gaudium vestrum sit plenum* (Jo 15, 11): quero que vossa alegria seja completa.

Quis que seus discípulos se distinguissem pela unidade do amor e pela alegria: os primeiros cristãos, está dito, partiam o pão e tomavam sua refeição com alegria e simplicidade de coração (At 2, 46).

8. Nada de surpreendente que Jesus deteste a tristeza. Oprime o coração, preocupa o espírito, enfraquece a energia da vontade.

Cria uma disposição permanente de descontentamento e de crítica, torna as relações de sociedade desagradáveis, fomenta a discórdia, engendra a aspereza e o egoísmo.

Como é belo, ao contrário, o coração sempre contente, o caráter sempre calmo e igual para consigo mesmo, humilde e benevolente para o próximo.

Como é confortante encontrar, na estrada da vida, homens que espalham a felicidade. Lá onde se apresentam, o sofrimento desaparece, a blasfêmia extingue-se nos lábios. Possuem um dom admirável para influenciar os seus semelhantes: uma palavra, um gesto, um olhar restabelece a paz e pensa as feridas.

9. Que sejam abençoados estes benfeitores da humanidade, estes semeadores de alegria e de caridade cristã.

Hauriram este segredo no próprio coração de Nosso Senhor que passou fazendo o bem, que nunca quebrou a cana fendida, nem extinguiu o pavio fumegante, que curou todos os langores e todas as enfermidades.

Quanto mais um coração penetrou no de Jesus e entregou-se à sua benfazeja ação, mais aprendeu a ser sempre feliz e espalhar em redor de si a felicidade.

ARTIGO IV

A FELICIDADE DE SER FILHO DE MARIA

1. Há uma alegria especial no cristianismo que não se encontra em nenhuma outra parte. É a alegria do cristão em chamar a Santíssima Virgem sua Mãe.

Esta alegria é, ao mesmo tempo, ufania, porque esta Mãe é imensamente *grande* e santa, elevada acima de todas as criaturas. Esta alegria é também *ternura*, porque esta Mãe é incomparavelmente *amante*. Enfim esta alegria é *confiança* ilimitada, porque esta Mãe é *boa*, boníssima.

2. Esta alegria da alma cristã em repetir à Santíssima Virgem: Vós sois minha Mãe, é antes de tudo misturada de um sentimento de altivez.

A Santíssima Virgem que é nossa Mãe é, ao mesmo tempo, a digna Mãe de Jesus.

Jesus, exilando-se na terra, criou-a de propósito para que substituísse perto dele toda a corte celeste, lhe deu um coração capaz, pela grandeza e ternura, de compreender e de consolar o seu.

O Pai celeste fez dela sua Filha de predileção, esgotou de algum modo sua sabedoria, seu poder e sua eternidade em pensar nela, e em prepará-la para a dignidade de Mãe do Filho de Deus.

O Espírito Santo, por sua vez, ornou-a como uma Esposa bem-amada com a infinidade dos seus dons, e enriqueceu-a com todas as graças.

Fê-la imaculada, única isenta de pecado original e de todas as suas tristes consequências.

Conservou-a, por um privilégio único, numa inocência absoluta que eclipsa a de todos os anjos.

Jesus resgatou-a com ciosa ternura, antes de qualquer falta, pelos méritos futuros de seu sangue. Destinou-a assim para assegurar, de algum modo, só por sua beleza, sua pureza e sua santidade, o fruto da Redenção do mundo inteiro.

3. Esta criatura sublime foi associada em seguida a Jesus na Redenção do mundo, foi constituída, por seu próprio Filho, Medianeira universal de todas as graças dadas aos homens. Foi destinada para ser a dispensadora de todas estas graças a cada um em particular. Foi proclamada Mãe espiritual de toda a humanidade e encarregada por Deus de engendrar para a vida sobrenatural todos os cristãos, de nutri-los, de

assisti-los na morte, de introduzi-los no mundo da glória.

4. Esta Mãe incomparável não é somente grande, bela, imaculada, santa, é também *amante*, doce, compassiva, humilde, acessível e cheia de materna ternura para cada um de seus filhos.

A Santíssima Virgem ama-nos com um amor materno como toda mãe ama seu filho.

Mas em si este amor é imensamente mais perfeito, mais penetrante e mais terno, porque suas faculdades de inteligência, de vontade e de coração são de uma delicadeza incompreensíveis.

Nela este amor é proporcionado ao amor que consagra a Deus. O mesmo coração materno que amou Jesus sobre a terra continua a amá-lo em cada um de nós e esforça-se para o fazer crescer em nós.

5. Nela, amar é amar de todo o seu coração materno, é amar com a vontade e com o sentimento, com esta graça espiritual tão completamente mergulhada em Deus e este coração humano tão inteiramente voltado para nós.

Este amor da Santíssima Virgem não é um amor abstrato. Não! é um amor muito concreto, sobrenatural e natural ao mesmo tempo, divino e humano, espiritual e sensível. E' toda a sua pessoa que nos ama. E' a Mãe de Jesus e a nossa, é a Virgem imaculada toda santa e toda condescendente que nos ama, a cada um em particular, como se nós fôssemos sòzinhos na terra.

Aí temos bastante direito de nos alegrar e de amar, por nossa vez, a Santíssima Virgem com uma ternura filial.

6. Os protestantes eliminaram de sua vida esta fonte de felicidade íntima, negando sua Mãe. Os jan-

senistas foram ofuscados pelo amor terno e confiante que testemunham a Maria os filhos da Igreja Católica e quiseram arrefecer, nos corações crentes, esta devoção filial espontânea que faz o encanto da piedade.

Seus esforços, porém, são baldados. Todos os verdadeiros filhos da Igreja têm sempre consagrado à sua Mãe o culto mais filial.

E' verdade que entre os fiéis há graus e matizes na afeição que consagram à Santíssima Virgem. Há os que lhe testemunham mais veneração que amor, mais respeito que confiança. Há os que servem mais pelo espírito do que pelo coração. Este amor é bom, sem dúvida, mas as almas confiantes não se podem contentar com isto.

Há, com efeito, um amor mais elevado comunicado pelo dom de piedade. E' o amor plenamente filial e inteiramente confiante. E' Jesus que o dá fazendo a alma compartilhar de seu próprio espírito de amor, de sua própria ternura filial por sua Mãe.

As almas que aspiram à santidade nunca se deveriam cansar de pedir este amor.

7. Já que a Mãe do céu nos ama com um amor pessoal que abrange todo o seu ser sobrenatural e natural, sua alma e seu coração sensível, por que não nos seria permitido a nós, seus filhinhos, amá-la igualmente?

Já que Jesus, por uma delicadeza infinita, no-la deu por Mãe, por que não nos poderíamos portar a seu respeito com abandono e a confiança de filhos amantes?

Jesus não pôs limite algum à sua ternura filial para com ela. Quer, pois, que não ponhamos nenhum, visto que quis que nós o substituíssemos junto a Ela.

Oh! quanto Maria é feliz, no seio de sua felicidade sem limites, de poder dizer a si própria, que sobre esta

terra longínqua, neste lugar de exílio e de lágrimas, há pobres criaturas humanas sem cessar em luta com as tentações e as provações da vida, que passam sua existência pensando nela, amando-a e chamando-a sua Mãe!

8. Mas nossa alegria de sermos filhos de Maria não é somente feita de orgulho e de ternura, é impregnada de um sentimento de filial e absoluta *confiança*, porque a Santíssima Virgem é uma Mãe *boníssima*.

Oh! a mãe terrestre não tem necessidade de ser estimulada a ser boa para com o filho a quem deu a existência. Assim a Santíssima Virgem não tem necessidade de fazer violência ao seu coração para se mostrar compassiva, misericordiosa com seus filhos, mesmo os mais infelizes. E' mãe, logo é boa mãe. E' uma mãe divina, logo é incomparavelmente boa. E é este privilégio materno de poder ser boa e generosa para com seus filhos que constitui sua felicidade.

Que alegria íntima, que felicidade profunda para uma mãe terrestre, sentir os bracinhos do recém-nascido, estreitá-la, sentir sua mãozinha esconder-se na sua mão materna.

A mãe goza imensamente mais de seu filho do que este goza de sua mãe. Goza a alegria de haver dado a este pequeno ser tudo que possui, e a criança só possui a alegria de receber.

A mãe tem a felicidade de amar conscientemente, excessivamente, de uma maneira absolutamente desinteressada e o filho só tem a felicidade, muitas vezes inconsciente, de ser amado. Oh! feliz mãe!

9. Assim, boa Mãe do céu, gozais muito mais da felicidade de ser minha Mãe do que eu poderia gozar de ser vosso filho.

O amor que me dedicais, causa-vos mais gozo íntimo do que me poderia causar a doce certeza de ser amado por vós.

E', pois, antes de tudo, para vos fazer tornar feliz que eu me abandonarei entre vossos braços, que eu vos confiarei meus pensamentos, minhas vontades, meus desejos, meu futuro e minha eternidade, que eu vos dirigirei minhas orações de filho, até as mais audaciosas.

10. O' Maria, minha Mãe, obtende-me a graça de realizar plenamente os eternos desígnios de bondade que Deus formou a meu respeito, de chegar, não obstante minhas inumeráveis infidelidades, ao grau de amor que Jesus me preparou.

Obtende-me de passar do tempo para a eternidade com confiança filial e a segurança do filho adormecido no colo de sua mãe.

Como me lancei nos vossos braços durante minha vida sem segunda intenção, assim o faço para a eternidade.

Obtende-me a graça, nesta última hora, de esquecer-me de mim mesmo e de meus interesses e de unir minha morte ao sacrifício de Jesus sobre a cruz e sobre os altares do universo, pela glória do Pai celeste.

11. O' minha Mãe, quando, nesses últimos instantes, o inferno sugerir-me dúvidas ou apreensões, responder-lhe-ei, com vosso auxílio: *In his quae Patris mei sunt oportet me esse* (Lc 2, 49). Nessa hora final devo estar inteiramente absorvido pelos negócios de meu Pai.

E, se me esquecer de falar assim, ó minha Mãe, vós mo lembrareis. Então, me envolvereis tanto por vossa bondade, ocupareis tão bem todas as minhas facul-

dades com pensamentos e sentimentos de confiança, que o inferno se retirará confundido e deixar-me-á, para a eternidade, confiante nos vossos braços.

Assim seja!

Laudetur Jesus et Maria semper Virgo. — Nunc et semper.

Holosko, 15 de fevereiro de 1929.

ÍNDICE

Introdução	5
------------------	---

CAPITULO I

A CONFIANÇA

ARTIGO I	
A alma deve esperar a graça de atingir a perfeição	11
ARTIGO II	
Primeiro motivo de confiança: Deus é bom	15
ARTIGO III	
Segundo motivo de confiança: Deus é todo-poderoso	20
ARTIGO IV	
Terceiro motivo de confiança: Deus é fiel às suas promessas	24

CAPITULO II

A ORAÇÃO

ARTIGO I	
Necessidade da oração	29
ARTIGO II	
Qualidades da oração	33
ARTIGO III	
Defeitos a evitar na oração	38
ARTIGO IV	
O espírito de oração	43

CAPITULO III

A HUMILDADE

ARTIGO I	
Vista de conjunto	47
ARTIGO II	
A humildade de espirito	53
ARTIGO III	
A humildade de coração	58
ARTIGO IV	
A humildade de ação	63

CAPITULO IV

A RENÚNCIA

ARTIGO I	
Moderar a pretensão do espirito	68
ARTIGO II	
Cultivar a virgindade do coração	74
ARTIGO III	
Reformar o caráter	78
ARTIGO IV	
A compunção	85

CAPITULO V

CONHECER JESUS CRISTO

ARTIGO I	
O objeto da oração: Jesus Cristo	90
ARTIGO II	
A oração de meditação	95
ARTIGO III	
A oração de amorosa adesão a Deus	100

ARTIGO IV

O inimigo da vida de oração	107
-----------------------------------	-----

CAPITULO VI

AMAR JESUS CRISTO

ARTIGO I	
A divina amizade entre Jesus e a alma	109
ARTIGO II	
O amor da vontade	114
ARTIGO III	
O verdadeiro amor inclui o dom de si	120
ARTIGO IV	
O amor verdadeiro estende-se ao próximo	126

CAPITULO VII

IMITAR JESUS CRISTO

ARTIGO I	
A transformação da alma em Jesus Cristo	131
ARTIGO II	
O espirito de dever	135
ARTIGO III	
O trabalho espiritual	141
ARTIGO IV	
Como a alma deve intensificar sua atividade	145

CAPITULO VIII

O EXERCÍCIO DOS DONS DO ESPÍRITO SANTO OS DONS DA ORAÇÃO

ARTIGO I	
O exercício habitual dos dons do Espírito Santo	150
ARTIGO II	
A contemplação. — Seus sinais e seus escolhos	157

ARTIGO III	
As consolações da contemplação	164
ARTIGO IV	
As provações da contemplação	170

CAPITULO IX

OS DONS DA AÇÃO

ARTIGO I	
O dom de conselho	175
ARTIGO II	
O dom de piedade	180
ARTIGO III	
O dom de força	186
ARTIGO IV	
O dom de temor	190

CAPITULO X

OS FRUTOS DO ESPIRITO SANTO

ARTIGO I	
A paz	196
ARTIGO II	
A alegria particular de nada ser	203
ARTIGO III	
A felicidade de amar a Jesus Cristo	209
ARTIGO IV	
A felicidade de ser filho de Maria	213